

**ANDRÉ DONEY FONSECA**

**AS FRONTEIRAS DAS LEITURAS: IMPRENSA E PRÁTICAS DE  
LEITURA NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS (1980-1990)**

**DOURADOS – 2011**

**ANDRÉ DONEY FONSECA**

**AS FRONTEIRAS DAS LEITURAS: IMPRENSA E PRÁTICAS DE  
LEITURA NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS (1980-1990)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *História, Região e Identidades*.

Orientador: Prof. Dr. **Jérri Roberto Marin**.

**DOURADOS – 2011**

**ANDRÉ DONEY FONSECA**

**AS FRONTEIRAS DAS LEITURAS: IMPRENSA E PRÁTICAS DE  
LEITURA NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS (1980-1990)**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente e orientador:

Jérri Roberto Marin (Dr., UFGD) \_\_\_\_\_

2º Examinador:

Maria Aparecida de Aquino (Dr., USP/MACKENZIE) \_\_\_\_\_

3º Examinador:

Eudes Fernando Leite (Dr., UFGD) \_\_\_\_\_

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar as políticas editoriais de dois importantes periódicos publicados pela Igreja Assembleia de Deus na década de 1980, o jornal *Mensageiro da Paz* e a revista *Lições Bíblicas*, e a recepção de ambos os periódicos por um leitor que exerceu a função de professor da escola dominical nessa mesma década. Primeiramente, foram observadas as representações dos editores sobre os leitores inscritas nas páginas do jornal *Mensageiro da Paz* e da revista *Lições Bíblicas* e os elementos composicionais e textuais que visavam controlar as formas de usos dos impressos e os sentidos atribuídos às mensagens veiculadas nesses dois periódicos. Em um segundo momento, passou-se à análise das práticas de leitura do *Mensageiro da Paz* e da *Lições Bíblicas* a partir de uma série de registros de leitura de um fiel assembleiano. Na década de 1980, a Assembleia de Deus recorreu a uma série de medidas editoriais com o intuito de defender os interesses da Igreja naquela conjuntura em que importantes transformações políticas e sociais estavam em marcha no Brasil. Assim, utilizou o jornal *Mensageiro da Paz* para propagar mensagens que criticavam diretamente os “excessos e perigos” que acompanhavam a democratização do país além de textos diversos que tratavam de assuntos sobre o panorama político e econômico do Brasil. A *Lições Bíblicas* também passou por reformulações, todavia, por se tratar de um impresso publicado para atender as escolas dominicais, os temas relacionados ao momento político pelo qual passava o país receberam um tratamento indireto nessa revista para evitar que assuntos relacionados à política fossem objeto de discussão no interior dos templos. Entretanto, com amparo metodológico em importantes estudiosos da história da leitura, como Roger Chartier e Robert Darnton, na noção de *habitus* do sociólogo Pierre Bourdieu e nas noções de *estratégia* e *táticas* desenvolvidas pelo historiador Michel de Certeau, demonstrou-se nesta dissertação que as *estratégias* editoriais minuciosamente articuladas pela Assembleia de Deus para criticar os novos rumos políticos do país e, ao mesmo tempo, evitar a politização do espaço “sagrado” dos templos, não foram capazes de exercer completo controle sobre a leitura, pois por meio das *táticas* de consumo o leitor conduziu suas leituras nas fronteiras entre o proibido e o consentido, selecionando, recortando e reinterpretando as mensagens vinculadas no *Mensageiro da Paz* e na revista *Lições Bíblicas* para aproximá-las dos problemas cotidianos vividos por grande parte da população brasileira no conturbado cenário político e econômico da década de 1980.

**Palavras-Chave:** Assembleia de Deus; Imprensa; Práticas de Leitura.

## ABSTRACT

This study has the objective to analyze the editorial policies of two important periodicals published by Assembly of God Church in the 1980's, the journal *Mensageiro da Paz* and the magazine *Lições Bíblicas*, and the reception of both by a reader that exercises the function of teacher on dominical's school during the same decade. Firstly, were observed the representations of the editors about the readers enrolled on the pages of the journal *Mensageiro da Paz* and the magazine *Lições Bíblicas* and the compositional and textual elements which sought ways to control the uses of these periodicals and the meanings attributed to the messages conveyed in them. In a second moment, the practices of lecture of *Mensageiro da Paz* and the *Lições Bíblicas* were analyzed from a series of records of a reading done by a faithful of the Assembly of God Church. In the 1980's, the Assembly of God resorted to publishing a series of editorial measures to defend the interests of the Church in that environment in which important political and social changes were underway in Brazil. So, it used the journal *Mensageiro da Paz* to propagate messages that directly criticized the "excesses and dangers" that accompanied the democratization of the country in addition to various texts that treated the subjects about the political and economic scene of Brazil. The *Lições Bíblicas* also went through reformulations, however, it was a magazine published to serve the dominical's schools, the themes related of the political moment of the country received and indirect approach in this magazine to avoid the political issues were subject of discussion within the temples. However, with methodological support in important researchers of the history of reading, like Roger Chartier and Robert Darnton, the notion of *habitus* of the sociologist Pierre Bourdieu and the concepts of *strategy* and *tactics* developed by historian Michel de Certeau, it was demonstrated in this work that the editorial *strategies* carefully articulated by the Assembly of God to criticize the new political direction of the country and, at the same time, to avoid the politicization of the "sacred" temple's space, were not able to exercise complete control over the reading, because through the use of *tactics* of consume the reader led his reading between prohibited and consent by selecting, cutting and re-interpretating the messages linked in the *Mensageiro da Paz* and the *Lições Bíblicas* to bring them closer to the everyday problems experienced by a huge part of the population in the troubled political and economic 1980's.

**Keywords:** Assembly of God; Press; Practices of Reading.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Capa do jornal <i>Mensageiro da Paz</i> de setembro do ano de 1979.....	51
<b>Figura 2</b> – Capa do jornal <i>Mensageiro da Paz</i> de outubro do ano de 1979.....	51
<b>Figura 3</b> – Capa da <i>Lições Bíblicas</i> do segundo trimestre de 1981.....	79
<b>Figura 4</b> – Capa da <i>Lições Bíblicas</i> do segundo trimestre de 1981.....	80
<b>Figura 5</b> – Lição 1 do segundo trimestre de 1981.....	82
<b>Figura 6</b> – Lição 1 do terceiro trimestre de 1981.....	83

## LISTA DE TABELAS

<b>Gráfico 1:</b> Distribuição de livros de acordo com o ano de publicação.....	121
<b>Quadro 1:</b> Relação entre a população do Brasil e a tiragem de livros nos anos.....	122
<b>Gráfico 2:</b> Distribuição dos livros por categoria.....	123

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**AD** – Assembleia de Deus

**AI5** – Ato Institucional número 5

**CAPED** – Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical

**CDI** – Conselho de Desenvolvimento Industrial

**CEBs** – Comunidades Eclesiais de Base

**CGADB** – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

**CNBB** – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

**CONAMAD** – Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil - Ministério de  
Madureira

**CPAD** – Casa Publicadora das Assembleias de Deus

**ESG** – Escola Superior de Guerra

**GEIPAG** – Grupo Executivo das Indústrias de Papel e Arte

**IBASE** – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

**ISER** – Instituto de Estudos de Religião

**LB** – Lições Bíblicas

**MDB** – Movimento Democrático Brasileiro

**MP** – Mensageiro da Paz

**OAB** – Ordem dos Advogados do Brasil

**PDS** – Partido Democrático Social

**PDT** – Partido Democrático Trabalhista

**PMDB** – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

**PP** – Partido Popular

**PT** – Partido dos Trabalhadores

**PTB** – Partido Trabalhista Brasileiro

**SUNAB** – Superintendência Nacional de Abastecimento

**SNEL** – Sindicato Nacional dos Editores de Livros



## SUMÁRIO

Lista de ilustrações .....	06
Lista de tabelas.....	07
Lista de abreviaturas e siglas .....	08
<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>I – INFORMAÇÃO, POLÍTICA E FÉ: A REPRESENTAÇÃO DO LEITOR NO JORNAL <i>MENSAGEIRO DA PAZ</i> NA DÉCADA DE 1980.....</b>	<b>27</b>
1.1) O processo de redemocratização do Brasil.....	28
1.2) A AD e a política.....	39
1.3) Informação, política e fé: o <i>Messageiro da Paz</i> na década de 1980.....	45
<b>II – ENSINO, FÉ E POLÍTICA: A REPRESENTAÇÃO DO LEITOR NA REVISTA <i>LIÇÕES BÍBLICAS</i> NA DÉCADA DE 1980.....</b>	<b>69</b>
2.1) A reestruturação da revista <i>Lições Bíblicas</i> na década de 1980.....	70
2.2) Ensino, fé e política: a revista <i>Lições Bíblicas</i> na década de 1980.....	84
<b>III – AS FRONTEIRAS DA LEITURA: PRÁTICAS DE LEITURA DA REVISTA <i>LIÇÕES BÍBLICAS</i> E DO JORNAL <i>MENSAGEIRO DA PAZ</i> NA DÉCADA DE 1980.....</b>	<b>109</b>
3.1) O leitor nas fronteiras.....	110
3.2) As fronteiras das leituras: práticas de leitura da revista <i>Lições Bíblicas</i> e <i>Messageiro da Paz</i> na década de 1980.....	123
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>153</b>
<b>Fontes e Referências.....</b>	<b>157</b>
<b>Apêndice e anexos.....</b>	<b>168</b>

## INTRODUÇÃO

“Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro ludista, o tecelão do ‘obsoleto’ tear manual, o artesão ‘utópico’ e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade”.<sup>1</sup>

A célebre frase de Edward Palmer Thompson, em epígrafe, demonstra o deslocamento que houve no olhar historiográfico, antes voltado aos “grandes acontecimentos” e aos “grandes homens”, no modelo de história positivista, estritamente política, dita objetiva, praticada no século XIX. A partir dos estudos econômicos e sociais dos primeiros historiadores do movimento dos *Annales*, já no século XX, até a chamada Nova História desenvolvida pela terceira geração *annalista* na década de 1960, cada vez mais as mulheres, os operários, os prisioneiros, ou como definiu Michele Perrot, os “excluídos da história”<sup>2</sup>, passaram a ser objeto de interesse dos estudos históricos.

A chamada *Nouvelle Histoire* – representada pela terceira geração dos *Annales* (Jacques Le Goff, Pierre Nora, George Duby, Jean Delumeau, entre outros) – propôs uma (re)ordenação das possibilidades de abordagens e dos temas históricos<sup>3</sup> centrando-se em pesquisas norteadas pela perspectivas da Antropologia Histórica e da História das Mentalidades<sup>4</sup>. Em outra frente, surgiam autores como Giovanni Levi e Carlo Ginzburg, representantes da chamada Micro-História italiana e ainda, historiadores norte-americanos preocupados com estudos culturais como Natalie Z. Davis e Robert Darnton.<sup>5</sup>

Nesse mesmo período, importantes trabalhos dos historiadores marxistas ingleses voltados aos costumes foram produzidos. Esses historiadores, também chamados de “neo-marxistas”, reformularam conceitos clássicos, como, por exemplo, o de classe social,

---

<sup>1</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*, p. 13.

<sup>2</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*.

<sup>3</sup> LE GOFF, Jacques. *A História Nova*.

<sup>4</sup> BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história*. Novas perspectivas.

<sup>5</sup> BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História*.

impetrando novas noções como a de *experiência*. Destaca-se nesse grupo o Historiador Edward P. Thompson com seu livro *A formação da Classe operária inglesa*.

Nos anos oitenta, algumas revisões enriqueceram ainda mais o campo teórico e metodológico da História. O uso de noções como *representação, prática, narrativa, sensibilidades e imaginário*, frente à fragilidade de outras como *mentalidades* é um exemplo desse momento em que se passou a falar em História Cultural<sup>6</sup>. Distinguem-se aí, o historiador Roger Chartier com seus estudos sobre a história da leitura e teoria da História e Michel De Certeau que, ao estudar a reutilização e a (re)invenção do cotidiano a partir das escolhas dos sujeitos e suas relações com a cultura material existente em determinados contextos históricos, trouxe a discussão sobre as noções de “construção cultural” e de “apropriação cultural”.

Ao se considerar que a História Cultural propôs a realização de estudos históricos sobre a cultura, que dimensionassem as classes sociais que produzem e consomem os bens culturais, entende-se por que a compreensão das práticas de leitura foi, em maior ou menor medida, uma preocupação de Roger Chartier e Michel de Certeau.

No entanto, o estudo das *práticas culturais* remete à *recepção, à apropriação cultural*, ou seja, ao momento em que determinado bem cultural chega às mãos de um consumidor que dele pode fazer diferentes usos, inclusive usos que distam do que fora pensado por aqueles que produziram esse bem cultural. Em se tratando da história da leitura, que na perspectiva da Nova História Cultural tem por objetivo central compreender como os indivíduos leram e deram sentido às mensagens contidas nos textos de natureza diversa, há um elemento complicador: como acessar as leituras antigas se o ato da leitura é uma atividade extremamente subjetiva e que tão poucos rastros deixa para a posteridade? Esse é um ponto que tem suscitado debates nos últimos anos entre os estudiosos ocupados com a história da leitura, conforme indica a indagação de um dos mais importantes historiadores desse tema: “a leitura possui uma história. Mas como recuperá-la?”<sup>7</sup>.

Importante interlocutor desse debate, Roger Chartier em diversas publicações demonstra as dificuldades envolvidas na história da leitura e apresenta sua opção metodológica para o enfrentamento dos desafios que se impõem aos historiadores preocupados com as diferentes formas de leitura a que estão sujeitos os impressos em diferentes momentos históricos.

---

<sup>6</sup> BURKE, Peter. O que é história cultural?

<sup>7</sup> DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, p. 200.

A história das práticas de leitura na concepção de Chartier tem por objetivo inferir sobre a aparente contradição existente entre o “caráter todo-poderoso do texto” e a “liberdade primordial do leitor”. Em outras palavras:

identificar para cada época e para cada meio as modalidades partilhadas de ler – aos quais dão formas e sentidos aos gestos individuais – e que coloca no centro de sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construído uma significação<sup>8</sup>.

Mas a identificação das modalidades partilhadas de leitura, da produção histórica do sentido e dos processos que levam a diferentes significações não é um empreendimento simples. Tem-se a leitura que é, conforme Chartier<sup>9</sup> prática criadora, uma atividade produtora de sentidos singulares, de significações que não são redutíveis às intenções dos autores ou de quem produz o impresso e tem-se o autor, o comentador e/ou editor dos textos que tentam exercer um controle sobre o sentido que os leitores vão atribuir aos impressos, visando aproximá-los ao máximo de uma “compreensão correta”, de uma “leitura autorizada”.

Para Chartier, são nas fendas dessa tensão que deve operar a história da leitura, considerando a relação entre a “liberdade dos leitores” e as “tentativas de controle dessa liberdade”. Para analisar a tensa relação entre o leitor e quem escreve ou produz o texto, Chartier propõe que o historiador percorra um duplo caminho: “identificar a diversidade das leituras antigas a partir de seus esparsos vestígios e reconhecer as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada”<sup>10</sup>.

No entanto, pesquisar os impressos levando em conta as diferentes formas de recepção a que eles estão sujeitos é uma tarefa muito complexa, por isso, a solução apresentada por Chartier traz em si uma nova dificuldade a ser enfrentada: a raridade das fontes que permitem reconstituir as leituras ordinárias. Segundo Chartier, as fontes que trazem indícios diretos sobre as formas individuais de leitura são encontradas somente em ocasiões “fora do comum” e por mais importante que possa ser esse tipo de registro para o acesso às diferentes formas de apropriação dos impressos, eles não resolvem por si só o implexo estudo da recepção. Roger Chartier fala das limitações desse tipo de material nos seguintes termos:

Esses testemunhos, que se devem coletar cuidadosamente, apresentam evidentemente um problema, na medida em que não é simples separar aí o que é

---

<sup>8</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, p. 122.

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, p. 123.

<sup>10</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, p. 123.

uso comum e hábito pessoal, exemplaridade social e especificidade individual. Acima de tudo, sua raridade impede que sejam considerados como únicos vestígios a partir dos quais se pode construir uma história da leitura, que não pode ser uma coleção de estudos de caso<sup>11</sup>.

Em face desse problema, Roger Chartier propõe um estudo das práticas de leitura inscritas no próprio objeto impresso, já que todo texto, segundo Chartier “traz em suas linhas os vestígios da leitura que seu editor supõe existir nele e nos limites de sua possível recepção”.<sup>12</sup> Nessa definição, uma história da leitura deve considerar que os sentidos atribuídos a um texto dependem de uma série de dispositivos e regras que permitem e restringem a formação desses sentidos. Deve-se considerar, ainda, que o “mundo do leitor” está ligado à “comunidade de interpretação” a que pertence, em que se partilham um conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses, daí a importância atribuída por Chartier à “materialidade dos textos” e à “corporalidade dos leitores”<sup>13</sup>. O processo pelo qual são atribuídos sentidos aos materiais impressos só podem ser reconstituídos a partir da relação entre três aspectos: “o texto, o objecto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera”<sup>14</sup>.

Para Robert Darnton, entretanto, a metodologia de Roger Chartier em suas pesquisas sobre história da leitura, embora tenha trazido grandes contribuições ao apontar a importância da materialidade dos impressos, dos suportes pelos quais os textos chegam até os leitores e a compreensão das diferentes formas como um texto pode ser lido e interpretado, não consegue lançar luzes sobre a apropriação dos impressos.<sup>15</sup>

Ao se referir à pesquisa de Roger Chartier sobre um clássico espanhol, *A historia de la vida de Búscón*, de Francisco Quevedo, Robert Darnton reafirma a importância desse pesquisador francês para a história da leitura, mas ressalta que a apropriação do texto de Quevedo pelos leitores lhe escapa pela falta de registros diretos de leitura. A pesquisa de Chartier comentada por Robert Darnton trata especificamente das edições do texto de Francisco Quevedo, preparadas em meados do século XVII pelas editoras Oudot e Garnier da comunidade de Troyes. Nesse estudo, Chartier demonstrou que houve muitas adaptações que levaram em conta o público a que se destinavam as edições populares do livro *A historia de la vida de Búscón*, texto originalmente escrito para um público sofisticado, mas que passou por

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de Leitura*, p. 96.

<sup>12</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de Leitura*, p. 96.

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*, p. 258.

<sup>14</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, p. 127.

<sup>15</sup> DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*.

uma série de mudanças tipográficas nas mãos dos editores de Troyes que o remendaram, fragmentaram a narrativa em unidades simples, subdividiram os parágrafos e multiplicaram o número de capítulos. Com isso, Chartier demonstrou que a nova estrutura tipográfica da novela de Quevedo implicava um novo público e um novo tipo de leitura.

Mesmo reconhecendo os avanços desse modelo de pesquisa que busca mapear as leituras inscritas no próprio texto, Robert Darnton ressaltou: “exatamente como [a] recepção ocorr[e], permanec[e] um mistério, porque Chartier se limita a analisar o livro como um objeto físico”<sup>16</sup>. Isto é, por não ter acesso direto a registros de leitura dos homens e mulheres que movimentaram por muito tempo o mercado literário conhecido como *Bibliothèque Bleue*, as análises de Roger Chartier ficaram circunscritas ao leitor implícito no texto a partir do que era idealizado pelos editores.

Para fugir de uma análise que se volte somente à materialidade dos textos ou que considere somente o mundo do leitor sem levar em conta o trabalho de edição que pode provocar profundas mudanças no suporte material dos textos, Darnton propõe um modelo que conjugue a “análise textual” com o que ele chama de “pesquisa empírica”:

Por isso eu argumentaria em prol de uma estratégia dupla, que combinaria a análise textual com a pesquisa empírica. Dessa maneira, poderia ser possível comparar os leitores implícitos do texto com os leitores reais do passado e, através dessas comparações, desenvolver tanto uma história, quanto uma teoria da reação do leitor.<sup>17</sup>

Diferentemente de Roger Chartier, Darnton considera que os registros particulares de leitura são fontes extremamente importantes e valiosas para a história da leitura, pois embora escassas e em muitos casos extremamente fragmentadas, elas são um canal privilegiado de acesso às antigas leituras. Para Darnton “se a experiência da grande massa de leitores está além do alcance da pesquisa histórica, os historiadores deveriam ser capazes de captar algo do que a leitura significava para poucas pessoas que delas deixaram registros”<sup>18</sup>.

Se não representam o todo, as anotações particulares de leitura trazem preciosas informações sobre como se comportava um determinado leitor em determinada época. É preciso ter em mente que os registros de um único leitor, se contextualizados, podem contribuir para a compreensão das práticas de leitura em diferentes grupos sociais e em

---

<sup>16</sup> DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, p. 230-231.

<sup>17</sup> DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, p. 229.

<sup>18</sup> DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, p. 224.

diferentes momentos históricos, pois o leitor que deixou para a posteridade seus apontamentos de leitura pertencia a um grupo social específico e realizou suas leituras em uma determinada época.

Mesmo com todas essas dificuldades teóricas e metodológicas, a história da leitura tem sido um dos mais instigantes objetos de estudo das últimas décadas por dar voz a personagens até então silenciadas nas análises que focavam o texto e não os usos e interpretações dos textos. Os antigos leitores, muitas vezes obscurecidos nas pesquisas seriais e quantitativas, ao ganharem destaque nos estudos históricos mostraram que havia uma grande distância entre o prescrito e o vivido, entre o leitor idealizado e o leitor real, entre a interpretação considerada correta pelo autor e/ou editor e a compreensão adquirida no ato da leitura. Basta lembrar a trajetória extraordinária de Jamerey-Duval analisada por Jean Hébrard<sup>19</sup>, ou o célebre estudo de Carlo Ginzburg<sup>20</sup> sobre o moleiro Menocchio ou ainda as pesquisas de Robert Darnton<sup>21</sup> sobre o leitor Jean Ranson, para citar apenas alguns exemplos.

Foi ao observar o complexo mundo do leitor a partir dos estudos desses importantes autores que ainda no período da graduação comecei a me interessar pelo estudo das práticas de leitura. Nesse período, eu realizava uma pesquisa sobre as mudanças doutrinárias da Igreja Assembleia de Deus na década de 1990,<sup>22</sup> e utilizava como fonte uma série de materiais impressos produzidos pela editora oficial dessa Igreja. Os jornais, as revistas, as súmulas doutrinárias, as resoluções normativas estavam carregadas de mensagens que visavam controlar a conduta dos fiéis de acordo com as regras vigentes na Igreja Assembleia de Deus. Havia também uma constante preocupação da Igreja em normatizar a leitura das mensagens veiculadas nos periódicos por meio de recursos editoriais que tinham por objetivo preservar o sentido oficial que deveria ser dado a cada texto.

Em meio aos recursos de vigilância, às tentativas de controle sobre a leitura e sobre a conduta dos fiéis, notei que era necessário analisar também como essas mensagens eram recepcionadas pelos membros da Igreja. Por algum tempo recorri, sem sucesso, a diversos arquivos institucionais e particulares em busca de fontes que permitissem acessar o universo dos leitores dos impressos da Assembleia de Deus. Nada encontrei além de um conjunto de

---

<sup>19</sup>HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*.

<sup>20</sup>GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*.

<sup>21</sup>DARNTON, Robert. A leitura rousseaista e um leitor “comum” no século XVII. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de Leitura*.

<sup>22</sup>FONSECA, André Dioneu. *Década da Colheita: uma reflexão sobre as ações doutrinárias na igreja Assembléia de Deus na década de 1990*.

anotações esparsas e materialmente precárias de um ex-professor da escola dominical. Comentei sobre o achado com meu orientador da graduação e combinamos utilizar o material para a escrita de um artigo em um outro momento.

Resolvi, então, não estudar em minha dissertação a recepção dos impressos da igreja Assembleia de Deus<sup>23</sup> temendo que as fontes encontradas não fossem capazes de sustentar um projeto dessa envergadura e apresentei uma proposta de estudo cujo objetivo era analisar o papel da revista *Lições Bíblicas* (utilizada nas aulas da escola dominical) nos projetos de evangelização formulados pela Assembleia de Deus<sup>24</sup> na década de 1990. No transcorrer das disciplinas do mestrado e com o avanço das reflexões voltei a me interessar pelas práticas de leitura, principalmente, ao perceber que a edição dos impressos da AD seguia um padrão idealizado de leitor. Inicialmente, me concentrei nas representações dos editores da revista *Lições Bíblicas* sobre os leitores a fim de evidenciar qual era o modelo ideal de leitura e as estratégias editoriais que tinham por objetivo controlar a compreensão e a maneira como os textos dessa revista deveriam ser lidos.

Durante a banca de qualificação desta dissertação surgiu, no entanto, uma instigante proposta que apontava para a importância de uma análise conjunta das representações que os editores tinham dos leitores, ou seja, o leitor idealizado, com as práticas de leitura, isto é, como a leitura do impresso analisado ocorria de fato quando chegava às mãos do leitor comum. Proposta enriquecedora, mas também extremamente ousada para aquele momento, pois para acatá-la deveria haver uma significativa reordenação da pesquisa e a inserção de novas fontes.

Mesmo ciente dos desafios, decidi aceitar e parti em busca de registros históricos que permitissem aproximar minhas análises do “leitor real” e não apenas aquele idealizado nas páginas dos impressos da AD. Foi aí que aquela documentação fragmentada encontrada no arquivo de um antigo professor da escola dominical ganhou centralidade, mesmo considerando que havia um reduzido número de anotações que poderiam ser aproveitadas. Assim, o que antes havia sido separado para a redação de um artigo passou a ser um

---

<sup>23</sup> É importante ressaltar que neste estudo trato especificamente da igreja Assembleia de Deus ligada à CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil). Hoje há um grande número de denominações que utilizam o nome Assembleia de Deus, por exemplo, Assembleia de Deus Renascer, Assembleia de Deus Renovada, Assembleia de Deus Vida com Cristo, entre outras, que não estão ligadas à CGADB presidida pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa do ministério conhecido como “Missão”. Dentre essas denominações, destaca-se um expressivo ministério: o de Madureira, fundado por Paulo Leivas Macalão por motivo de divergências com o Ministério Missão de Belém. Esse ministério está atualmente desligado da CGADB e tem sua própria convenção: a CONAMAD (Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil - Ministério de Madureira).

<sup>24</sup> Doravante AD.



importante conjunto de fontes para a complementação proposta feita pela banca de qualificação.

A inserção dessas novas fontes exigiu, entretanto, duas importantes mudanças na condução deste estudo em relação ao projeto original: 1) mudança no recorte temporal da década de 1990 para a década de 1980, período de grande instabilidade social e política no Brasil em que o país conseguiu se desvencilhar do regime militar que perdurou por 21 anos; 2) análise conjunta do jornal *Mensageiro da Paz* e da revista *Lições Bíblicas* uma vez que as anotações de leitura do ex-professor apontavam que ambos os periódicos faziam parte de suas preferências de leitura.

A partir dessas reformulações, busquei conduzir este trabalho de acordo com a proposta de história da leitura defendida por Robert Darnton, ou seja, realizar uma “análise textual” do jornal *Mensageiro da Paz* e da revista *Lições Bíblicas* – com ênfase nas representações dos editores sobre os leitores e as estratégias editoriais que visavam controlar os sentidos atribuídos a cada mensagem – e uma “pesquisa empírica” para demonstrar como ocorria a recepção dos textos veiculados nesses dois periódicos assembleianos por um leitor comum.

Um estudo sobre as práticas de leitura, no âmbito de uma igreja de tradição pentecostal como a AD, pode revelar muito sobre o comportamento dos fiéis em face das mais variadas regras e normas de conduta que são apregoadas aos membros dessa Igreja. O pentecostalismo em diversos estudos foi apresentado como um instrumento de “alienação dos pobres”, capaz de limitar a manifestação social das massas, sobretudo pela sua “omissão social” mantida por uma postura “apolítica mais favorável ao passado e à ordem do que ao futuro”<sup>25</sup>. Uma história da leitura que vai do polo da produção para o polo da recepção contribui para compreender até aonde vai o poder das igrejas em controlar as ações e as concepções de seus fiéis.

Sobre a AD, há um considerável número de estudos em diferentes áreas do conhecimento que analisaram, sobre os mais variados enfoques, sua organização institucional, a produção e a distribuição de materiais impressos, as normas, as doutrinas e seu posicionamento diante dos mais variados assuntos.<sup>26</sup> Mas muito pouco se conhece sobre a

---

<sup>25</sup> D’EPINAY, Christian Lalive. *O refúgio das massas*, p. 205-227.

<sup>26</sup> PERBONI, Fabio. *A água, o fogo e o sangue: a trindade da salvação*. Igreja Assembléia de Deus em Ribeirão Preto (1987-1997). BAPTISTA, S. T. *Fora do Mundo – Dentro da Política: identidade e “missão parlamentar” da Assembléia de Deus em Belém*. Belém, BRUNNER, F. S. C. *Pedagogia Pentecostal: quando a Igreja age em espaços que o poder público ignora - O caso da escola dominical das Assembléias de Deus Ministério Belém na zona urbana de Presidente Prudente*. CAMPOS, J.R., Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da*

recepção das mensagens por parte dos fiéis assembleianos, como leem, interpretam e aplicam cotidianamente os ensinamentos propagados pela liderança da AD.

Maria Amélia Dantas Encarnação analisou em sua dissertação o papel da imprensa pentecostal na construção da identidade da AD<sup>27</sup>, mas as táticas editoriais que visavam normatizar e controlar a leitura e mesmo as práticas de leitura envolvidas na recepção desse periódico não fizeram parte de seu estudo. Andréa Mina<sup>28</sup>, utilizando-se de jornais e revistas da AD e da Universal do Reino de Deus, realizou uma análise dos discursos oficiais dessas duas igrejas sobre áreas da sociedade e cultura que elas consideravam como diferentes. A autora utilizou-se de vários excertos de jornais e revistas da AD, todavia não destacou a origem, o público a que se destinavam e como ocorria a recepção das mensagens publicadas nos impressos consultados.

Informações sobre as práticas de leitura entre os membros da AD foram ligeiramente descritas pelos sociólogos Beatriz Muniz de Souza e Francisco Cartaxo Rolim. Muniz de Souza efetuou em sua pesquisa de doutoramento defendida na década de 1960, observações em diversas congregações da AD na cidade de São Paulo e descreveu em poucas linhas de seu amplo estudo os costumes dos assembleianos na escola dominical quando da leitura do material de ensino denominado *Lições Bíblicas*<sup>29</sup>. Cartaxo Rolim, em estudo publicado na década de 1980, reservou algumas páginas para relatar a forma como eram organizadas as escolas dominicais na AD e deu destaque à forma hierárquica de distribuição do conhecimento por intermédio dos textos e da apresentação da *Lições Bíblicas*<sup>30</sup>.

Os estudos mais profundos sobre as práticas de leitura entre os fiéis da AD foram realizados por Sandra Batista de Araujo Silva e Ana Maria de Oliveira Galvão, ambas da área de educação. Trata-se de uma pesquisa que, a partir de depoimentos orais e alguns materiais

---

*palavra divina*. FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, 1994. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo*. GUIMARÃES, Robson Franco. Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos. MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero em grupos pentecostais. MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. MONTEIRO, C. R Tenório. *As representações da pobreza e as práticas de assistência entre pentecostais: o caso da Assembléia de Deus*. PASSOS, João Décio. *Teogonias urbanas: o nascimento dos velhos deuses*. ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo. Brasil e América Latina*.

<sup>27</sup> ENCARNÇÃO, Maria. Amélia Dantas. *Imprensa Pentecostal: a produção de uma identidade religiosa*.

<sup>28</sup> MINA, Andréia Mendes de Souza. *Nós e o mundo. A construção do outro*. Alteridade e pertencimento no material de divulgação brasileiro da Igreja Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus na década de 1990.

<sup>29</sup> SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. p. 114.

<sup>30</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo?*, p. 44-45.

escritos por três entrevistados<sup>31</sup>, busca entender a influência da AD no processo de inserção da cultura escrita entre os fiéis assembleianos do Estado de Pernambuco nos anos de 1950 e 1970.

Esta dissertação compartilha com os estudos históricos acima mencionados a preocupação com a análise da imprensa assembleiana que, desde a fundação da AD no Brasil, foi responsável por colocar em circulação milhares de exemplares de jornais, revistas, livros e outros impressos cujo objetivo era espalhar as mensagens dessa Igreja por todo o país. Mas seguindo o exemplo das pesquisadoras em educação Sandra Batista de Araujo Silva e Ana Maria de Oliveira Galvão, buscarei compreender o mundo da leitura e do leitor considerando-se a carência de estudos que se ocuparam com a recepção das mensagens escritas pelos fiéis assembleianos.

Para tanto, selecionei alguns registros de leitura encontrados no arquivo particular de um ex-professor da escola dominical da AD que são muito importantes para se conhecer como ocorria a recepção das mensagens impressas por esse fiel. Todavia, não há como compreender as práticas de leitura desse leitor sem que se conheça bem os impressos que ele costumeiramente lia, incluindo aí as estratégias editoriais, os objetivos a que cada um servia, as normas de leitura, os espaços de leitura a que se destinavam, ou resumidamente, o universo das representações dos editores sobre os leitores, qual modelo de leitor, que tipo de leitura e qual interpretação estavam inscritos nas linhas dos periódicos. Em busca de respostas a essas indagações busquei aprofundar minha análise em dois importantes periódicos publicados pela editora oficial da AD, o jornal *Mensageiro da Paz*<sup>32</sup> e a revista *Lições Bíblicas*<sup>33</sup>.

O MP teve seu primeiro número editado em 1930, duas décadas após da fundação da AD no Brasil, para ocupar o lugar do *Jornal Boa Semente*. O objetivo da liderança da AD com a criação de um novo jornal era concentrar todas as informações da Igreja em um único veículo noticioso, evitando, com isso, a divergência de ideias.<sup>34</sup> Depois de sua fundação o MP consolidou-se como o mais importante órgão de informação da AD, responsável pela publicação de notícias da Igreja, resoluções convencionais, informes institucionais e como instrumento de evangelização e defesa dos pontos de vista defendidos pela AD sobre os mais diversos assuntos. Já a revista LB passou a circular no ano de 1919, como suplemento do

---

<sup>31</sup> SILVA, Sandra Batista de Araujo. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Práticas religiosas pentecostais e processos de inserção na cultura escrita (Pernambuco, 1950-1970).

<sup>32</sup> Doravante MP.

<sup>33</sup> Doravante LB.

<sup>34</sup> ARAUJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*, p. 457-460.

então jornal *Boa Somente*, um impresso chamado *Estudos Dominicaes* que, como o próprio nome indica, visava atender as escolas dominicais da AD.<sup>35</sup>

As práticas de leitura foram analisadas a partir das anotações de leitura, planos de aula, cópias de cartas, esboços de pregações encontradas no arquivo pessoal de um fiel da AD que exerceu a função de professor da escola dominical. A utilização dessas fontes exigiu um minucioso trabalho de coleta, ordenação e até mesmo recuperação, pois muitos desses registros estavam espalhados em pastas, gavetas e sacos plásticos, ou mesmo soltos entre livros e revistas, sendo que alguns deles já estavam para ser descartados e se achavam em precária situação material. Maiores detalhes sobre o leitor (trajetória, conversão ao pentecostalismo, profissão, atuação na AD, entre outros) e sobre as características das diferentes fontes por meio das quais foram analisados os seus registros de leitura, serão descritos no corpo deste estudo, visto que não há como realizar uma análise dos registros desse leitor sem uma cuidadosa apreciação sobre a natureza dessas fontes.

O recorte temporal em que se insere este trabalho é muito rico em acontecimentos sociais e políticos, pois como indica a farta literatura sobre os anos 1980, esse foi um período de grandes mudanças em nosso país, momento de luta em prol das eleições diretas, em defesa dos direitos básicos dos cidadãos – ignorados durante a vigência do golpe de 64 – restabelecimento da democracia, criação de planos econômicos que buscavam minimizar a

---

<sup>35</sup> Grande parte dos estudos acadêmicos atribui a organização da primeira escola dominical ao tipógrafo, editor e membro da igreja episcopal Robert Raikes em 1780. Os encontros dominicais tinham por objetivo melhorar as condições de vida das crianças, por isso, apesar da forte ênfase aos estudos bíblicos, havia também aulas sobre higiene, moral e civismo. Em fins do século XVIII, as escolas dominicais já eram comuns nos Estados Unidos, sobretudo nas igrejas metodistas, onde se destacaram os nomes de Francis Ashbury e Willian Elliott. Durante o século XIX, a escola dominical se consolidou no meio protestante, sendo praticada na Europa e no norte do continente Americano em diferentes denominações de tradição reformada. A consolidação das escolas dominicais nos Estados Unidos e na Europa durante o século XIX refletiu-se no processo de inserção do chamado “protestantismo de missão” no Brasil, pois, em muitos momentos, nos núcleos de missões protestantes, a implantação das escolas dominicais antecedia, até mesmo, a realização de cultos públicos. MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. COSTA, Hermisten Maia Pereira da. O protestantismo e a palavra impressa, p. 123-145, 2008. HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. COSTA, Hermisten Maia Pereira da. O protestantismo e a palavra impressa, p. 123-145, 2008. A prática da escola dominical no Brasil foi comum no século XIX entre metodistas, batistas, congregacionais, presbiterianos, luteranos e, até mesmo, na igreja Evangélica Brasileira, considerada a primeira instituição pentecostal do Brasil. A preocupação com uma literatura que a subsidiasse também remonta ao penúltimo entresséculo, pois a publicação, no ano de 1886, do jornal *O Metodista Católico* que viria a se chamar *Expositor Cristão*, tinha como principal objetivo reproduzir textos internacionais para a escola dominical. Com a fundação no Brasil da igreja Assembleia de Deus em 1911, a tradição dos estudos dominicais passou a fazer parte da organização de um novo grupo religioso. Conforme a cronologia histórica apresentada no *Dicionário do movimento pentecostal*, a primeira reunião da escola dominical da AD ocorreu dois meses após a fundação dessa Igreja, na casa de José Batista Carvalho, na avenida São Jerônimo, em Belém - PA. RIVERA, Dario Paulo Barrera. A reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro, 2005. LÉONARD, Émile-Guillaume. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. STRECK, Danilo R. *Correntes pedagógicas*, p. 36. Cronologia histórica das Assembléias de Deus. ARAUJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*, p. 79-103.

crise financeira que assolava o país, organização da chamada “Constituição Cidadã”, entre outros importantes eventos dessa tumultuada década.

Analisar as tramas editoriais de uma revista e de um jornal que pertenciam a uma igreja pentecostal e a recepção das mensagens desse jornal e dessa revista a partir de um leitor comum em meio a um conturbado contexto como o dos anos oitenta é indubitavelmente um rico exercício histórico, pois mesmo, estando-se sob a perspectiva do que Jim Sharp denominou de “história vista de baixo”, pode-se estabelecer uma ligação entre o macro o micro, o que, aliás, é uma das preocupações de Sharpe em seu texto como se pode ver na citação abaixo:

como nossos sentimentos nos recordam, a expressão “história vista de baixo” implica que há algo acima para ser relacionado. Esta suposição, por sua vez, presume que a história das “pessoas comuns”, mesmo quando estão envolvidos aspectos explicitamente políticos de sua experiência passada, não pode ser dissociada das considerações mais amplas da estrutura social e do poder social. Esta conclusão, por sua vez, leva ao problema de como a história vista de baixo deve ser ajustada a concepções mais amplas da história. Ignorar esse ponto, ao se tratar da história vista de baixo ou de qualquer tipo de história social, é arriscar a emergência de uma intensa fragmentação da escrita da história, talvez de algum tipo de “antiquarianismo” moderno.<sup>36</sup>

As incertezas dos anos oitenta colocaram a AD em alerta e levaram a Igreja a rever alguns posicionamentos que, desde a sua fundação no Brasil, vinham sendo defendidos e a reafirmar seus pontos de vista sobre diversos temas. Os fiéis da AD também estavam à mercê da insegurança econômica e social desse momento histórico, mas nem sempre partilhavam as mesmas convicções da Igreja, pois suas necessidades mais básicas (alimentação, saúde, emprego, moradia, por exemplo), pareciam não preocupar tanto a AD que durante essa década concentrou seus esforços somente na preservação dos “bons costumes”, na nova ordem política sobre uma plataforma extremamente conservadora que turvava a visão social da Igreja (combate ao aborto, ao homossexualismo, ao excesso de liberdade, para mencionar algumas das preocupações da AD nos anos 80).

Para compreender a recepção das mensagens publicadas no Jornal MP e na revista LB foi preciso uma redução na escala de análise, partindo do ponto de vista institucional que era defendido nas páginas desses impressos para chegar à apropriação feita por um único membro da AD que, na base da pirâmide hierárquica, recebia todas as informações e normas perpetradas pela alta liderança assembleiana. Jacques Revel afirma que a microanálise tem

---

<sup>36</sup> SHARP, Jim. A História vista de baixo In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, p. 54-55.

por objetivo: “dar à experiência dos atores sociais (...) uma significação e uma importância frente ao jogo das estruturas e à eficácia dos processos sociais maciços, anônimos, inconscientes, que por muito tempo pareceram ser os únicos a chamar a atenção dos pesquisadores (...) [e] que governariam a vida dos homens”<sup>37</sup>.

Como já foi mencionado, são muito raras as fontes que permitem o acesso às práticas de leitura da grande massa de leitores, por isso, a microanálise é um procedimento muito útil para a história da leitura e das práticas de leitura por permitir, a partir dos registros deixados por alguns leitores ou mesmo de um único leitor, um estudo das apropriações culturais. Por meio de um “jogo de escalas”<sup>38</sup> torna-se possível, por exemplo, compreender as ações dos editores que estão à frente de um determinado impresso sem desconsiderar que, no ato de recepção, os leitores podem burlar as regras ou as expectativas que guiaram o trabalho de edição. Como afirmou Simona Cerutti:

são as diferentes relações de escalas que geram decalagens de informações entre indivíduos que ocupam posições diferentes na hierarquia social, assim como entre indivíduos e grupos ou instituições. A diferença de escala, portanto, não é apenas resultado de um processo de construção do objeto pelo historiador (a escolha de objetos de dimensões diferentes); ela é também “uma prerrogativa do próprio objeto”. Escalas diferentes implicam informações diferentes, possibilidades diversas de interpretação e ação. Essa leitura estratificada da realidade social contribui para restituir a pluralidade das vozes que a compõem.<sup>39</sup>

A relação de fatos particulares com os acontecimentos mais amplos da vida social, segundo Giovanni Levi, ensinou aos cientistas sociais que acreditavam na supremacia das estruturas, “que nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação, ou de interpretação das regras, de negociação”<sup>40</sup>. Com esse novo olhar, a abordagem histórica deixa de lado “o esquema único de ações e reações, mostrando, ao contrário, que a repartição desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados; estes podem então impor aos dominantes mudanças nada desprezíveis”<sup>41</sup>.

---

<sup>37</sup> REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: e experiência da microanálise*, p. 10-12.

<sup>38</sup> REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: e experiência da microanálise*.

<sup>39</sup> CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: e experiência da microanálise*, p. 196.

<sup>40</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. p. 179-180.

<sup>41</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. p. 179-180.

Se nesse modelo de pesquisa histórica as “pessoas comuns” ganharam centralidade, o estudo do cotidiano tornou-se condição indispensável, porque é no cotidiano que, essas pessoas protagonistas da história, fazem suas escolhas, negociam, resistem às pressões conjunturais, promovem descontinuidades no processo histórico. Conforme Michel de Certeau:

[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.<sup>42</sup>

Por isso, o conceito de “apropriação”, sistematizado por Michel de Certeau em sua obra *A invenção do cotidiano*<sup>43</sup>, adquiriu importância nos estudos históricos nas últimas décadas. Nas páginas desse livro, publicado em 1980, Certeau perscruta as ações cotidianas dos consumidores de objetos culturais e, ao dar visibilidade às *táticas* desenvolvidas cotidianamente pelos consumidores, revela que o consumidor, longe da passividade que correntemente lhe foi atribuída, na verdade, ao se apropriar de um bem cultural, exerce uma assimilação astuta, capaz de driblar os mais rígidos cânones de controle e condicionamento. Nesse sentido, não se pode identificar ou qualificar o consumidor pelos produtos jornalísticos ou comerciais que ele assimila, pois há uma grande distância entre a posse e o uso desses produtos por parte de quem os adquire.<sup>44</sup>

As reflexões de Michel de Certeau servem como referencial metodológico para este trabalho, sobretudo a sistematização das noções de *estratégia* e *tática* que nos estudos de Certeau sobre as práticas cotidianas, serviram como importante instrumental teórico. Noções importantes por revelarem relações de força que se tencionam na teia social, em que há uma série de produções ditadas pelos “dominantes” que se contrapõem com as diferentes apropriações dessas produções pelos “dominados”. A *estratégia* diz respeito às ações daqueles que detêm o poder sobre os instrumentos de propagação de normas e regras de natureza diversa. A noção de *estratégia* é definida por Certeau como o:

[...] cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico.<sup>45</sup>

<sup>42</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. p. 39.

<sup>43</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer.

<sup>44</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer, p. 50.

<sup>45</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer, p. 46.

A noção de *tática* é utilizada por Michel de Certeau para analisar como os indivíduos se apropriam dos produtos que têm por intenção exercer variadas formas de controle sobre os sujeitos. Por meio das *táticas*, considerada por Certeau como “a arte do fraco”<sup>46</sup>, os consumidores são capazes de subverter as intenções inscritas nos produtos, lançando mão de usos inventivos, construção de novos sentidos, consumos astutos que tiram da figura do consumidor aquele papel de passividade, dando-lhes destaque como sujeitos históricos. É o que se pode notar nas palavras de Certeau: “as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder”.<sup>47</sup>

As resistências ocorrem a partir das práticas cotidianas por meio das quais os indivíduos agem e, mesmo sem a intenção de criar, acabam inventando, fabricando novas práticas culturais. Dentre as práticas cotidianas que “produzem sem capitalizar”, Certeau destaca a leitura, por ser essa atividade “foco exorbitado da cultura contemporânea e de seu consumo”. Em uma sociedade marcada pela necessidade cada vez mais exacerbada do exercício de leitura de textos distribuídos nos mais variados suportes, a imagem de pessoas com seus olhos fixos em conjuntos de letras tornou-se cena corriqueira nas praças, nas casas, nas escolas, nas igrejas entre outros lugares. Tal disseminação, todavia, muitas vezes fez com que a complexidade envolvida no ato da leitura fosse esquecida por muitos estudiosos que incorriam em dois graves problemas: 1) a preocupação com a posse dos impressos em detrimento dos usos aos quais estavam sujeitos esses bens culturais; 2) e a passividade atribuída ao leitor, como se tudo o que fosse lido passasse automaticamente a ser aplicado no plano prático sem seleção, omissão ou bricolagem. Contra esse posicionamento, Certeau lembrou que a leitura é uma atividade silenciosa extremamente complexa: “flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera”<sup>48</sup>.

Nesse ponto, cabe destacar a noção de *habitus* desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu que muito tem contribuído para os estudos históricos nas últimas décadas. Essa noção, que remonta à tradição escolástica e que já havia sido aplicada por Marcel Mauss, Emile Durkheim e Max Weber, foi recuperada por Bourdieu numa tentativa de restaurar a

---

<sup>46</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer, p. 101.

<sup>47</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer, p. 102.

<sup>48</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer, p. 49.



dimensão individual do “agente social”, a qual foi deixada de lado pelos estruturalistas em favor das análises sobre as determinações impostas pelas estruturas sociais. Nas palavras do autor:

A noção de *habitus* exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo, etc. (...) tal noção permitia-me romper com o paradigma estruturalista sem cair na velha filosofia do sujeito ou da consciência, a da economia clássica e do seu *homo economicus* (...) Retomando a velha noção aristotélica de *hexis*, convertida pela escolástica em *habitus* eu desejava reagir contra o estruturalismo e sua estranha sociologia da acção (...) eu desejava pôr em evidência as capacidades criadoras, activas, inventivas, do *habitus* e do agente.<sup>49</sup>

Mesmo reconhecendo o papel das estruturas sociais, Bourdieu não acreditava que elas fossem determinantes na organização social já que o indivíduo, ao internalizar as normas sociais, era também capaz, num jogo de contínua negociação, de rearranjar-se na teia social a partir de seu repertório cultural. Ou seja, se os agentes sociais são pautados por inúmeras regras, eles também encontram espaço para improvisações que fogem às normas da estrutura social. Daí o porquê da noção de *habitus* pressupor que a estrutura social é “estruturada e estruturante”.

Para o estudo dos dispositivos de controle de leitura depositados nos textos pelos autores e pelos editores, Roger Chartier lança mão de dois instrumentos de análise denominados de “mise en texte” e “mise en page”. O primeiro refere-se aos recursos linguístico-textuais, isto é, o estilo de escrita do texto, as opções lexicais e sintáticas, os comandos de leitura diretos e indiretos presentes nos originais que chegam às mãos dos editores. O segundo diz respeito aos elementos composicionais, ou seja, as estratégias de atração do leitor por meio da organização dos textos nas páginas: distribuição das letras em lugares estratégicos, destaque de palavras por meio de cores e tamanhos distintos para as letras, inserção de imagens que contribuem na efetivação dos sentidos que devem ser atribuídos ao texto e, até mesmo, a paragrafação e a inclusão de referências sobre as maneiras corretas de leitura.

As propostas teóricas de Roger Chartier para a história da leitura serviram como referencial a inúmeros estudos históricos no Brasil, entre os quais destacam-se as pesquisas de Monica Pimenta Veloso<sup>50</sup> e Silvia Cristina Martins de Souza<sup>51</sup> e Luiz Carlos Villalta<sup>52</sup>. O que

<sup>49</sup>BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. p. 60- 61.

<sup>50</sup> VELOSO, Monica Pimenta. *Percepções do moderno: as revistas do Rio de Janeiro*.

chama atenção é que não são apenas os historiadores que têm se amparado teoricamente nesse autor francês, muitos pesquisadores filiados à linguística também vêm reconhecendo a contribuição de Chartier para a história da leitura. É o caso dos trabalhos de Luciana Salazar Salgado<sup>53</sup>, Luzmara Curcino Ferreira<sup>54</sup> e Valdir Heitor Barzotto<sup>55</sup>.

Barzotto foi um dos pioneiros na aplicação das noções de “mise en texte” e “mise en page” – desenvolvidas por Roger Chartier para a análise de livros impressos – no estudo do suporte revista impressa. Em sua tese de doutoramento sobre a revista *Realidade*, co-orientada pelo professor Roger Chartier, Barzotto inovou ao desenvolver a noção de “mise en magazine”, segundo ele, mais adequada ao estudo dos textos e da materialidade dos escritos publicados nas revistas periódicas. Barzotto traduziu para a língua portuguesa as noções de “mise en texte” e “mise en page”, citando-as em sua pesquisa, respectivamente, como “textualização” e “composição”.

Optei por seguir a tradução de Barzotto para “mise en texte” e “mise en page” para analisar os elementos gráficos e os elementos textuais depositados no jornal MP e na revista LB que tinham por objetivo, a partir da representação dos editores sobre o público leitor, de exercer controle sobre o modo correto de exercer a leitura e sobre a interpretação dos textos.

Seguindo esse quadro metodológico, esta dissertação foi dividida em três capítulos, sendo os dois primeiros dedicados à análise do jornal MP e da revista LB, respectivamente, e o terceiro destinado à análise da recepção desses impressos por um leitor comum. Nos dois primeiros capítulos, evidencio as *estratégias* editoriais por meio das quais os editores de ambos os periódicos buscavam exercer controle sobre o pensamento e as ações dos fiéis em um contexto de instabilidade política e social no Brasil, enquanto que no terceiro ganha centralidade um leitor do jornal MP e da revista LB, cujas *táticas* de consumo eram marcadas por um intrincado jogo de consentimentos e resistências.

---

<sup>51</sup> SOUZA, Silvia Cristina Martins de. Do tablado às livrarias: edição e transmissão de textos teatrais no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

<sup>52</sup> VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo Ilustrado, censura e prática de leitura: usos do livro na América Portuguesa*.

<sup>53</sup> SALGADO, Luciana Salazar. Ritos genéticos editoriais: autoria e práticas de textualização.

<sup>54</sup> FERREIRA, Luzmara Curcino. *Prática de leitura: os limites e as possibilidades instauradas pela materialidade do suporte de textos revista*.

<sup>55</sup> BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura de revistas periódicas*.

## **I – INFORMAÇÃO, POLÍTICA E FÉ: A REPRESENTAÇÃO DO LEITOR NO JORNAL *MENSAGEIRO DA PAZ* NA DÉCADA DE 1980**

Na década de oitenta a AD organizou uma agenda de atividades comemorativas em alusão aos setenta e cinco anos de sua fundação no Brasil. Nos periódicos da Igreja foram espalhados artigos que alardeavam o sucesso de crescimento da AD, reforçavam o papel heroico dos fundadores e ratificavam a necessidade de manutenção dos princípios que foram herdados dos pioneiros que, no ano de 1911, na cidade de Belém no Pará, abriram as portas de uma pequena congregação pentecostal que, em algumas décadas, se tornaria uma das maiores igrejas pentecostais do mundo.<sup>56</sup>

Havia muito a comemorar, pois a AD chegava aos anos oitenta como a principal igreja pentecostal do Brasil, com presença em todos os estados da federação e em países de diferentes continentes. Todavia, em meio às festividades do “jubileu de diamante”, a AD enfrentou uma série de pressões sociais devido às mudanças que se processaram no Brasil na década de 1980: novos governos, nova constituição, novos planos econômicos, novas manifestações políticas e culturais, eram alguns dos elementos que direta ou indiretamente impunham novos desafios à AD na penúltima década do século XX.

Para compreender esse momento de inflexão vivido pela AD nos anos oitenta esse capítulo foi dividido em três partes. Na primeira, apresento um breve histórico do contexto social e político dos anos oitenta, momento de intensos debates em torno do processo de redemocratização do país em que várias medidas de reestruturação da economia brasileira foram implementadas. Na segunda parte, a partir de estudos de diversos pesquisadores, trato das relações da AD com a política, principalmente no período em que o Brasil esteve sob o jugo do regime militar, já que desde sua fundação no Brasil a AD sempre negou qualquer forma de participação política e discussão de assuntos dessa natureza em seus templos. Na terceira mostro que a AD mudou esse posicionamento de negação sumária à política com

---

<sup>56</sup> Para maiores detalhes sobre as origens da AD no Brasil ver: FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, 1994. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios*: uma interpretação sociológica do pentecostalismo, p. 67-159. JARDILINO, José Rubens Lima. *A chegada do espírito*: uma visão histórica teológica das Religiões do espírito em São Paulo, na década de 1930. CAMPOS J.R, Luís de Castro. *Pentecostalismo*: sentidos da palavra divina.

vistas a assegurar o seu espaço no novo modelo político que estava sendo implantado no Brasil.

Nessa conjuntura, a AD se viu numa encruzilhada: ao mesmo tempo em que queria aumentar sua participação nos debates políticos, defendendo, inclusive, a candidatura de pastores a cargos eletivos, preocupava-se também em evitar que temas políticos tomassem o espaço dos sermões e das mensagens de evangelização nos templos. Uma das *estratégias* adotadas pela AD, para se inserir nos debates políticos sem atingir o espaço “sagrado” dos templos, foi reformular o jornal oficial da Igreja, o MP, preparando-o para ser o porta-voz da AD para esses assuntos. Com tal medida, a AD afastava as demais publicações, principalmente aquelas destinadas ao ensino nas igrejas, dos temas políticos que tradicionalmente deveriam ficar afastadas dos atos litúrgicos.

### **1.1) O processo de redemocratização do Brasil**

Devido aos sucessivos desgastes dos governos militares ante a sociedade civil após o golpe que depôs o presidente João Goulart em 1964, o governo militar deu início, em meados da década de 1970, ao processo de abertura política no Brasil. O governo pautava-se num projeto estritamente vinculado a uma agenda eleitoral, ou seja, democratização entendida como possibilidade de eleição direta e não como um momento revolucionário guiado por uma agenda de reformas profundas no país. A transição deveria ser “lenta”, “gradual” e “segura”, por isso, conduzida pelo governo para não colocar em risco todos os esforços da “revolução” que havia “defendido” o país da “ameaça comunista” que representava a administração de Goulart. No entanto, à medida que o projeto de abertura política avançava, aumentava a participação de partidos de oposição e de setores organizados da sociedade civil e cada vez mais os militares viam escapar de suas mãos o poder sob a transição e eram obrigados a negociar. Nas palavras de Alberto Aggio:

o projeto, que envolvia a perspectiva de institucionalizar a ordem autoritária, era a um só tempo defensivo e inibidor e constituía-se no que se caracterizou à época como uma “auto-reforma” do regime. Por outro lado, uma vez em curso, o processo de liberalização, ainda que gradual, assumiria uma lógica ofensiva e emergente, apontando para a ruptura com os mecanismos da modernização conservadora, transbordando os limites políticos e institucionais impostos pelo projeto de “distensão”.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> AGGIO, Alberto. Regime militar e transição democrática: um balanço do caso brasileiro, p. 57.

Maria D’Alva Kinzo também observou que o processo de abertura política, inicialmente marcado pela condução das forças governamentais, foi lentamente sofrendo a influência de partidos de oposição e de agentes civis. Para melhor compreensão desse momento histórico, a autora dividiu-o em três fases:

A primeira fase, de 1974 a 1982, é o período em que a dinâmica política da transição estava sob total controle dos militares, mais parecendo uma tentativa de reforma do regime do que os primeiros passos de uma transição democrática de fato. A segunda fase, de 1982 a 1985, é também caracterizada pelo domínio militar, mas outros atores civis passam a ter um papel importante no processo político. Na terceira fase, de 1985 a 1989, os militares deixam de deter o papel principal (apesar de manterem algum poder de veto), sendo substituídos pelos políticos civis, havendo também a participação dos setores organizados da sociedade civil.<sup>58</sup>

Em 1974, o general Ernesto Geisel assumiu a presidência da República e tornou público o seu projeto de distensão “lenta, gradual e segura”. As declarações de Geisel inauguraram um novo momento do governo militar-autoritário, pois se iniciou a partir de então o longo processo de debates e ajustes que culminariam na ascensão de Tancredo Neves à presidência na segunda metade dos anos oitenta.<sup>59</sup>

Para não ficar no plano do discurso, como fizeram seus antecessores, Geisel tomou algumas medidas como a revogação, ainda que parcial, da censura à imprensa e apoio às eleições legislativas de 1974. Essa eleição foi muito significativa para esse momento histórico, pois o partido de oposição<sup>60</sup> (MDB) teve um excelente desempenho nas urnas, evidenciando, assim, que os resultados econômicos satisfatórios alcançados naquele período pelo governo não significava que o regime militar tivesse amplo apoio da população.<sup>61</sup> Conforme alguns líderes emedebistas, a vitória do partido “mostrava que o povo os havia aceitado como autênticos representantes da oposição”<sup>62</sup>. De fato, o MDB, que compunha ao lado da Arena o bipartidarismo de fachada imposto pelo regime militar, saiu das eleições fortalecido a ponto de se tornar um agente importante nas discussões sobre a abertura

<sup>58</sup> KINZO, Maria D’Alva Gil. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição, p. 04-05.

<sup>59</sup> MATHIAS, Suzeley Kalil. *Distensão no Brasil: o projeto militar (1973-1979)*.

<sup>60</sup> Nas palavras de Thomas Skidmore, nesse período “o partido [MDB] concentrara sua campanha em três questões: justiça social (denunciando a tendência a uma distribuição desigual de renda), liberdades civis (violações dos direitos humanos que tanto indignavam os críticos da oposição) e a desnacionalização (denunciando a infiltração estrangeira na economia do Brasil)”. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*, p. 338.

<sup>61</sup> LAMOUNIER, Bolívar, *Voto de desconfiança – eleições e mudança política no Brasil: 1970-1979*.

<sup>62</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*, p. 338.

democrática. Diante dessa realidade, ficava cada vez mais evidente aos militares que o controle absoluto sobre a transição passaria pela neutralização das eleições e do MDB.<sup>63</sup>

Além dos problemas enfrentados por Geisel com o excelente desempenho do MDB nas urnas, outras dificuldades tinham de ser administradas pelo presidente-general, tais como os conflitos internos no Exército e o agravamento do quadro econômico no Brasil. As ações de Geisel em favor da abertura democrática causavam grande ruído entre os militares que compunham a chamada “linha-dura”, contrária ao fim do regime. Em São Paulo, militares desse grupo responderam às políticas de liberalização de Geisel com intensa repressão entre 1975 e 1976 que resultaram na morte do jornalista Wladimir Herzog e do metalúrgico Manuel Fiel Filho.<sup>64</sup>

O problema surgido com o fortalecimento do MDB nas urnas e a insatisfação da “linha dura” com o “surto democrático” de Geisel foram resolvidos pelo presidente numa única ação que teve resultado duplamente positivo: cassar o mandato de parlamentares. A cassação do mandato de alguns opositores do legislativo, ao mesmo tempo em que punha freios nas críticas do MDB, também agradava aos militares que não viam com bons olhos as intervenções pró-abertura implementadas por Geisel.<sup>65</sup>

Amenizados os problemas da oposição do MDB e da insatisfação da “linha-dura” do Exército, restava ainda a questão econômica e nesse quesito Geisel não obteve o mesmo êxito. Em meados da década de 1970, o tão aclamado “milagre econômico” brasileiro mostrava sua fragilidade e muito preocupava o governo, pois uma economia saudável era um elemento importante para uma transição sem qualquer impacto negativo ou ameaça aos militares.<sup>66</sup>

Para resolver a situação econômica do país, Geisel lançou o II Plano Nacional de Desenvolvimento, que previa investimentos no setor energético e em indústrias a fim de reduzir a participação de capitais estrangeiros nos setores infraestruturais e adequar a economia à crise internacional do petróleo. Todas as medidas, além de aumentar sobremaneira a dívida externa do país, não foram capazes de reter o forte crescimento das taxas de inflação. A política econômica de Geisel teve continuidade nos primeiros anos do governo de João Baptista Figueiredo, mas não pôde se sustentar ante ao agravamento dos

---

<sup>63</sup> LAMOUNIER, Bolívar. O Brasil autoritário revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura. In: STEPAN, Alfred. (Org.) *Democratizando o Brasil*.

<sup>64</sup> LAMOUNIER, Bolívar (org.). *De Geisel a Collor: o balanço da transição*.

<sup>65</sup> KINZO, Maria D’Alva Gil. *Oposição e autoritarismo: Gênese e trajetória do MDB, 1966-79*.

<sup>66</sup> VELASCO E CRUZ, Sebastião Carlos; MARTINS, Carlos Estavam. De Castelo a Figueiredo: uma incursão na pré-história da abertura. In: SORJ, Bernardo & ALMEIDA, Maria Hermínia. (Orgs.). *Sociedade e política no Brasil pós-64*.

problemas externos. Houve uma tentativa de reajuste econômico que teve reflexos muito negativos, diminuindo a atividade econômica e aumentando o desemprego.<sup>67</sup> É nesse contexto de instabilidade que o Brasil chega aos anos oitenta<sup>68</sup> e foi nesse terreno movediço no âmbito político e econômico que se travaram os debates políticos pré e pós-abertura democrática.

No início da década de oitenta alguns passos importantes já tinham sido dados rumo à abertura democrática no país. O temido Ato Institucional número 5 (AI5) havia sido revogado por Geisel e no governo Figueiredo o Congresso conseguiu aprovar a anistia que permitiu a reintegração de políticos exilados e de ativistas perseguidos pelo regime militar à vida pública.<sup>69</sup> Além disso, novos partidos políticos entraram na cena política devido à lei nº 6.767, de 1979 que pôs fim ao bipartidarismo.<sup>70</sup> Após a reforma eleitoral de 1979, a Arena passou a se chamar Partido Democrático Social (PDS) e o MDB acresceu à sua antiga sigla a letra P, passando a se chamar Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Surgiram ainda o Partido Popular (PP), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido dos Trabalhadores (PT).<sup>71</sup> Nesse cenário político, inicia-se a segunda fase do longo processo de transição que tem por marco as eleições de 1982.

No pleito eleitoral de 1982, o governo militar conquistou a maioria no Colégio Eleitoral responsável por eleger o novo presidente. O PMDB, além de ter elegido governadores e senadores de nove estados, conseguiu 200 cadeiras na Câmara dos Deputados. Com esse resultado, o PMDB, mesmo com inquestionável poder ainda exercido pelos

---

<sup>67</sup>VIEIRA, Evaldo. Brasil: do golpe militar à redemocratização. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). A grande transação*, p. 203.

<sup>68</sup> Os dados apresentados por Maria D'Alva Kinzo indicam que houve acentuada queda do PIB e vários outros problemas na economia do país entre 1974 e 1981. Segundo a autora, ocorreu uma acentuada "Desaceleração do PIB, que caiu de 14% em 1973 para 9,8% em 1974 e 5,6% no ano seguinte, aumento significativo do déficit em conta corrente (de US\$ 1,7 bilhão em 1973 para US\$ 7,1 bilhões em 1974) e crescimento da dívida externa (de US\$ 6,2 bilhões em 1973 para US\$ 11,9 bilhões em 1974, alcançando US\$ 56,3 bilhões em 1981). KINZO, Maria D'Alva Gil. *A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição*, p. 11.

<sup>69</sup> OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. *De Geisel a Collor. Forças Armadas, transição e democracia*.

<sup>70</sup> A medida que propunha o fim do bipartidarismo tinha por objetivo enfraquecer a oposição, pois num cenário aberto à fundação de novos partidos os opositoristas que se concentravam em um único partido se fragmentariam. A fragmentação aumentaria o poder de barganha e de supressão aos políticos que eram contrários ao governo como confirma David Maciel: "A necessidade de desarticular o sistema 'oposicionista' de modo a dividi-lo para ampliar a margem de manobra do governo, o que seria possível com o pluripartidarismo. MACIEL, David. *Argamassa da Ordem: da ditadura militar à Nova República (1974 - 1985)*, p. 231.

<sup>71</sup> VIEIRA, Evaldo. Brasil: do golpe militar à redemocratização. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). A grande transação*, p. 205.

militares, colocava no cenário político novos atores que, investidos do poder que seus cargos lhes conferiam, poderiam lutar pelos ideais democráticos do partido.<sup>72</sup>

Ocupados os cargos dos executivos estaduais e do legislativo federal, a agenda do momento passou a ser a sucessão presidencial. A proposta de eleição indireta sofria forte resistência, mas por iniciativa de um deputado do PMDB de Mato Grosso, Dante de Oliveira, foi apresentada em 1983 uma emenda a favor do voto direto. A proposta de Dante que, inicialmente, não teve grande ressonância, aos poucos foi ganhando adeptos até mobilizar milhões de pessoas em diversas passeatas e comícios por todo o país no movimento que ficou conhecido como “Diretas-Já”.<sup>73</sup>

O clamor popular, no entanto, foi vencido em 1984, quando a Emenda Dante de Oliveira foi derrotada no Congresso devido a pressões e manobras do Governo Federal. Com a derrota, restou à oposição duas saídas: agir dentro das regras do jogo, tentando buscar apoio entre dissidentes dentro do governo, ou mobilizar a sociedade civil para nas ruas lutar em prol das eleições diretas. Para infringir as regras do jogo e ir às ruas, necessitava-se de uma forte coesão no bloco oposicionista e era exatamente isso que faltava à oposição naquele período formada pelo PMDB, PTB, PDT, e PT. O PTB havia votado contra a Emenda Dante de Oliveira mediante as promessas de cargos no governo. O PDT, por sua vez, também não inspirava confiança, pois seu líder Leonel Brizola chegou a propor a prorrogação do mandato de Figueiredo. Restavam, assim, totalmente favoráveis à eleição direta, o PT e uma pequena ala do PMDB que era mais ligada aos movimentos sociais.<sup>74</sup>

Nessa situação, o caminho escolhido foi o da solução negociada, isto é, influir na sucessão presidencial, mesmo que ela ocorresse de forma indireta, sem enfrentamento com os militares, sobretudo, pelo risco de despertar a fúria da “linha-dura”. Aceitar a eleição indireta não significava, no entanto, que o PMDB havia perdido sua influência no processo de substituição de Figueiredo. Na verdade, muitos peemedebistas da ala moderada, enquanto corriam as discussões a respeito da Emenda Dante de Oliveira, ao previrem uma possível derrota no Congresso, articularam-se para propor o nome de Tancredo Neves como candidato da oposição.<sup>75</sup> O desafio da oposição era conseguir apoio de parlamentares governistas para viabilizar a candidatura de Tancredo e o canal encontrado pelos oposicionistas foi cooptar

---

<sup>72</sup> KINZO, Maria D’Alva Gil. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição.

<sup>73</sup> RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já: o grito preso na garganta*.

<sup>74</sup> LEITE, Antonio Dias. *A transição para a Nova República (agosto de 84 a abril de 85)*.

<sup>75</sup> KUCINSKI, Bernardo. *O Fim da Ditadura Militar*.



dissidentes do PDS que se recusaram a apoiar o candidato do governo conforme havia sido acordado em convenção.<sup>76</sup>

Das negociações entre peemedebistas e os políticos que deixaram o partido do governo, surgiu a Aliança Democrática, cujo objetivo era levar Tancredo à Presidência da República. O preço pago pela oposição para a composição dessa aliança foi aceitar a indicação de José Sarney à vice-presidente na chapa oposicionista. As manobras e as concessões da oposição para fortalecer o nome de Tancredo impediram que os militares impusessem o nome do sucessor de Figueiredo, mas abriram espaço para críticas dos que apontavam a influência de diversos políticos historicamente alinhados ao regime militar na composição da chapa de Tancredo.<sup>77</sup>

Com a vitória de Tancredo Neves e José Sarney em janeiro de 1985, acirraram-se as críticas vindas de segmentos da oposição, como o PT, sobre a legitimidade do governo eleito indiretamente, situação de desconforto que beirou as raias de uma crise com a internação de Tancredo no Hospital de Base em Brasília no dia 14 de março de 1985, devido a fortes dores abdominais. Em meio a um clima de instabilidade, José Sarney foi empossado interinamente presidente do Brasil às dez horas do dia 15 de março de 1985.<sup>78</sup> Começava, assim, a terceira fase do processo de abertura democrática no Brasil.

A Nova República nascia sob forte pressão política e econômica, nas mãos de um político que de mero elemento de negociação do PMDB com os dissidentes do governo militar, transformou-se, do dia para a noite, em presidente do Brasil. Um homem cuja trajetória era marcada por fortes vínculos com os militares, que chegou à presidência sem apoio popular e que não possuía vínculo histórico com o PMDB, partido que tanto se esforçara para assumir o poder.<sup>79</sup>

Em face a essas dificuldades o governo de Sarney (1985-1990) enfrentou sérios problemas. Na busca por legitimação, a administração federal sofria pressões internas e externas. De parte de integrantes do governo que em constante queda de braço lutavam por maior influência na esfera administrativa e também dos partidos de oposição e setores organizados da sociedade civil que cobravam a consolidação do processo de democratização do país.

---

<sup>76</sup> VIEIRA, Evaldo. Brasil: do golpe militar à redemocratização. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). A grande transação*, p. 212.

<sup>77</sup> LAMOUNIER, Bolívar e MENEGUELLO, Rachel. *Partidos políticos e consolidação democrática – o caso brasileiro*.

<sup>78</sup> SKIDMORE, Thomas. *A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985*.

<sup>79</sup> LOPEZ, Luiz Roberto. *Uma história do Brasil-República*.

Em novembro de 1985, foi aprovada uma emenda constitucional que autorizava a convocação da Assembleia Nacional Constituinte, um passo decisivo para a consolidação da democracia. A Constituinte, todavia, mais uma vez, punha em lados opostos os que reclamavam por amplas mudanças no quadro político-social, os que primavam por mudanças seguras e graduais e aqueles que queriam minar a Nova República. Conforme Francisco Carlos Teixeira da Silva:

Os partidos de esquerda, como o PDT, o PT, os partidos comunistas e uma parcela do PMDB esperavam, acima de tudo, remover o chamado “entulho autoritário”: uma série de leis e atos que desde a implantação da ditadura limitava o exercício da cidadania (...) ao mesmo tempo via-se a ocasião para a implementação de um sistema de benefícios de caráter universalista e distributivo que elevasse a situação social do povo brasileiro, particularmente através da ampliação do conceito de cidadania. Para a maioria do PMDB, por sua vez, e seus aliados do PFL, tratava-se de uma reforma jurídica, curta e enxuta, que permitisse que a vida do país se organizasse de acordo com regras representativas, corrigidas, entretanto, qualquer “excesso” democrático (...) para os derrotados do PDS, tratava-se de uma trincheira de resistência contra a Nova República.<sup>80</sup>

O lauto repertório de temas que estava envolvido nas discussões sobre a nova Constituição atingia os interesses de diferentes segmentos da sociedade. Com a possibilidade de participação popular por meio de emendas populares, surgiram inúmeras campanhas em busca de assinaturas organizadas por universidades, sindicatos, órgãos do poder público, associações, organizações indígenas, entidades religiosas, grupos de estudantes, de idosos, de portadores de deficiência, entre outros. Um exemplo dessa mobilização foi o Movimento Nacional pela Participação Popular na Constituinte que aconteceu no Rio de Janeiro, onde se reuniram cerca de 7 mil pessoas na cidade de Duque de Caxias, com a presença de religiosos como o bispo Dom Mauro Morelli e de diversas organizações sociais, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e o Instituto de Estudos de Religião (ISER).<sup>81</sup>

Após ampla discussão, o texto final da Constituição, que continha 245 artigos e 70 disposições transitórias, foi aprovado em 05 de outubro de 1988. A nova Constituição trazia grandes avanços. Assegurava eleições diretas, restringia a atuação das Forças Armadas, além da defesa de uma série de direitos civis e sociais que lhe rendeu o nome de “Constituição Cidadã”.<sup>82</sup>

<sup>80</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Brasil, em direção ao século XXI. In: LINHARES, Maria Yeda (Org.). *História Geral do Brasil*, p. 390.

<sup>81</sup> MICHILES, Carlos. *Cidadão constituinte: a saga das emendas populares*.

<sup>82</sup> MELO, Marcus André. A formação de políticas públicas e a transição democrática. O caso da política social. p. 443-470. VIANNA, Luiz Werneck. O problema da cidadania na hora da transição democrática, p. 243-264.

Enquanto aconteciam as discussões na Assembleia Constituinte, a administração de Sarney seguia aos tropeços com medidas econômicas de redução da inflação que só faziam complicar ainda mais o quadro econômico do país e que, aliadas a enxurradas de denúncias de malversação do erário público, geravam protestos populares e solapavam a popularidade do presidente.

José Sarney herdou do governo militar uma economia extremamente desorganizada cujo principal sintoma eram as taxas siderais de inflação que se acumulavam desde o início da década de oitenta: 110,21% em 1980; 95,18% em 1981; 99,71 em 1982; 211,02% em 1983; 223,90% em 1984; 237,72 em 1985.<sup>83</sup> Os efeitos da hiperinflação às atividades industriais eram devastadores, gerando altíssimas taxas de desemprego e queda generalizada na atividade econômica do país. Ademais, os arrochos internos dificultavam o pagamento da dívida externa brasileira que a cada negociação e renegociação comprometia uma parcela maior do PIB brasileiro e afetava diretamente os investimentos necessários para o Brasil sair da letargia econômico-financeira e os recursos para a manutenção de serviços sociais básicos.

O governo federal decidiu enfrentar o problema com medidas impactantes que fossem capazes de aniquilar a principal vilã da vida econômica brasileira: a inflação. Coube ao ministro Dílson Funaro, economista de confiança de Sarney, a dura missão de enfrentar o monstro inflacionário que assolava o país. Sua arma foi o polêmico Plano Cruzado, implantado em 01 de março de 1986, cujas bases assentavam-se na criação de uma nova moeda (o Cruzado), congelamento dos preços, aumento de 8% no salário dos trabalhadores, implantação do salário-desemprego e de reforço salarial a ser aplicado quando a inflação alcançasse 20%.<sup>84</sup> O economista Carlos Pio, em estudo sobre os programas heterodoxos de combate à inflação no Brasil, destacou as características básicas do Plano Cruzado:

- (i) uma nova moeda: o cruzado (Cz\$) substituiu o cruzeiro (Cr\$) (...) na proporção de Cr\$ 1 mil para Cz\$ 1; (ii) os preços foram congelados, por decreto, por tempo indeterminado. A taxa de câmbio também foi fixada. Essas duas ações tiveram por base a idéia de que a meta de inflação zero seria imediatamente atingida e mantida; (iii) na conversão dos contratos salariais vigentes para cruzados, os valores iniciais (...) deveriam ser iguais à média do poder de compra nos seis meses anteriores, acrescidos de um abono de 8% (15% para o salário mínimo). Anualmente, os salários seriam ajustados em pelo menos 60% da taxa de inflação acumulada desde o ajuste anterior. Os outros 40% deveriam ser negociados entre trabalhadores e patrões; (iv) criou-se uma cláusula de indexação determinando que, toda vez que as taxas mensais de inflação acumuladas atingissem 20% ou mais, todos os salários seriam automaticamente ajustados pela taxa total de inflação acumulada (gatilho); (v) depósitos, cédulas de cruzeiro e ações nos fundos financeiros públicos foram convertidos em cruzados imediatamente (...) (vi) indexação: novos contratos só

<sup>83</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Brasil, em direção ao século XXI. In: LINHARES, Maria Yeda (Org.). *História Geral do Brasil*, p. 394.

<sup>84</sup> AVERBUG, Marcello. Plano Cruzado: crônica de uma experiência.

poderiam ser indexados (oficialmente) se durassem mais de um ano (...) a indexação de contratos em vigência por menos de um ano foi proibida.<sup>85</sup>

Para cumprir as metas do novo plano econômico, Sarney conclamou em rede nacional à adesão da população para que vigiassem os preços e combatessem a sonegação. A população, na esperança de ver o país livre da inflação, aderiu à campanha e milhares de aposentados e donas de casa, que ficaram conhecidos como “fiscais do Sarney”, foram às ruas, levando em mãos as listas oficiais de preços publicadas pela Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB) para fiscalizar a aplicação das medidas governamentais de redução da inflação.

Os efeitos iniciais do Plano foram positivos, com redução da inflação de 237,7% para 57,4%. Porém, o recuo era fantasioso porque resultava de medidas radicais e paliativas tomadas pelo governo e não da verdadeira estabilização da economia brasileira. A dívida externa do país continuava a crescer e a pressionar o câmbio, os gastos públicos excediam a arrecadação obrigando o governo a tomar grandes empréstimos e a emitir títulos para financiá-los. A partir do mês de outubro, o Plano Cruzado mostrou sua face negativa com profundo reflexo nas atividades das empresas e no cotidiano dos brasileiros, conforme demonstrou o economista José Pedro Macarini:

A combinação demanda excitada/expansão de capacidade limitada levaria a um cenário indesejado, que originalmente imaginou-se possível contornar. Práticas variadas, típicas de uma situação de dificuldades de abastecimento sob preços congelados, tenderam a crescer ganhando a partir de agosto/setembro uma dimensão suficiente para embasar um sentimento cada vez mais difundido de “ágio generalizado”. Por exemplo: a falta de carne bovina induziu a substituição por consumo de frango, provocando filas; a falta de componentes (reação aos preços “defasados”) levou à falta de marcas e modelos de TVs, geladeiras, ou a fila de espera para automóveis novos (os fabricantes de pneus, em particular, julgavam incorreto o preço tabelado); o consumo de leite, subsidiado pela política econômica, levou à falta de leite em pó e do tipo C (o mais barato); ágio (sobrepço) atingindo diferentes produtos (ovos, tijolo, ferro-gusa, etc.) ou na forma disfarçada de adulteração de peso (apenas um exemplo: alumínio, com casos registrados em que o industrial pagava 1 tonelada e recebia 800 quilos); difusão da “maquiagem” de produtos, de forma a configurar o produto como “novo” e assim escapar do congelamento/tabelamento.<sup>86</sup>

Com a total desorganização do consumo, o ambiente inicial de euforia deu lugar a uma atmosfera de incertezas. O governo hesitou a tomar qualquer medida que viesse a interferir nas eleições de novembro de 1986, mas passada a votação que fortaleceu o PMDB, foi

---

<sup>85</sup> PIO, Carlos. A Estabilização Heterodoxa no Brasil: idéias e redes políticas, p. 36.

<sup>86</sup> MACARINI, José Pedro. A política econômica do Governo Sarney: os Planos Cruzado (1986) e Bresser (1987).

lançado o Plano Cruzado II<sup>87</sup> no qual o governo reconhecia o fracasso econômico do país e a ineficácia das medidas do Cruzado I.

Era o fim do clima de euforia e da crença de que finalmente o Brasil venceria a inflação; os preços tiveram aumento súbito em taxas que variavam entre 60% a 100%, como no caso de bebidas e alimentos, enquanto as tarifas alcançaram reajustes de 120%. A inflação que chegou à cifra de 57,4% em 1986, saltou para 365,7% em 1987. O governo mais uma vez tentou frear as taxas de inflação em 1988 com um novo pacote de medidas que ficaria conhecido como Plano Bresser, em alusão ao nome do ministro da Economia, Luis Carlos Bresser. A nova equipe econômica do governo pretendia reeditar o choque heterodoxo, depurando os erros do Plano Cruzado, mas o plano Bresser também não foi eficaz, pois apesar de promover grandes perdas salariais, não foi capaz de deter o quadro inflacionário do país.<sup>88</sup> Os protestos e as greves foram inevitáveis e a instabilidade seguiu até José Sarney entregar a faixa presidencial a Fernando Collor de Mello em 15 de março de 1990.

É importante ressaltar que a abertura democrática no Brasil, efetivada em meados dos anos oitenta com a eleição de Figueiredo, em muito se distanciou dos planos iniciais do governo militar que previa uma transição estritamente pautada na agenda eleitoral, ou seja, transição entendida como garantia de realização de eleições e não como um momento de implementação de reformas radicais. De acordo com Alberto Aggio, são injustificadas as avaliações que imputam um caráter conservador ao processo de redemocratização devido à imposição do calendário eleitoral do regime militar. Sobre a transição afirmou o autor:

Lenta e negociada, sim; gradual, também; mas revelou-se inteiramente inovadora frente ao projeto de auto-reforma do regime militar, que pretendia uma ordem autoritária reformada, aliás, com o apoio de inúmeros segmentos das elites, que foram forçados a mudar sua avaliação e comportamento (...) o regime militar colocou em prática o seu projeto de “descompressão” ou “distensão”, mas fez de tudo para que a sociedade não o transformasse no que veio a ser o processo da transição.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Conforme Carlos Pio: “O Plano Cruzado 2 consistia basicamente de: (i) um aumento acentuado nos impostos indiretos sobre a compra de alguns bens específicos (80%) sobre automóveis novos, 120% sobre cigarros e 100% para e bebidas alcoólicas); (ii) os preços de alguns produtos fornecidos ou controlados pelo governo também foram aumentados, ainda que tivessem de permanecer congelados (gasolina 60%, energia e telefone 35% e serviços postais 80%); (iii) restabelecimento de um sistema de uma minidesvalorização para a determinação de uma nova taxa de câmbio nominal, baseada no total abatimento das áreas de inflação; e (iv) reindexação de todos os contratos financeiros às Letras do Banco Central (LBC), que refletiam as expectativas do mercado sobre as futuras taxas de juros”. PIO, Carlos. *A Estabilização Heterodoxa no Brasil: idéias e redes políticas*, p. 39.

<sup>88</sup> SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Brasil, em direção ao século XXI. In: LINHARES, Maria Yeda (Org.). *História Geral do Brasil*, p. 390.

<sup>89</sup> AGGIO, Alberto. Regime militar e transição democrática: um balanço do caso brasileiro, p. 60.

Outro aspecto relevante que deve ser destacado nesse momento histórico do Brasil é o forte engajamento popular em todas as fases do processo de democratização. Alberto Aggio considera “desprovidas de propósito” e “sumamente ideológicas” as alegações que caracterizaram a transição democrática como de perfil conservador por ser resultado de ações feitas “pelo alto” ou “de cima para baixo”. Para o autor, esse posicionamento desrespeita os fatos, pois

foi precisamente a política da transição que rompeu a distinção que os militares queriam impor entre “liberalização” e “democratização”. Ampliar a progressiva e limitada liberação de informações, bem como a liberdade de expressão, manifestação e participação e, com isso, conquistar gradativamente parcelas de poder no plano legislativo e executivo foram elementos centrais do programa da transição.<sup>90</sup>

Na década de 1980, as transformações políticas e as dificuldades econômicas do país, fizeram com que cada vez mais as pessoas se interessassem em acompanhar os acontecimentos do mundo da política, em refletir sobre os rumos do país e também em participar de movimentos sociais e partidos políticos. Do mesmo modo, diferentes organizações sociais buscaram demarcar espaço na “Nova República” que se anunciava e definir suas posições a respeito de diferentes questões durante os trabalhos da Assembleia Constituinte. Nesse contexto, a AD teve de administrar uma dupla preocupação: participar dos debates políticos, já que o processo de redemocratização e a agenda de discussões inauguradas com a Nova República deixavam apreensiva a liderança da Igreja, e evitar que os pastores e fiéis se deixassem influenciar pela efervescente atmosfera política do país e “contaminassem” o espaço “sagrado” das igrejas com a política.

No seguinte item, mostrarei quais foram as *estratégias* utilizadas pela liderança da AD para defender os posicionamentos da Igreja na conturbada década de 1980, sem, com isso, endossar qualquer forma de militância política em movimentos sociais por parte dos pastores e membros e evitar que assuntos relacionados à política ganhassem destaques nos ensinamentos e pregações.

## 1.2) A AD e a política

Sob o ponto de vista do sociólogo Francisco Cartaxo Rolim, a AD, tal como o pentecostalismo norte-americano que lhe deu origem, desde a fundação, manteve suas

---

<sup>90</sup> AGGIO, Alberto. Regime militar e transição democrática: um balanço do caso brasileiro, p. 60-61.

mensagens e suas práticas religiosas dissociadas de qualquer atividade social e política.<sup>91</sup> As demandas políticas pertenciam à esfera terrena e o crente assembleiano deveria se preocupar com a vida no paraíso celestial onde, conforme a Bíblia, não haveria qualquer forma de dor e injustiça. Canalizar energia em busca de soluções para um mundo, que biblicamente estava condenado ao fim, não fazia sentido para o fiel assembleiano; ele deveria orar pelas autoridades do país e se submeter às leis da nação, negando-se a participar de qualquer forma de ação contestatória ou revolucionária. A crença de que a segunda volta de Jesus poderia ocorrer a qualquer momento contribuía para desestimular a participação dos crentes em movimentos políticos e sociais, como bem apontou Francisco Cartaxo Rolim afirmando que o “mundo melhor” não resultaria da atividade humana, mas sim da intervenção do próprio Jesus Cristo.<sup>92</sup> Ainda segundo Rolim:

O pentecostalismo voltava-se para o cristianismo primitivo buscando reproduzir o que este apresentara de extraordinário na manifestação do Espírito Santo, isto é, orar e falar em línguas desconhecidas, fazer curas pelo poder divino. Isso significava introduzir no presente um modelo do passado. Só que este modelo é religioso e se pretendia alcançá-lo através de práticas religiosas. Quanto a mudar a sociedade, era coisa que se deixava por conta da segunda vinda de Cristo.<sup>93</sup>

Devido a esse posicionamento, os fiéis da AD que ousavam participar de movimentos sociais ou políticos eram duramente sancionados. Dois casos célebres bem exemplificam a intolerância dessa Igreja com os membros envolvidos em ações reivindicatórias. O primeiro refere-se à participação de membros da AD no início dos anos 60 na Liga Camponesa<sup>94</sup> liderada por Francisco Julião, no município de Sapé, Estado do Maranhão.

Os estudos de Francisco Cartaxo Rolim sobre a ação da Liga na cidade de Sapé (MA) revelou que muitos fiéis da AD desse município tiveram participação ativa nas manifestações em defesa dos direitos dos trabalhadores rurais. Muitos assembleianos levantaram suas vozes em comícios, protestando contra os donos de engenho que exploravam os trabalhadores, contra as péssimas condições de trabalho e a extrema concentração de terra nas mãos de poucos. Discursos inflamados eram proferidos pelos assembleianos em comícios realizados em praças públicas. Com a Bíblia em punho, recitavam versículos que reforçavam a

<sup>91</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O Que é Pentecostalismo?*, p. 60-61.

<sup>92</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O Que é Pentecostalismo?*, p. 47.

<sup>93</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O Que é Pentecostalismo?*, p. 54.

<sup>94</sup> As Ligas Camponesas, conforme Fernando Antônio Azevêdo, surgiram em 1945 após o fim do governo de Getúlio Vargas com o objetivo de reunir pequenos proprietários em defesa dos interesses que estavam sendo ameaçados pelos grandes latifundiários. AZEVÊDO, Fernando Antônio. *As Ligas Camponesas*.

reprovação divina à exploração e à injustiça. Segundo Rolim, essa era uma experiência nova em se tratando de adeptos da AD: “uma igreja muito conservadora e fechada no religioso”.<sup>95</sup>

Tal atitude recebeu reprovação da liderança local da AD e os membros “revolucionários” foram expulsos da Igreja. Alinhadas aos ideais do governo de João Goulart, as Ligas foram destruídas com o Golpe de 64. Muitos assembleianos foram presos e alguns, após deixarem a prisão, foram aceitos novamente na Igreja na condição de reconvertidos, já que todos haviam cometido um grave pecado: contestar as leis da nação.<sup>96</sup>

Outro caso emblemático ocorreu em 1962 no interior do Maranhão, na pequena cidade de Pindaré-Mirin onde o pastor da AD, Manuel da Conceição, liderou um movimento de defesa dos trabalhadores rurais contra as investidas dos grandes pecuaristas que queriam expandir suas atividades sobre as pequenas propriedades voltadas à agricultura. A experiência do ex-pastor Conceição foi detalhadamente descrita no livro *Essa terra é nossa* publicado em 1980<sup>97</sup>. Nesse livro, Conceição relata que o movimento iniciou-se de forma pacífica, buscando ajuda em diferentes instâncias do governo. O grupo, no entanto, foi infeliz na tentativa de negociação, mesmo tendo conseguido, às duras penas, uma audiência com o governador na capital do Maranhão que em nada resultou.

De volta a Pindaré-Mirin (MA) os pentecostais foram às armas em defesa de suas pequenas lavouras de milho e feijão. O gado dos grandes proprietários passou a ser repellido a tiros. Quando mortos, os donos eram avisados para que os recolhessem, caso contrário a carne das reses era vendida para cobrir os custos das operações. As ações de repressão armada foram seguidas de uma organização inédita de um “paiol comunitário” que gerenciava a venda dos produtos recolhidos em todas as propriedades para obter maior poder de negociação com os intermediários.

Logo, o grupo criou o sindicato dos pequenos produtores e elegeu o pastor Manoel da Conceição para presidi-lo. Foi a gota d’água na relação já deteriorada de Manuel da Conceição com a alta liderança assembleiana e sua expulsão foi inevitável.<sup>98</sup> Os tentáculos do regime militar imposto em 64 não demoraram a sufocar o sindicato de Pindaré-Mirin (MA) e não restou alternativa aos pentecostais sindicalizados senão abandonar a luta e retornar à igreja na condição de reconvertidos.<sup>99</sup>

---

<sup>95</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O Que é Pentecostalismo?*, p. 75.

<sup>96</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*, p. 70.

<sup>97</sup> SANTOS, Manoel da Conceição. *Essa terra é nossa*. Entrevista e edição de Ana Maria Galano.

<sup>98</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*.

<sup>99</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*, p. 70.



Diante da repressão a ambos os movimentos populares por parte da liderança da AD, não é difícil calcular qual foi a posição da AD diante do Golpe Militar de 1964. Rolim vê no posicionamento da cúpula assembleiana a “força do fundamentalismo bíblico e, mais ainda, da aliança com as classes conservadoras e com o novo governo militar”.<sup>100</sup>

Paul Freston afirma que existia uma relação de proximidade entre os protestantes, incluindo-se aí os pentecostais, com o regime militar.<sup>101</sup> Tal como a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), as igrejas evangélicas aplaudiram as ações dos militares que haviam eliminado os movimentos “comunistas” e livrado o país dos arroubos reformistas do governo de Jango. Freston destaca até mesmo certa coincidência na linguagem da Igreja Católica e das denominações evangélicas: “Deus atendeu as orações de seu povo”.<sup>102</sup>

A partir de 1968, vários movimentos surgidos no seio da Igreja Católica e a própria repressão sofrida pela Igreja, fizeram com que ela se distanciasse do seu posicionamento inicial, enquanto as igrejas evangélicas, excetuando-se os luteranos, mantiveram firme o apoio aos governos militares, reprimindo entre seus membros qualquer forma de contestação ao governo. De acordo com Lyndon Santos, após o Golpe:

As igrejas evangélicas passaram a receber um tipo de pregação mais conservador e fundamentalista, oriundo das altas lideranças que apoiavam o regime. O ambiente eclesialístico reproduziu o que a sociedade vivia sob símbolos e discursos religiosos. Os evangélicos se tornaram mais intolerantes com a diferença (...) ser evangélico era possuir uma ética pessoal exemplar, estar preocupado com o comportamento e com a transmissão da experiência religiosa para os “perdidos”.<sup>103</sup>

Lyndon Santos dividiu a atuação dos evangélicos no regime militar em três espaços: no púlpito, na praça e no palanque. No púlpito, reforçava-se a ideia de que os crentes não deveriam se alinhar aos partidos de oposição, ao governo, nem mesmo se envolver em qualquer manifestação ou atividade política. Nas palavras de Santos: “se quisermos encontrar alguns dos principais porta-vozes do regime militar no espaço e no tempo cotidianos do período pós-64, busquemos os milhares de pregadores dominicais”.<sup>104</sup> Para esse autor, as

<sup>100</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*, p. 70.

<sup>101</sup> FRESTON, Paul Charles. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, p. 157.

<sup>102</sup> FRESTON, Paul Charles. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, p. 157.

<sup>103</sup> SANTOS, Lyndon de Araújo dos. O púlpito, a praça e o palanque: os evangélicos e o regime militar. In: FREIXO, Adriano de; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. (Org.). *A ditadura em debate: estado e sociedade nos anos do autoritarismo*, p. 159.

<sup>104</sup> SANTOS, Lyndon de Araújo dos. O púlpito, a praça e o palanque: os evangélicos e o regime militar. In: FREIXO, Adriano de; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. (Org.). *A ditadura em debate: estado e sociedade nos anos do autoritarismo*, p. 162.

mensagens pró-regime não ficavam circunscritas apenas às pregações dos cultos noturnos. As escolas dominicais e os seminários teológicos também foram espaços de reprodução de valores e idéias do regime<sup>105</sup>. A existência de apenas dois partidos políticos por imposição do governo militar facilitava o direcionamento dos fiéis por meio de uma plataforma maniqueísta: o MDB que representava as forças do mal *versus* a Arena (Aliança Renovadora Nacional), que atendia aos ideais cristãos.

No momento em que agrupamentos em locais públicos não eram permitidos pelas autoridades, os evangélicos e seus auto-falantes tinham ampla liberdade para realização de seus cultos além da relativa facilidade para obter concessão para operar programas radiofônicos.<sup>106</sup> No palanque se posicionaram os primeiros parlamentares evangélicos que tocavam suas campanhas sem qualquer vinculação ou apoio oficial de suas denominações.

No caso da AD, pode-se afirmar que as atividades estiveram bem mais concentradas no púlpito e nas praças dada a resistência existente nessa Igreja em incentivar seus pastores e membros a se lançarem candidatos a cargos políticos.

É importante frisar que, no Brasil, diferentemente do que ocorreu em outros regimes ditatoriais como no Chile, o apoio dos pentecostais não foi escancarado nem por parte das igrejas nem por parte do governo. O motivo do distanciamento de segurança entre o governo e as igrejas pentecostais que eram entusiastas do regime foi explicado por Francisco Cartaxo Rolim nos seguintes termos:

uma demonstração de simpatia [do governo militar para com os pentecostais] externada iria ferir os brios dos eclesiásticos conservadores e estes o regime fazia questão de manter ao seu lado. Mas o fato é que as igrejas pentecostais deram seu apoio, não de público, mas veladamente.<sup>107</sup>

Francisco Rolim destacou a preocupação da AD em não entrar em rota de colisão com o regime, apresentando o caso registrado por um sociólogo que à época da ditadura não conseguiu entrevistar alguns membros da AD na Baixada Fluminense sob a alegação de que ele era um comunista, ao passo que outros membros afirmavam só falar mediante autorização do governo.<sup>108</sup> Saulo de Tarso Cerqueira Baptista demonstrou em seu estudo sobre as relações

---

<sup>105</sup> SANTOS, Lyndon de Araújo dos. O púlpito, a praça e o palanque: os evangélicos e o regime militar. In: FREIXO, Adriano de; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. (Org.). *A ditadura em debate: estado e sociedade nos anos do autoritarismo*, p. 162.

<sup>106</sup> SANTOS, Lyndon de Araújo dos. O púlpito, a praça e o palanque: os evangélicos e o regime militar. In: FREIXO, Adriano de; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. (Org.). *A ditadura em debate: estado e sociedade nos anos do autoritarismo*.

<sup>107</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Petrópolis, p. 174.

<sup>108</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*, p. 174.

políticas na AD<sup>109</sup> de Belém, no Pará que, entre os vários pastores de diferentes denominações que se tornaram alunos da Escola Superior de Guerra (ESG), estava o pastor Firmino da Anunciação Gouveia que dirigia então a AD da capital paraense.<sup>110</sup>

A Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), editora oficial da AD, também tinha muito cuidado com os impressos que publicava. Neles eram evitados temas políticos, polêmicas ou críticas ao governo. Mesmo em momento de grande descontentamento com o governo, a exemplo do apoio dado pelos militares às religiões afro-brasileiras<sup>111</sup>, a editora era cautelosa e centrava suas críticas apenas nos “cultos africanos” sem qualquer menção ao apoio governamental que essas manifestações religiosas receberam do governo. Os jornais eram destinados a assuntos religiosos e ao serviço interno da Igreja, excetuando-se os artigos que tratavam do dever de cada fiel em obedecer às leis do Estado, e reforçavam que fosse evitado envolvimento com política e mais ainda com partidos de esquerda.

Entretanto, nos anos oitenta, momento em que os debates sobre a redemocratização se acentuaram, a AD quebrou o silêncio que a acompanhou por décadas. Eram muitas as incertezas naquele cenário de forte tensão política e crise econômica. Os rumos que o governo civil, pelo qual uma parcela da Igreja Católica havia lutado, geravam grande preocupação à liderança assembleiana. O governo militar, “ordeiro”, que reprimia os levantes comunistas, que mantinha relação amistosa com os pentecostais, estava em declínio e a AD temia que a chegada de civis no comando da nação fortalecesse os partidos radicais, a Igreja Católica e que fossem facilitadas a aprovação de leis que contrariavam os princípios pentecostais. Importa ressaltar que, ao agir dessa maneira, a AD nada mais fazia do que seguir uma forte tendência desse período histórico em que as igrejas evangélicas em sua maioria buscavam aumentar a participação na esfera política do país.

De acordo com o sociólogo Antonio Flávio Pierucci, nos anos 80, em especial a partir das eleições pluripartidárias de 1982, os evangélicos passaram a almejar maior legitimidade ante a sociedade e deixaram para trás a velha frase tantas vezes defendida nos púlpitos e nos seus impressos: “crente não se mete em política”.<sup>112</sup> Na visão desse autor, houve nesse

---

<sup>109</sup> BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. “*Fora do Mundo*”, dentro da política: identidade e “missão parlamentar” da Assembléia de Deus em Belém.

<sup>110</sup> Firmino da Anunciação Gouveia (verbete). ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*, p. 337-338.

<sup>111</sup> JENSEN, Tina Gudrun. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: da desaffricanização para a reaficanização, p. 13.

<sup>112</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*, p. 163.

período uma guinada na posição dos evangélicos em relação à política e também no modelo de relacionamento com a sociedade. O processo de institucionalização do Estado de Direito e da democracia representativa e competitiva fez com que as igrejas evangélicas deixassem a posição, que parecia inabalável, de alheamento político-social em busca de um novo modelo de atuação baseada na “publicidade”. Para Pierucci, essa estratégia ocorreu em duas frentes principais: “1) procura [por] visibilidade para si diante da opinião pública, ou seja, notoriedade e popularidade, presença marcante na esfera pública *midiática*; e 2) parte para uma presença ativa na esfera pública propriamente dita, na esfera *política*”<sup>113</sup>.

Assim, na virada dos anos 70 para os anos 80, a AD se viu diante de um paradoxo: sentia necessidade de defender seu posicionamento diante dos debates políticos do país, mas não queria que assuntos políticos ganhassem centralidade nas igrejas. Os assuntos políticos eram sim importantes, mas não deveriam ser tratados por pastores ou membros; somente a alta liderança da Igreja poderia lidar com um tema tão “perigoso” quanto esse. Para garantir que a defesa do posicionamento político da Igreja em seus periódicos não influenciasse a invasão dos temas políticos nos cultos, nas escolas dominicais e nas demais reuniões, a *estratégia* utilizada pelos líderes da AD foi: publicar artigos relacionados a diversos aspectos da política brasileira ao lado de textos que reforçavam a importância das igrejas se preservarem dos assuntos políticos, orando pela nação, pelo governo e apoiando, como bons cidadãos, as ações governamentais.

Com a necessidade de opinar sobre os rumos da política do país e de evitar que as igrejas se tornassem espaço de debates, a AD escolheu como porta voz da Igreja para os temas políticos o jornal MP, mantendo, dessa forma, os demais periódicos da Igreja afastados dessa temática. No item seguinte mostrarei o porquê da escolha desse jornal para a veiculação de temas políticos e quais foram os principais textos publicados no MP que trataram de assuntos relacionados direta ou indiretamente à política.

### **1.3) Informação, política e fé: o *Mensageiro da Paz* na década de 1980**

O aumento significativo, nas últimas décadas, de pesquisas históricas que se utilizaram de jornais e revistas como fonte, foi acompanhado da cristalização de uma certeza: são muitos os prejuízos que comprometem o resultado dos estudos históricos que se lançam à consulta de inúmeros periódicos sem considerar o lugar social em que foram produzidos e as técnicas

---

<sup>113</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*, p. 167.

envolvidas em sua impressão. Tania de Luca insiste na necessidade de historicizar os impressos, atentando-se para “as produções técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo o que se dispunha, do que foi escolhido e por quê”<sup>114</sup>. Maria Aparecida de Aquino lembra que as “práticas sociais” que envolvem a produção de um jornal ou revista não acontecem somente entre o periódico e o público, pois no interior das redações há uma complexa teia de relações, envolvendo repórteres, jornalistas, editores, redatores e colaboradores:

por prática social dos agentes situados na imprensa estamos entendendo num jornal/hebdomadário/revista/órgãos de divulgação de periodicidade variada. O que se publica é fruto de uma diversidade de relação que incluem referenciais diferentes. Há uma linha editorial do periódico que carrega consigo interesses sociais nele representados pelo grupo que o domina. Há o trabalho do repórter/jornalista/editor/redator/colaborador que, além de seus próprios pressupostos sociais, realiza um exercício de aproximação/distanciamento em relação à linha editorial que pode ser mais ou menos claramente definida pelo órgão de divulgação. Localiza-se num artigo/coluna assinada/editorial, portanto, uma trama de relações sociais, ao mesmo tempo, complexas e difusas.<sup>115</sup>

Nesse mesmo sentido, Heloísa Cruz e Maria Cunha Peixoto afirmam:

O estudo da imprensa, assim como de quaisquer outros materiais selecionados pelo historiador, não se esgota nela mesma e requer o diálogo com outras fontes que colocam em cena outros sujeitos ou práticas sociais, outras dimensões daquela temporalidade. Como espaço privilegiado de poder e mobilização da opinião pública, a imprensa atua sob normas e condições que expressam uma determinada correlação de forças com as quais interage de forma ativa. Fontes como a legislação geral sobre direitos de comunicação e expressão, sobre propriedade e controle dos meios de comunicação, sobre classificação de conteúdos, censura, direito de imagem e responsabilidade editorial além de ajudar a ampliar a visibilidade dos fatores que compõem a cena histórica, podem, é claro, ajudar a aprofundar a compreensão da atuação do jornal ou revista.<sup>116</sup>

A importância dessa perspectiva de trabalho foi comprovada, entre outras, em pesquisa realizada por Tania de Luca em seu estudo sobre a *Revista do Brasil*<sup>117</sup>, pela historiadora Heloísa de Faria no livro *São Paulo em Papel e Tinta*<sup>118</sup> e também pelas

<sup>114</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*, p. 111-153.

<sup>115</sup> AQUINO, Maria Aparecida de. *Caminhos Cruzados - Imprensa e Estado Autoritário no Brasil (1964-1980)*, p. 01.

<sup>116</sup> CRUZ, Heloísa. CUNHA, Maria Peixoto. Na oficina do historiador: Conversa sobre história e imprensa, p. 253-270.

<sup>117</sup> LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*.

<sup>118</sup> CRUZ, Heloísa Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890/1915*.

historiadoras Ana Luiza Martins, em seu *Revista em revista*<sup>119</sup> e Maria Aparecida de Aquino na obra *Censura, imprensa, Estado autoritário*.<sup>120</sup>

O alerta sobre a importância de se perscrutar as tramas editoriais que estão por trás dos impressos vem também de autores internacionais como Robert Darnton, Roger Chartier e Jean-Yves Mollier. Ainda que não tratem especificamente de periódicos como jornais e revistas, especialistas que são em história do livro e da leitura, os estudos de Darnton no rico arquivo da *Société Typographique de Neuchâtel*<sup>121</sup>, de Chartier sobre as ações dos editores de Troyes nos livros da *Bibliothèque Bleue*<sup>122</sup>, e de Jean-Yves Mollier sobre a história do livro e da edição nos séculos XVIII e XIX<sup>123</sup>, têm demonstrando o quão relevante é o conhecimento do local de produção dos impressos.

A Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), a despeito das dificuldades financeiras do país, a partir da segunda metade dos anos 70 experimentou um grande crescimento, conforme indicam os números divulgados pela própria editora em 1978. Os relatórios informam que somente no ano de 1977, de uma tiragem em janeiro de 54.000 exemplares, o MP passou em julho para 116.000 exemplares. No caso da revista *A Seara* houve um aumento de 10.000 exemplares, de modo que no cômputo geral, incluindo livros, livretos e demais revistas como a revista LB, houve um aumento de 628.400 exemplares para 1.025.300.<sup>124</sup>

Esse crescimento resultava de uma série de altos investimentos realizados pela CPAD entre 1960 e 1975 na compra de maquinários e na construção de modernos parques gráficos. A modernização da CPAD, a partir da década de sessenta ocorreu devido à junção de um contexto favorável a frequentes campanhas de arrecadação em prol da editora realizada pela AD. Sobre o contexto, é importante lembrar das reivindicações do Grupo Executivo das Indústrias de Papel e Arte (GEIPAG), criado em 1966, em prol da facilitação das exportações de maquinário gráfico, que forçou o Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI) a liberar

<sup>119</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922).

<sup>120</sup> AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968 – 1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência*. O Estado de São Paulo e Movimento.

<sup>121</sup> DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. p. 199-236. DARNTON, Robert. “Os Leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica” In: DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da História Cultural Francesa*, p. 277-328.

<sup>122</sup> CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*.

<sup>123</sup> MOLLIER, Jean-Yves. *A história do livro e da edição*. Um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII e XIX, p. 521-537.

<sup>124</sup> *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano XLVIII. nº 1083. Janeiro de 1978, p. 08.

inúmeros projetos de empresas que buscavam substituir máquinas desatualizadas e com muitos anos de uso.<sup>125</sup>

Segundo Mário Camargo: “na década de 70, o país mergulhava na moderna industrialização, graças à velocidade da produção dos novos equipamentos. A produção de impresso no Brasil finalmente atingiu o *status* de ‘indústria’ em oposição ao de ‘arte’”<sup>126</sup>. Alzira Alves de Abreu apontou que a modernização da imprensa entre as décadas de sessenta e setenta foi impulsionada pelo crescimento econômico no Brasil entre 1967 e 1973, e pela facilitação dos financiamentos oferecidos pelo governo militar que objetivava modernizar os meios de comunicação do país.<sup>127</sup>

No caso da CPAD, mesmo considerando as boas relações da AD com o regime militar, não é possível apontar qualquer facilitação ou investimento direto por parte do governo. É importante lembrar, conforme já foi mencionado, que o apoio do militares aos pentecostais era velado, devido à necessidade de manutenção das relações do governo com as alas conservadoras da Igreja Católica. Os relatórios publicados pela CPAD e enviados à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), em nenhum momento, mencionam qualquer forma de ajuda recebida pelo governo nem sequer a obtenção de grandes empréstimos. O que fica claro é que os investimentos vinham das campanhas de arrecadação realizadas pela Igreja que, ressalte-se, tinham amplo poder de mobilização e excelentes resultados. Ademais, a CPAD, por atender as ADs de todo o Brasil, conseguia manter as tiragens de seus impressos devido à fidelidade de sua clientela, o que facilitava sua organização financeira.

Foi por meio de campanhas de arrecadação que a CPAD chegou ao fim da década de 1970, possuindo modernas instalações, um parque gráfico amplo com maquinários muito modernos como é caso da impressora rotativa *Goss*<sup>128</sup> e o *Fotocompositor Photon*, modelo *Econosetter* com teclado modelo *variacon*.<sup>129</sup> Todavia, mesmo com uma razoável estrutura e um importante quadro fixo de clientes, a CPAD enfrentava em 1979 um sério problema: faltava-lhe interessados em gerenciá-la, já que os salários não atraíam os nomes que interessavam à CPAD. A vacância da vaga prejudicava o andamento da editora e já começava

<sup>125</sup> CAMARGO, Mário. *Gráfica, arte e indústria no Brasil*. 180 anos de História

<sup>126</sup> CAMARGO, Mário. *Gráfica, arte e indústria no Brasil*. 180 anos de História, p. 129.

<sup>127</sup> ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa, (1970-2000)*, p. 20-21.

<sup>128</sup> “Goss – Renovação oportuna”. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano 42. N° 06. Março de 1972, p. 07-08.

<sup>129</sup> “Dados sobre a situação da empresa”. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano 47. N° 10. Agosto de 1977, p. 07-08.

a comprometer suas finanças quando foi indicado para ocupar a direção da Casa o senhor Custódio Rangel Pires.

O assembleiano Rangel Pires era um bem-sucedido industrial, dono de uma grande empresa de distribuição de madeira e de produção de materiais plásticos.<sup>130</sup> Sua indicação para assumir a diretoria da CPAD foi influenciada por sua experiência como administrador de empresas e foi com uma nova visão administrativa que Rangel Pires implantou uma série de reformas de reestruturação da editora assembleiana. Entre as ações estava implementação do programa de diversificações das publicações da CPAD, principalmente dos periódicos, especializando-os a diferentes públicos e às necessidades da Igreja.

Até a primeira metade da década de 1970, havia três periódicos principais publicados pela CPAD: o MP, jornal oficial da Igreja, a revista *A Seara* destinada à publicação de “variedades” e a revista *LB* que era utilizada nas escolas dominicais. Em 1977, para atender especificamente os ministros da Igreja (pastores e evangelistas) foi fundada a revista *Obreiro*. A partir de 1979, na administração de Rangel Pires, foi lançada para o público jovem a revista *Jovem Cristão* e para o público feminino a revista *Circulo de Oração*. Além desses novos periódicos, no início dos anos oitenta, a revista *A Seara*, que desde 1956 circulara como um periódico multitemático, passou a publicar matérias específicas sobre o “lar e a família cristã”.

Com esse novo quadro de distribuição de periódicos, o jornal MP, que até então circulava entre as igrejas por meio de assinaturas e de remessas de cotas às igrejas, buscou ampliar sua inserção no público que não pertencia à AD. Com tal medida, buscava-se colocar o MP a serviço da evangelização e transformá-lo em instrumento de propagação e defesa dos princípios defendidos pela AD em um momento de importantes transformações sociais e políticas no Brasil.

A primeira medida para aumentar a inserção do MP na sociedade foi tomada, em outubro de 1979, por Custódio Rangel Pires, numa ousada decisão: colocar o jornal MP à venda nas bancas. A deliberação da CPAD em pôr seu principal jornal nas bancas decorria da necessidade da AD de demarcar suas posições ante a sociedade num contexto de intensas mudanças e de crises no cenário sócio-político nacional. Num momento de instabilidade, a AD queria se fazer ouvir, alcançar o grande público, a classe política e os “adversários” religiosos. Em uma das justificativas sobre a disponibilização do MP em bancas, afirmava-se:

---

<sup>130</sup> Custódio Rangel Pires (verbete). ARAUJO, Isael de . *Dicionário do Movimento Pentecostal*, p. 337-338, p. 700-702.



Em meio a tantas notícias de crises, guerras e crimes, ele prega a esperança, a paz e o amor. Onde mais prolifera a pernicioso literatura erótica, ele anuncia a sã doutrina bíblica, a mais elevada moral. Onde reinam as mais densas trevas, ele mais intensamente comunica a luz refulgente do Evangelho de Cristo. Conserve o MP nas bancas.<sup>131</sup>

O afã da AD em aumentar o poder de inserção de suas mensagens na sociedade fez com que, em novembro de 1979, fosse lançada a “Campanha do Milhão” que tinha o pretensioso objetivo de elevar a tiragem do MP para um milhão de exemplares.<sup>132</sup> Os planos de expansão do público leitor e de aumento de tiragem do MP provocaram alterações na representação dos editores sobre os leitores. O jornal que, por meio século, se destinara à comunicação interna da Igreja e à publicação de mensagens evangelísticas passou por reformulações gráficas e incluiu na sua pauta temas antes negligenciados, a exemplo dos assuntos referentes à política.

Roger Chartier considera muito importante para os estudos históricos a observação das mudanças nos impressos ao longo do tempo, pois de acordo com esse autor, todas as alterações são carregadas de historicidade e indicam uma nova representação dos editores sobre os leitores, ou em outras palavras, um novo horizonte de recepção<sup>133</sup>. Retomo aqui a adaptação de Heitor Barzoto para as noções de *mise en texte* e *mise en page*, desenvolvidas por Roger Chartier para a análise de livros impressos que, nos estudos de Barzoto, foram traduzidas respectivamente como “textualização” e “composição”.<sup>134</sup> Esta relacionada ao estilo de escrita do texto como, por exemplo, a escolha dos termos, a maneira de se dirigir ao leitor, entre outras, aquela às estratégias de atração do leitor a trechos considerados importantes para a compreensão geral do texto, isto é, a maneira de distribuição do texto sobre o papel – cor e/ou tipo da fonte, localização nas páginas, paragrafação, chamadas de capa e outras glosas de leitura.

As reformulações no MP, implementadas pela CPAD no início da década de 1980, ocorreram os elementos composicionais e nos elementos linguístico-textuais. Nos elementos composicionais a primeira medida foi aumentar o número de páginas do mensário de 16 para 20 e melhorar a qualidade do papel em que o jornal era impresso. A capa do jornal também sofreu alterações em outubro de 1979 – exatamente no mês em que o MP foi oferecido pela

<sup>131</sup> Conserve o MP nas Bancas. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano XLIX. Nº 1111. Novembro de 1979, p. 02.

<sup>132</sup> “Um milhão de exemplares”. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano XLIX. Nº 1111. Novembro de 1979, p. 11.

<sup>133</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de Leitura*, p. 97.

<sup>134</sup> BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso*. Estudo sobre a revista Realidade (1966-1976).

primeira vez nas bancas. As letras azuis e fortemente sombreadas utilizadas para destacar o nome do jornal perderam o sombreamento e passaram a ser impressas apenas em uma única cor. Suprimiu-se a indicação “órgão oficial das Assembléias de Deus no Brasil” e a lista de antigos diretores em favor das frases “disse Jesus: deixo-vos minha paz, a minha paz vos dou” e “meio século disseminando bênçãos”. (Figura 1 e 2, p. 50). A indicação de edição do jornal também foi alterada com o acréscimo do mês correspondente à edição (outubro de 1979, por exemplo) alocado no alto da página também. Outra novidade foi a criação de “suplementos especiais” que a cada edição traziam temáticas específicas sobre milagres, literatura, ensino.

Essas reformulações foram pensadas a partir do plano de ampliação de leitores e da necessidade de tornar o MP um veículo de propagação dos ideais da AD em diversas esferas da sociedade num momento histórico em que a Igreja sentia-se ameaçada em face das incertezas no quadro político e econômico do país. Retirar a inscrição que indicava a filiação institucional do jornal e a lista de antigos diretores corroborava para aguçar a curiosidade dos leitores em conhecer aquele periódico que antes não era encontrado nas bancas e demonstrava a preocupação dos editores em não repelir possíveis leitores no primeiro contato simplesmente pelo fato de o jornal pertencer a uma instituição pentecostal específica. A mensagem bíblica, por sua vez, destacava o caráter evangelístico do mensário e a indicação de que o jornal circulava há mais de cinquenta anos assegurava aos que não conheciam o periódico que aquele era um veículo de informação com certa tradição.

Figura 1 – Capa do jornal Mensageiro da Paz de setembro do ano de 1979.



Fonte: Mensageiro da Paz. Rio de Janeiro, ano XLIX. N° 1109. Setembro de 1979. Acervo particular de Julio Silveira.

Figura 2 – Capa do jornal Mensageiro da Paz de outubro do ano de 1979.



Fonte: Mensageiro da Paz. Rio de Janeiro, ano XLIX. N° 1110. Outubro de 1979. Acervo particular de Julio Silveira.

Os elementos linguístico-textuais também contribuíram na adaptação do jornal à sua nova fase iniciada no início de 1980. A primeira grande guinada ocorreu com a inclusão de notícias sobre o contexto político do país e, conseqüentemente, uma maior incidência de termos que antes raramente apareciam nas páginas do jornal, tais como “taxas de juros”, “inflação”, “crise econômica”, “contexto político”, “democracia”, “igreja e política”, “justiça social”, “liberdade religiosa no Brasil”, “movimentos sociais”, “engajamento político”, entre outros. Os textos publicados no jornal também passaram a privilegiar referências mais genéricas como “nós, evangélicos” ou mesmo “nós, os crentes” ou ainda “nós, da Igreja de Cristo” ou simplesmente “a Igreja” em detrimento de indicações diretas ao nome da Igreja como ocorria nas décadas anteriores em que era comum encontrar a indicação “para nós da Igreja Assembléia de Deus” ou “as Assembléias de Deus no Brasil”.

A partir dessas reformulações, o MP passou a ser o porta-voz da AD em assuntos referentes à política, expressando os descontentamentos e as preocupações da liderança dessa Igreja diante do novo contexto social e político que se desenhava no início dos anos 80. Assim, foi em julho de 1980, quando o editorial desse jornal expressou a preocupação da AD com os crescentes movimentos de contestação ao governo e o engajamento de grupos religiosos nas causas “revolucionárias”:

A Palavra de Deus ensina dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Isso significa que o Estado existe dentro da vontade de Deus e ao Estado todos nós devemos obediência enquanto ele não se opuser à nossa fé. A Bíblia ensina que devemos estar sujeitos às autoridades superiores “porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas”, e a orarmos por ela (...) O Senador Jarbas Passarinho afirmou, com razão, que “se o sermão passa a ser uma pregação oposicionista ao governo, aquele que profere exerce uma atividade nitidamente política limitada ao sentido temporal (...) e por ocasião da greve dos metalúrgicos do ABC, em São Paulo, a atuação política de alguns clérigos chegou mesmo a pregar às massas a mudança do regime vigente em nosso país. Saliente-se que esse tipo insidioso de pregação vem ocupando também alguns púlpitos protestantes em detrimento da sã doutrina da palavra de Deus. A história, todavia, tem muitas e sábias lições a dar aos teólogos contemporâneos, engajados em movimentos revolucionários. É impossível furtar-se às funestas conseqüências de uma transformação social que não seja a operada pelo genuíno Evangelho de Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Fora desta sólida e infalível base, as revoluções fracassam, porque os homens que as fazem não são regenerados, não são novas criaturas (...) É fácil consertar o mundo quando primeiramente endireitamos o homem. A missão da Igreja é pregar a Cristo a toda criatura, a tempo e fora de tempo; é colocar as mãos no arado e não olhar para trás (...) em uma palavra, transformar púlpitos em palanques políticos, ou substituir as Boas Novas de salvação por “slogans” revolucionários, é o mesmo que transformar bombeiros em incendiários.<sup>135</sup>

<sup>135</sup> Igreja e política (Editorial). *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano L. N° 1119. Julho de 1980, p. 02.

Com as discussões sobre a democracia e a possibilidade de participação político-partidária que lhe era inerente, a AD temia a oficialização de partidos com “ideais comunistas” que operavam, até então, na clandestinidade devido à repressão do governo militar. O editorial do MP do mês de novembro de 1985, intitulado *Democracia e comunismo* em suas primeiras linhas, era categórico: “A abertura trouxe os partidos comunistas de volta à legalidade. Doravante, estarão participando abertamente da vida política do país, em busca do voto de milhões de brasileiros”<sup>136</sup>. O editorial alertava sobre o perigo por trás dos discursos inflamados em favor da democracia, da liberdade e em defesa dos trabalhadores que ecoavam por todo o país. Para o editorialista do jornal, eram esses mesmos discursos e ideais que levaram dezenas de países a se renderem ao manto do comunismo. E arrematava:

Como cristão não temos porque aceitar uma ideologia que, através do materialismo dialético, exclui Deus do controle do Universo, por considerá-lo uma utopia criada para enganar os povos sofridos do mundo. Tentar conciliar a doutrina cristã com tal conceituação, que massacra a vida religiosa, opondo à liberdade de suas manifestações, seria algo contrário ao bom senso.<sup>137</sup>

A AD também reprovava as ações de rebeldes que em nome da democracia promoviam terrorismo e desafiavam as autoridades constituídas. Radicais que lutavam pela implantação de um novo modelo de governo em que teriam espaço para propagar livremente suas “ideologias esquerdistas”. Um artigo publicado no MP de novembro de 1981, conclamava todos os evangélicos do Brasil para o dia nacional de jejum e oração pelo Brasil. Entre os problemas que motivavam as intercessões estavam: “(...) terrorismo: no Brasil e no mundo, chamamos também de guerrilheiros, fazem misérias e dizimam grande número de vidas. Assassinos frios e cruéis (...) seqüestros, tanto de aviões, como de embaixadores, com o propósito de obrigar governos a pôr em liberdade assassinos violentos e perigosos”<sup>138</sup>. Conforme o artigo, era preciso mobilizar todas as igrejas para um dia especial de jejum e oração contra o “quadro terrível” vivido nos anos 80, momento em que a “liberdade agonizava”.

Sendo inadmissíveis as ideias revolucionárias, a junção da política com a religião e qualquer movimento de contestação à ordem instaurada, a AD tinha na Teologia da Libertação a síntese de tudo o que deveria ser combatido. Por isso, não media as palavras para

<sup>136</sup> Democracia e Comunismo (Editorial) *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1181. Setembro de 1985, p. 02

<sup>137</sup> Democracia e Comunismo (Editorial) *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1181. Setembro de 1985, p. 02

<sup>138</sup> 15 de novembro: dia nacional de jejum e oração. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LI. N° 1135. novembro de 1981, p. 02.

criticar e chamar a atenção de seus fiéis para a malignidade inculcada nesse movimento. Na década de 1980, foram dezenas de artigos publicados no MP contra os “teólogos da libertação” com insinuações, inclusive, de que esse movimento representava o próprio “anticristo”:

A Teologia da Libertação. Trata-se de uma teologia cristã só no nome, sem base bíblica, uma tentativa de associar ao cristianismo o pensamento marxista e dar ao cristão uma preocupação sócio-política e ideológica com as coisas de Deus. Não temos dúvidas de que a Teologia da Libertação é uma ponta de lança do Anticristo (...) há atualmente um movimento mundial em prol da ideologia marxista ou socialista, o qual está entrando na igreja com o nome de Teologia da Libertação. Uma observação, mesmo que superficial da Bíblia e dos Evangelhos, mostra que Deus, na sua revelação aos homens, sempre os advertiu a não amarem o mundo nem o que no mundo há.<sup>139</sup>

Para a AD, os problemas sociais, ainda que muito importantes, não deveriam ser uma preocupação da Igreja nem mesmo justificar a entrada da política no “espaço sagrado” das igrejas. O alvo do verdadeiro cristão não eram as forças terrenas, mas sim as hostes do mal e a incredulidade, esses, sim, fatores responsáveis por todas as injustiças sociais que afligiam o Brasil:

Em referência aos pobres e injustiçados socialmente, nós lhes pregamos a salvação, e os ensinamos a terem confiança em Deus. Depois da pessoa ser salva a própria situação financeira melhora, porque Deus cuida dos seus. Mas lembramo-nos que o próprio Jesus foi pobre e injustiçado e no entanto perdoou aos seus algozes e afirmou, na hora da pronúncia de sua sentença, que seu reino não era deste mundo (...) nossa luta não é contra a carne, nem contra as injustiças sociais, mas contra as potestades, contra o príncipe das trevas e contra as hostes espirituais (...) o cristão que tem sabedoria não se deixa enredar nas teias romanas nem toma partido por ninguém a não ser por Jesus Cristo.<sup>140</sup>

A abertura democrática, além do apoio que recebia dos grupos de “esquerda” era um anseio da chamada “ala progressista” da Igreja Católica. Dessa forma, a AD temia pelo destino dos pentecostais com o fim do regime militar e implantação do novo governo. Esse sentimento de temor ficou claro em inúmeros artigos publicados no MP que tratavam das “ameaças à liberdade religiosa” que surgiam no bojo dos debates pela democracia.

Em fevereiro de 1984, uma chamada de capa do mensário oficial da AD, indagava: “Quem tem medo dos crentes?”. A chamada anunciava uma reportagem assinada pelo pastor Abraão de Almeida que denunciava uma conspiração da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para acabar com as “seitas” no Brasil. A matéria, que se baseava em uma

<sup>139</sup> Teologia da Libertação: a ponta-de-lança do Anticristo. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano L. N° 1121. Setembro de 1980, p. 06.

<sup>140</sup> Teologia da Libertação: a ponta-de-lança do Anticristo. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano L. N° 1121. Setembro de 1980, p. 06.

reportagem publicada em um jornal secular, revelava a preocupação da CNBB com os ataques das seitas pentecostais à Igreja Católica e o alinhamento dessas seitas com o governo norte-americano que, segundo os documentos citados pela CNBB, inclusive apoiava financeiramente algumas denominações pentecostais.

Para o pastor Almeida, com esse tipo de postura, a Igreja Católica, sobretudo os esquerdistas que nela se abrigavam, punha às claras quais eram seus objetivos ao defenderem a politização do povo e a revolução como forma de resolver os problemas da sociedade. Na verdade, de acordo com Abraão de Almeida, o que se queria era retomar a hegemonia católica que vinha perdendo espaço para as “seitas evangélicas”, já que o clero católico nada mais fazia do que tentar doutrinar o povo politicamente nos seus núcleos de disseminação do marxismo denominados de CEBs (Comunidades Eclesiais de Base).<sup>141</sup>

No editorial de dezembro de 1984 do MP, anunciou-se que o novo presidente do Brasil iria ser escolhido pelo Colégio Eleitoral, prenúncio da nova ordem política que se instalaria no Brasil. O texto destacou a importância dessa transição para a história política do país sem deixar de valorizar os serviços prestados pelo “ciclo revolucionário”, representado pelos militares que se iniciou em abril de 1964, devido a um “quadro de instabilidade” no Brasil na década de sessenta.<sup>142</sup>

A matéria demonstrava pessimismo com os candidatos que disputavam o cargo mais importante do país, principalmente, pela luta que se travou entre os presidencialistas: “parece até um paradoxo que dois pretendentes à suprema magistratura lancem mão dos mais variados recursos para que somente um deles se eleja (...) afinal, estariam ambos movidos pelo desejo de servir ao povo brasileiro ou esta atitude revela apenas ambição pelo poder” indagou o editorialista.<sup>143</sup>

Com o aumento da participação popular por meio de manifestações organizadas pelos movimentos sociais, o artigo recomendava aos evangélicos que se mantivessem afastados da política, numa posição de “prudência” e de “não comprometimento” já que a Igreja, como instituição sagrada, pairava acima de “conceitos ideológicos” e “facções partidárias”. O temor pelo que poderia vir na onda de democratização requeria cautela e a AD, segundo o editorial,

---

<sup>141</sup> Quem tem medo dos crentes. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. Nº 1162. Fevereiro de 1984, p. 08.

<sup>142</sup> Os evangélicos e a sucessão presidencial (Editorial). *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. Nº 1172. Dezembro de 1984, p. 03.

<sup>143</sup> Os evangélicos e a sucessão presidencial (Editorial). *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. Nº 1172. Dezembro de 1984, p. 03.

tinha de preservar sua autonomia no novo regime para que, assim, pudesse combater os possíveis “pecados sociais” que poderiam surgir no novo cenário político.<sup>144</sup>

Mesmo pouco entusiasmada com a “Nova República” e com os presidencialistas, a cúpula da AD apressou-se em se aproximar de Tancredo Neves, após sua vitória em 15 de janeiro de 1985 no colégio eleitoral. É o que demonstra o editorial de fevereiro de 1985 cujo título era: “Tancredo Neves e as Assembléias de Deus”<sup>145</sup>. O editorial retratava uma audiência do recém-eleito presidente Tancredo Neves com um grupo de pastores da AD, atendendo a solicitação do diretor da CPAD Custódio Rangel Pires. O editorial afirmava que no encontro os líderes assembleianos fizeram reivindicações sobre questões sociais, econômicas e também religiosas que interessavam a todos os evangélicos.

Ao presidente foi apresentado um documento que buscava oficializar o “Dia nacional de jejum e oração” já que, segundo os pastores, os problemas que assolavam o Brasil eram muito mais de “ordem espiritual” do que de “ordem natural”. A comissão também pediu ao presidente que reatasse as relações com Israel, prejudicada pelo voto contrário dado pelo Brasil na “questão Árabe”. Os pastores alertaram o novo presidente para os perigos de ir contra Israel, nação escolhida de Deus, e lembraram: “a partir do momento em que o Brasil deu voto contrário a Israel (...) uma onda avassaladora de inflação incontrolável tem-se abatido sobre nossa pátria desestabilizando nossa moeda”.<sup>146</sup> Os pastores ainda solicitaram ao presidente que fossem retirados os símbolos dos cultos afro-brasileiros que existiam na moeda brasileira, por serem esses cultos contrários aos princípios cristãos.

É interessante ressaltar que não esteve na pauta de reivindicações a reclamação sobre as perseguições da Igreja Católica aos pentecostais, omissão que talvez se explique pela filiação religiosa do novo presidente que era católico. Apesar do destaque que foi dado ao encontro dos pastores assembleianos com o presidente eleito e a satisfação da liderança assembleiana pela oportunidade estendida aos representantes da AD por Tancredo Neves, o próprio editorial negava aos leitores qualquer inclinação da AD em atuar na política e se referia ao encontro como uma abertura de diálogo entre o novo governo e os evangélicos:

---

<sup>144</sup> Os evangélicos e a sucessão presidencial (Editorial). *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. Nº 1172. Dezembro de 1984, p. 03.

<sup>145</sup> Tancredo Neves e as Assembléias de Deus (Editorial). *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. Nº 1174. Fevereiro de 1985, p. 02.

<sup>146</sup> Tancredo Neves e as Assembléias de Deus (Editorial). *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. Nº 1174. Fevereiro de 1985, p. 02.



Esse novo quadro que se antepõe diante da liderança de nossa igreja, não pretende assumir caráter de um alinhamento político-partidário. Não há porque comprometer a pureza do Evangelho com nuances efêmeras decorrentes dos interesses de grupos que buscam o poder (...) isto não quer dizer que somos alienados da realidade cotidiana. O compromisso da Igreja no contexto da sociedade e de tal monta que sua influência precisa ampliar os horizontes e alcançar, inclusive, os altos escalões do governo (...) portanto, o diálogo iniciado entre os evangélicos e o próximo governo está longe de ser um envolvimento político o que não interessa a Igreja como instituição, ainda que individualmente, os crentes possam ter o direito de fazer suas opções.<sup>147</sup>

Após a morte de Tancredo em 21 de abril de 1985, a AD expôs seu descontentamento com a religião a que pertencia o falecido presidente. Trecho da reportagem que comunicava o falecimento de Tancredo no jornal MP indagava: “será que Tancredo Neves no exercício da presidência, como Católico praticante e devoto de São Francisco de Assis, teria condições de não se submeter a prováveis influências do clero romano?”<sup>148</sup>. A mesma reportagem exigia do novo presidente, José Sarney, o cumprimento das reivindicações que foram entregues em mãos ao presidente Tancredo Neves, além de alertar Sarney, que também era católico, sobre a constante tentativa de a Igreja Católica influenciar os rumos da Nova República.

Nos meses que se seguiram à morte de Tancredo, a AD reviu alguns posicionamentos relativos à política. A candidatura de membros e pastores que antes era vista com desconfiança pela liderança da Igreja, passou a ser incentivada com a intenção de aumentar a representatividade evangélica no executivo e no parlamento naquele contexto em que o Brasil dava seus primeiros passos rumo a uma nova ordem social. É o que se pode perceber nos dois trechos de artigos publicados no MP de 1982 e 1985, respectivamente:

Quanto à política temos o que dizer: alguns defendem a participação da Igreja nessa área baseados na história dos judeus e não na origem da Igreja Primitiva, porque não teriam elementos para defenderem esse ponto de vista, senão para condená-lo. E o padrão de vida política dos judeus não pode ser tomado como base para a Igreja, porque esta não tem de lutar contra carne e o sangue, como aqueles. E se os judeus tinham de lutar, porque precisavam assumir uma posição política, e o fizeram para preservar a nação judaica, de onde mais tarde viria o salvador do mundo. E a Igreja, atuando na política, preserva o que? O Reino de Deus? Quando um pregador do Evangelho ocupa uma cadeira no parlamento, deixa de ter o mesmo vigor de evangelista, ainda que continue pregando eloquentemente.<sup>149</sup>

A Igreja de Cristo não foi colocada como cauda, e sim por cabeça. A Bíblia deixa subentendido que o cristão não pode eximir-se de suas responsabilidades com o mundo escondendo sua lâmpada debaixo do alqueire. Ora, isto significa dizer que precisamos do posicionamento de crentes fiéis em todos os setores da vida secular, incluindo-se aí o segmento político (...) ou será que os descrentes são melhores do

<sup>147</sup> Tancredo Neves e as Assembléias de Deus (Editorial). *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1174. Fevereiro de 1985, p. 02.

<sup>148</sup> A morte de Tancredo Neves. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1178. Junho de 1985, p. 10.

<sup>149</sup> A Igreja, a política e a teologia. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LII. N° 1142. Junho de 1982, p. 18.

que os salvos para administrar a coisa pública? Pelo menos não é isso que a Bíblia deixa entender quando menciona o exemplo clássico de Daniel como governador da Babilônia, assessorado por Hananias, Mizael e Azarias (...) podemos, também, mencionar José no Egito que soube administrar com austeridade aquela nação.<sup>150</sup>

A partir dos primeiros passos do governo Sarney rumo à organização de uma Assembleia Constituinte, a AD iniciou uma verdadeira campanha no jornal MP em defesa da participação de evangélicos nos debates sobre a nova Constituição. A preocupação central da Igreja era com a atmosfera de “libertinagem” que a onda de democratização criava no país em prejuízo dos “bons costumes” que vinham cada vez mais sendo degradados na sociedade brasileira. Foi o que expressou o editorial do MP de abril de 1985:

Na atual fase de transição é preciso que se façam colocações sérias acerca do “modos vivendis” da nova república. Muitos confundem as mudanças propugnadas com a liberalização do comportamento, comprometendo assim a nossa já tão corrompida moralidade. Somos absolutamente intransigentes, quando indivíduos inescrupulosos, amantes da desgraça alheia e desejosos de lucro fácil, buscam aproveitar-se dos ventos democratizantes para transformar o nosso país em uma imensa terra de ninguém, onde a imoralidade seja o apanágio de todas as classes (...) democracia não significa convivência com a degradação (...) é preciso que o governo da nova república tenha credibilidade para coibir os abusos e estabelecer normas que protejam a sociedade contra os que desejam degradá-la.<sup>151</sup>

Convém observar que os textos publicados no MP em nenhum momento fizeram menção direta à participação de pastores ou membros da AD na Constituinte. Com o objetivo de se colocar como um interlocutor de todas as igrejas evangélicas, o MP mantinha em seus textos referências a importância da atuação dos “evangélicos” ou da “Igreja” na Constituinte como em matéria publicada em julho de 1985 que alertava sobre a necessidade de a “Igreja” ter seus candidatos à Assembleia Constituinte para que estes, se eleitos, defendessem os princípios “evangélicos” naquele importante momento da história do país.<sup>152</sup> O texto ressaltava, no entanto, que os representantes evangélicos não deveriam ser eleitos para “pedir qualquer bem material ao governo”, mas sim defender a liberdade de manifestação religiosa, já que a Igreja Católica em vários momentos havia declarado sua preocupação com o crescimento dos evangélicos<sup>153</sup>; posicionamento muito próximo ao que já havia sido defendido no editorial desse mesmo mensário em maio de 1985:

<sup>150</sup> Pode o crente ser político. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LIV. N° 1181. Setembro de 1985, p. 06.

<sup>151</sup> A moralidade na Nova República. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1176. Abril de 1985, p. 02.

<sup>152</sup> Por que eleger nossos constituintes. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LIV. N° 1179. Julho de 1985, p. 12.

<sup>153</sup> Por que eleger nossos constituintes. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LIV. N° 1179. Julho de 1985, p. 12.

O compromisso da Igreja, nesse caso, não pressupõe um envolvimento político-partidário nem admite uma outra hipótese de segurança além daquela que nos é garantida por Deus. Representa, todavia, um esforço de manifestar sua benéfica influência nas mais altas esferas da vida pública. Existe, também, um outro aspecto do problema que não pode deixar de ser considerado. Enquanto estamos pensando em nossa participação, a Igreja Católica, ao lado de outros grupos religiosos, arregimenta suas forças e se prepara, através da CNBB para influir na próxima constituinte. E de que modo ela vai encarar a questão da liberdade religiosa?<sup>154</sup>

O editorial do MP de julho de 1986 convocava todos os leitores, em nome da manutenção dos bons costumes e da preservação da liberdade religiosa, a depositarem seus votos em candidatos evangélicos. O texto ressaltava o papel desempenhado pelo MP na divulgação de assuntos relacionados ao quadro político do país e ressaltava a iniciativa pioneira do mensário em tratar desses assuntos “com a devida clareza”<sup>155</sup>. Outro aspecto interessante é a tentativa de conscientizar que a máxima “irmão vota em irmão” não significava que o evangélico deveria votar em qualquer “irmão”. Ou seja, cada crente tinha de observar a indicação da Igreja e a vida pregressa dos candidatos que tamanha responsabilidade assumiriam ao representar os evangélicos na Constituinte. Ademais, defendia-se a união de todas as igrejas evangélicas do Brasil em prol da vitória do maior número de parlamentares evangélicos, deixando de lado velhas rixas que em um momento como esse poderiam enfraquecer a representatividade desse importante ramo religioso nas discussões da Assembleia Constituinte:

Se agirmos a partir desses pressupostos, estaremos contribuindo para a eleição de uma expressiva bancada evangélica e evitando que a fragmentação dos votos nos roube a singular oportunidade de termos pessoas preparadas e comprometidas com a fé cristã nos altos escalões na República. Do contrário, só nos restará a frustração de não sabermos fazer uso dos meios que Deus coloca em nossas mãos para tornar conhecido o seu nome ante as nossas maiores autoridades. Que o povo evangélico, sem cor denominacional, não se furte de cumprir com seu dever cívico e cristão.<sup>156</sup>

No mês de setembro de 1986, uma matéria especial que mereceu destaque de capa, apresentava aos leitores um conjunto de entrevistas com os principais candidatos evangélicos à Assembleia Constituinte e reforçava a importância dessa representação para a defesa dos interesses das igrejas evangélicas. Além dos candidatos foram também entrevistados o reverendo Guilhermino Cunha que pertencia à Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro e era

<sup>154</sup> Os nossos representantes na constituinte. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1177. Maio de 1985, p. 02.

<sup>155</sup> Os nossos candidatos à constituinte (Editorial). *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. N° 1191. Julho de 1986, p. 02.

<sup>156</sup> Os nossos candidatos à constituinte (Editorial). *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. N° 1191. Julho de 1986, p. 02.

representante dos evangélicos, sob indicação de Sarney, na Comissão de Estudos Constitucionais, o pastor Amaury Souza Jardim, da Igreja Congregacional de Bento Ribeiro e presidente do Comitê Evangélico Pró-Constituinte do Rio de Janeiro e o secretário do Comitê, pastor Paulo Roberto de Oliveira Ramos, da Igreja Batista Monte Horebe, em Campo Grande, RJ.

Os candidatos ouvidos pela equipe do MP foram Amizael Gomes da Silva, da AD de Rondônia e presidente da Assembleia Legislativa desse Estado; Benedita da Silva, da AD do Rio de Janeiro, vereadora e líder do seu partido na Câmara Municipal; Salatiel Carvalho, presbítero da AD de Abreu e Lima em Pernambuco; Sotero Cunha, da AD de Madureira no estado do Rio de Janeiro; João de Deus Antunes, evangelista da AD de Porto Alegre; Alfredo Reikdal, pastor da AD do Ipiranga em São Paulo e Carlos Apolinário da AD do Brás, também do estado de São Paulo.

Antes de apresentar os pontos de vista dos candidatos, a matéria fazia uma inédita chamada à conscientização política dos leitores. Contrariando posições anteriormente defendidas no MP, o texto dava especial atenção aos problemas sociais do país, como a fome, a mortalidade infantil, o desemprego e, inclusive, a premente necessidade de reforma agrária no país. A leitura de alguns trechos da matéria em nada faz lembrar as opiniões expressas em centenas de textos publicados no MP que consideravam pecado a contestação ao governo, atribuíam as mazelas sociais a causas meramente espirituais e defendiam a solução dos problemas pela via da oração e do jejum:

Como cidadão consciente e principalmente como cristão, é impossível não perceber as mazelas sociais à nossa vida. Os índices de mortalidade infantil por desnutrição crescem a cada dia e o desemprego assola com seus resultados desastrosos a milhares de famílias, enquanto a concentração de renda permanece nas mãos de uns poucos privilegiados. O presidente José Sarney tem encontrado numerosos obstáculos ao tentar pôr em prática a reforma agrária, ansiosamente esperada por aqueles que não têm nenhum direito a sua porção de terra, enquanto extensas regiões permanecem improdutivas. A violência urbana e rural cresce assustadoramente, sem que nenhuma medida funcione de forma objetiva. E onde está a participação do crente? O que tem sido feito no sentido de cobrar das autoridades uma atuação mais dinâmica diante de tantos desajustes? É preciso ir mais adiante, participando ativamente do processo de mudança social. E uma das condições para isso poderá estar na conscientização política, escolhendo acertadamente os candidatos que serão representantes do povo no Governo.<sup>157</sup>

Após o preâmbulo, a reportagem destacou a fala do reverendo Guilhermino Cunha em defesa de maior igualdade social no país: “A bandeira da justiça social é a bandeira do

<sup>157</sup> Os rumos da constituinte. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. Nº 1193. Setembro de 1986, p. 15.

Evangelho de Cristo e a justiça deve presidir e permear todos os dispositivos atinentes à ordem econômica e social”<sup>158</sup> afirmou o ministro presbiteriano.

A então vereadora Benedita da Silva, à época líder do Partido dos Trabalhadores (PT) na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, defendeu sua candidatura sob a plataforma da justiça social: “Minha prática política é baseada na minha prática espiritual. Por isso, quero que todos tenham os mesmos direitos”. A vereadora atacou os empresários evangélicos que exploravam os seus empregados ao dizer aos repórteres: “não compreendo como existem cristãos muito ricos e não dividem a riqueza nem com os empregados deixando até de pagar férias, 13º salário e à noite estão nas igrejas, dirigindo cultos”<sup>159</sup>. A reportagem também ressaltou a luta da vereadora Benedita em favor da reforma agrária e deu destaque à resposta da candidata ao ser indagada sobre o tema: “essa discussão tem muita importância para mim, mesmo que tenha algum político evangélico e latifundiário, querendo defender suas terras. Minha participação será, sobretudo, a de uma serva do Senhor na Constituinte”<sup>160</sup>.

Já o candidato Salatiel Carvalho demonstrou preocupação com os intentos da Igreja Católica na constituinte: “A Igreja Católica quer controlar não só a Constituinte, mas toda a vida nacional (...) A Constituição é o principal instrumento que a Igreja Romana vai usar”. Salatiel preocupava-se também com os problemas sociais do nordeste por considerar essa região do país fortemente marcada pelas desigualdades e concluiu: “precisamos de uma Constituição que estabeleça os princípios de igualdade sem favorecer os já privilegiados, mas tornando-se um instrumento que garanta os direitos de todos”.

O evangelista João de Deus Antunes firmava compromisso, caso eleito fosse, em lutar para frear os intentos das diversas organizações perniciosas que se mobilizavam para atuar na Constituinte: “O Partido Comunista está legalizado em 40 municípios gaúchos. Dom Elder Câmara faz uma jornada em todo o Brasil em nome da CNBB; os seguidores do reverendo Moom encontram-se mobilizados pela Constituinte. ‘Os gays’ já têm seus candidatos”<sup>161</sup>. Se os grupos dotados de ideias contrárias à “sã doutrina bíblica” estavam organizando-se, Salatiel não via sentido na omissão dos evangélicos com as causas políticas: “onde está a participação dos evangélicos? É tempo de agir, pois esta pode ser a última Constituição antes da volta de Cristo”<sup>162</sup>. O deputado Carlos Apolinário que pleiteava sua reeleição garantia que se recebesse

<sup>158</sup> Os rumos da constituinte. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. Nº 1193. Setembro de 1986, p. 15.

<sup>159</sup> Os rumos da constituinte. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. Nº 1193. Setembro de 1986, p. 16.

<sup>160</sup> Os rumos da constituinte. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. Nº 1193. Setembro de 1986, p. 16.

<sup>161</sup> Os rumos da constituinte. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. Nº 1193. Setembro de 1986, p. 16.

<sup>162</sup> Os rumos da constituinte. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. Nº 1193. Setembro de 1986, p. 16.

aprovação nas urnas daria continuidade a sua luta contra o aborto e contra o comunismo. Disse o deputado: “A presença dos evangélicos na Constituinte, demonstra, sem sombra de dúvidas, o seu patriotismo na discussão e votação da nossa Carta Magna”.

Josué Sylvestre, autor do livro *Irmão vota em irmão*,<sup>163</sup> defendia a participação política dos evangélicos e manifestava-se contra a ideia há tanto tempo corrente nas igrejas de que política era pecado. Em defesa de seu posicionamento, lembrava aos que viam com maus olhos a participação de crentes nos pleitos eleitorais a vida pública de personagens bíblicas como Abraão, Moisés, José do Egito, Salomão e Josué. “Ao estabelecer um pacto com Abraão, Jeová adotou uma posição política. Ao fornecer a Moisés os fundamentos da Constituição de Israel (os ‘Dez Mandamentos’), Jeová adotou outra posição política”.<sup>164</sup>

O deputado estadual e então presidente da Assembleia Legislativa de Rondônia, Mizael Gomes da Silva também se incomodava com a pouca representatividade evangélica nos poderes legislativos em tempos em que importantes decisões sobre o país estava a cargo desses órgãos colegiados: “Quando se chega à Brasília e se encontra um ou dois crentes apenas para uma comunidade de milhões, fica-se surpreso, principalmente nesse momento histórico”.<sup>165</sup> No mesmo sentido, o pastor Alfredo Reikdal considerava que um dos fatores indispensáveis para melhor conscientização dos evangélicos com relação aos assuntos políticos, seria o esclarecimento dos líderes que ainda traziam o “ranço de antigamente”, estabelecendo barreiras entre seus liderados e o importante momento que estava sendo vivido pela nação.

O candidato Sotero Cunha ressaltou que o momento exigia cuidado redobrado para que o afã em eleger uma base evangélica no legislativo não fosse uma porta de entrada para candidatos oportunistas. Sotero também lamentou a persistência de alguns evangélicos em esquivar-se da política, por temerem represálias por parte das lideranças.<sup>166</sup>

As entrevistas e a reportagem indicavam uma mudança na postura da AD em relação à atividade política. Palavras-chave dos discursos esquerdistas como justiça social, distribuição de renda, desemprego, reforma agrária, que em matérias anteriormente publicadas no MP foram duramente criticadas, alguns meses antes da eleição acabaram sendo admitidas no vocabulário assembleiano. Em total contradição aos textos veiculados no MP que atacavam a Teologia da Libertação e os movimentos de esquerda, a reportagem de setembro de 1986

<sup>163</sup> SYLVESTRE, Josué, *Irmão Vota em Irmão*.

<sup>164</sup> Os rumos da constituinte. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. N° 1193. Setembro de 1986, p. 16.

<sup>165</sup> Os rumos da constituinte. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. N° 1193. setembro de 1986, p. 16.

<sup>166</sup> Os rumos da constituinte. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. N° 1193. Setembro de 1986, p. 16.

chegou, até mesmo, a cobrar uma postura mais definida por parte dos fiéis ante as autoridades para que pudessem reivindicar melhorias no quadro social brasileiro.

Mas o que parecia ser o sinal de uma nova relação da AD com a política, revelou-se, na verdade, apenas uma jogada de *marketing* dos editores do MP para angariar votos aos seus candidatos, receosos que estavam com a eficácia dos discursos propagados pelos grupos de esquerda que poderiam calar fundo na população menos favorecida.<sup>167</sup>

As igrejas evangélicas saíram muito fortalecidas das eleições de novembro de 1986, posto que conseguiram eleger 33 deputados. Esse número colocava os evangélicos eleitos na situação de quarta maior bancada da Assembleia Constituinte, atrás somente do PMDB, do PFL e do PDS. Contudo, as urnas ainda trouxeram mais surpresas: dos 33 deputados eleitos 14 pertenciam à AD. Esse feito deu novo fôlego para a AD novamente dar às costas às “causas sociais” e influenciar seus parlamentares para uma atuação estritamente conservadora e voltada aos interesses particulares da Igreja.

É o que se vê na matéria publicada em janeiro de 1987 no MP que anunciava o triunfo da AD nas urnas. O texto, antecipadamente, lembrava a importância do jornal MP para o sucesso alcançado nas urnas pelos candidatos: “A eleição desses evangélicos foi o resultado de um trabalho permanente de conscientização realizado por alguns órgãos da imprensa evangélica, entre eles o Mensageiro da Paz, que foi o primeiro a tratar do assunto”.<sup>168</sup> Além de saudar os irmãos recém-eleitos, a matéria também os advertia sobre seus deveres de parlamentares que representavam a Igreja. Foram listadas seis grandes diretrizes que deveriam nortear as atividades dos novos legisladores:

1. Uniformidade de ação, quando tratar-se de assuntos que interessem a comunidade evangélica, com destaque para a ética comportamental;
2. Identificação aberta com o Evangelho, sem subterfúgios, especialmente no relacionamento com a imprensa secular;
3. Sem cair nos extremismos, orientar-se pela Bíblia para encontrar respostas que solucionem as desigualdades sociais existentes no Brasil;
4. Testemunho condizente com a vida cristã, pois todos estarão voltados para a ação dos evangélicos eleitos. Qualquer deslize será prejudicial ao nome da Igreja;
5. Não abandonar as bases, como fazem os políticos profissionais, mas prestar relatórios permanentes das atividades no Congresso Nacional;
6. Lembrar-se ainda de que acima das obrigações partidárias encontram-se os

---

<sup>167</sup> Paul Charles Freston afirma que durante o processo de redemocratização do país, em meio a crises e avassaladora desigualdade social, as pessoas menos favorecidas economicamente não se voltavam apenas para novas opções religiosas, mas também buscavam novos atores políticos. FRESTON, Paul Charles. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. p, 219.

<sup>168</sup> Assembléia de Deus elege 13 deputados federais. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVII. Nº 1197. Janeiro de 1987, p. 11.

imutáveis e eternos princípios bíblicos, os quais devem nortear as atividades dos parlamentares cristãos.<sup>169</sup>

Diferentemente do teor do texto publicado em setembro de 1986, a matéria de janeiro de 1987 demonstrava pouca preocupação com as questões sociais e ao citá-las, como no item 3, orientava que os parlamentares buscassem as soluções para as desigualdades existentes no Brasil à luz da Bíblia, com cautela, evitando os extremismos. Toda aquela atenção dispensada às causas sociais na antevéspera da eleição pelo MP, foi deixada de lado. A reforma agrária, a distribuição de renda, o combate à fome, o desemprego, nem sequer foram mencionados nos seis itens publicados que tinham por objetivo destacar os compromissos dos candidatos eleitos.

Ao se consultar as edições do MP, posteriores a dezembro de 1986, fica evidente que a verdadeira intenção da AD no campo político não era lutar pela igualdade social. Dezenas de artigos publicados no mensário confirmam que o discurso de pré-eleição carregados de jargões denunciando as adversidades enfrentadas pela população brasileira não passava de mera retórica dos editores do MP num momento em que andavam à caça de votos para seus candidatos.

Passadas as eleições, sem tergiversar, o MP voltou a sua tradicional postura política conservadora centralizada em três grandes frentes de atuação: 1) acompanhamento sistemático das atividades desenvolvidas pela Constituinte em temas que atentavam contra os dogmas da Igreja (aborto, defesa das minorias sexuais, liberdade de culto cristão, cerceamento dos cultos afro-brasileiros); 2) insistência na tese de que os problemas sociais no Brasil tinham caráter espiritual e não seriam resolvidos por meio de medidas políticas; 3) preocupação em evitar que os temas políticos ganhassem força nas igrejas além da reprovação às atividades de membros em movimentos sociais, em especial os de contestação às políticas governamentais.

Ainda em janeiro de 1987, um artigo assinado pelo diretor da CPAD, Custódio Rangel Pires, solicitava a todos os membros da AD que apoiassem o novo plano econômico do governo que viera substituir o fracassado Plano Cruzado. Rangel Pires reprovava com veemência as manifestações contrárias às medidas econômicas do governo Sarney, lembrando que o presidente era um agente administrativo aprovado por Deus. O presidente havia, na visão de Rangel Pires, provado o seu temor a Deus ao aprovar a inscrição “Deus seja louvado” nas cédulas e muitos crentes, em meio às murmurações e às preocupações com a

---

<sup>169</sup> Assembléia de Deus elege 13 deputados federais. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVII. Nº 1197. Janeiro de 1987, p. 11.



falta de alguns produtos nos supermercados, lançavam-se contra o governo tornando-se instrumento das “forças do inimigo”:

Acreditamos que nosso atual presidente foi colocado por Deus! Não temos tendência por esse ou aquele partido. Mas queremos que Deus tenha a oportunidade de governar esse país. Para isso é necessário estar na presidência um homem que O tema. Já registramos um milagre ocorrido, ao qual muitos crentes não deram o devido valor. A linda doxologia impressa nas cédulas: “Deus seja louvado”. (...) Há muitos cristãos que ainda não agradeceram a Deus por essa inscrição e estão por demais preocupados com a falta de alguns produtos no supermercado, por isso não conseguem lembrar-se do que realmente glorifica o nome do senhor (...) Quero lembrar ao povo de Deus que se não ficarmos na “brecha”, a benção do Senhor sobre o país escorregará de nossas mãos. Fiquemos na “brecha” da intercessão, ao invés de nos determos no muro da murmuração. Aquele que murmura será atingido pelo destruidor. A murmuração é uma porta para o indivíduo entrar. O Plano Cruzado veio, e com ele a nova moeda. Peço ao Senhor que dê compreensão ao seu povo para não murmurar contra as acomodações que a reforma econômica está sofrendo. Não é o Plano Cruzado por si só que dará certo, mas sim a benção de Deus que está sobre ele. Peço a cada brasileiro cristão que em nome de Jesus faça o compromisso de orar uma hora por dia pelo Presidente e seus Ministros (...) Cremos, firmemente, que os inimigos do Plano Cruzado serão derrotados, que os episódios do dia de Ação de Graças, ocorridos no dia 28 de novembro em Brasília, com arruaça, o terrível quebra-quebra, e os incêndios. Isto porque as forças do inimigo estarão acorrentadas pela oração do povo de Deus.<sup>170</sup>

Nem mesmo na nota comemorativa publicada em abril de 1987, na qual anunciava-se a posse dos deputados evangélicos ocorrida em fevereiro, os editores do MP deixaram de reforçar seu posicionamento a respeito da atuação dos novos parlamentares. O texto era comemorativo, mas mesmo assim, não se furtava em realizar cobranças conforme pode-se ler no título da notícia que demarcava uma das prioridades sobre as quais os deputados teriam de lutar na Assembleia Constituinte: *Constituintes evangélicos: somos contra o aborto*.<sup>171</sup>

Em agosto de 1987, o editorial do MP fez um balanço da atuação dos parlamentares evangélicos na Constituinte. Novamente a preocupação central do MP, contrariando o que havia sido prometido meses antes da eleição, estava distante dos temas de interesse geral da sociedade, dos assuntos que poderiam influenciar direta ou indiretamente na melhoria de vida de milhares de brasileiros que conviviam então com o desemprego, com a fome, com uma tremenda desigualdade social, além das galopantes taxas de inflação, conforme se pode ler no seguinte trecho:

(...) ficou claro que o empenho de cada um foi efetivo seja na apresentação de sugestões ao texto constitucional, como na defesa de pontos com os quais não podiam transigir, entre eles obviamente o aborto e homossexualismo. É bom

<sup>170</sup> O cruzado vai dar certo. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVII. Nº 1197. Janeiro de 1987, p. 19

<sup>171</sup> Constituintes evangélicos: somos contra o aborto. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVII. Nº 1200. Abril de 1987, p. 13.

lembrar que os nossos irmãos enfrentaram às vezes ambiente hostil, (...) mas, pelo menos tiveram uma vitória parcial: o artigo que trata do aborto foi retirado, ficando para ser discutido a partir do momento em que o Congresso Nacional começar a reunir-se para adequar as leis ordinárias à nova Constituição. Todavia, o mesmo não ocorreu com a homossexualidade, assunto que ainda vai gerar grandes debates (...) Não obstante à luta de nossos representantes, trata-se de um brecha para aceitação do homossexualismo como uma prática normal.<sup>172</sup>

A partir de 1988, o MP publicou uma série de textos que tratavam da situação do país e suas perspectivas futuras. Os prognósticos desalentadores eram marcados pela desqualificação da política como elemento capaz de resolver os problemas do Brasil. Ao colocar a política sob suspeita, desestimulava-se a militância por parte dos membros num momento em que muitos faziam “uso da abertura de forma errada”. A política só interessava à Igreja se ela fosse utilizada, nas esferas competentes e legalmente reconhecidas, em defesa das sãs doutrinas da Igreja. Fome, desemprego, altas taxas de inflação, má distribuição de renda e da terra, e outros tantos desvios sociais, resultavam da má ordem espiritual do país que ainda conservava a cultura idólatra do catolicismo romano e as práticas satânicas dos cultos afro-brasileiros, além do homossexualismo e da prostituição que assolavam a nação. Essa era a ideia central do artigo publicado em julho de 1988, intitulado *Qual a solução para o Brasil?* que lançava dúvidas sobre a eficácia dos planos políticos na resolução dos problemas sociais do Brasil e apontava os problemas oriundos do “excesso” de liberdade no novo regime político:

Na Assembléia Nacional Constituinte temos todas as camadas sociais representadas e nem sempre os pontos de vista são convergentes, o que é normal em um regime democrático. Mas isto acontece justamente em uma época de transição política em que há muita agitação, turbulência e insegurança. A grande dívida externa, o alto custo de vida, o grande número de desemprego, enfim, tudo concorre para que o negro e pesado clima paire sobre a nação causando terrível sensação de instabilidade (...) Vive-se um momento decisivo, e muitas vezes manifestação acontece. Muitos do povo culpam a administração do país, dizem ser o Governo o responsável pela atual situação. E usando de meios condenáveis resolvem fazer justiça com suas próprias mãos. Fazendo uso da “abertura” de forma errada, incendeiam coletivos, agridem governantes, satirizam afirmações superiores e prosseguem gerando mais e mais insatisfações. Nós os salvos e remidos pelo sangue de Jesus, temos no tempo em que estamos vivendo, a responsabilidade de falar sobre a vontade soberana de Deus e orarmos pelo Brasil (...) Ridicularizar governantes não tirará o país do caos em que se encontra. O povo tem o governo que merece, cremos. Se o povo for ímpio, terá ímpios governantes, porém se for fiel ao Senhor a benção de Deus será sobre todo o país. A nossa obrigação é respeitar as autoridades constituídas, pois foram elas colocadas onde estão com autorização de Deus. A solução não é simplesmente outro líder, mas a oração intercessora e objetiva (...) é necessário que o nosso povo se humilhe

---

<sup>172</sup> Acima de tudo a consciência cristã (Editorial). *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVII. N° 1204. Agosto de 1987, p. 02.

verdadeiramente diante de Deus (...) Abandonando a feitiçaria, a idolatria, a prostituição, o homossexualismo, enfim.<sup>173</sup>

Um mês antes do pronunciamento oficial de encerramento das atividades da Assembleia Nacional Constituinte, proferido pelo deputado Ulisses Guimarães em outubro de 1988, o MP publicou um artigo que relativizava a importância da Constituição para a vida do verdadeiro cristão. O conteúdo do texto em nada lembrava o entusiasmo dos líderes assembleianos nas eleições de novembro de 1986, momento em que a Igreja, sentindo-se ameaçada, buscou conscientizar os evangélicos sobre a importância de uma Constituição para o futuro do país e com muito afincou alavancou a candidatura de representantes para compor a Assembleia responsável pela formulação do texto constitucional:

O cristão autêntico não depende para viver a vida pessoal ou social com nobreza e dignidade de “constituições periódicas” que vão se adaptando às circunstâncias ditas novas. Vivendo de acordo com a Bíblia, a Palavra de Deus – o cristão pende sempre para os valores mais altos da vida e busca o bem para si e para seus semelhantes. (...) temos Nova Constituição em nossa Pátria. Será definitiva? Será acatada e obedecida? Pelas lições do passado nos tornamos um tanto duvidosos a respeito.<sup>174</sup>

Pode-se afirmar, a partir do exposto até aqui, que a AD aproximou-se do campo político porque queria assegurar seu lugar na nova conjuntura social que se anunciava na década de 1980. Para isso, esforçou-se para eleger seus candidatos com o intuito de aumentar sua representatividade na Constituinte, fórum central de definição dos rumos do país naquele momento. Em busca desse intento, chegou, até mesmo, a recorrer a palavras de ordem utilizadas pela esquerda a que sempre recriminara; passado, todavia, o perigo da homogeneização dos debates pelos blocos esquerdistas e católicos na Constituinte e com o expressivo resultado alcançado nas urnas, a AD buscou encontrar uma posição política estratégica na nova ordem social. Qual seja, utilizar sua força política em defesa dos interesses específicos da Igreja, evitando embates com o Governo e a entrada da política nos templos. Ou, em outras palavras, prevaleceu o antigo medo que sempre causou à AD a relação demasiada estreita entre fé e política.

O MP teve aí uma função muito importante nas *estratégias* da AD. Ao mesmo tempo em que cumpria sua função de veículo informativo, com a publicação de notícias inerentes à Igreja e aos principais acontecimentos do cenário nacional, o jornal também servia como porta-voz da AD em assuntos relacionados à política, o que fez com que o padrão tradicional

<sup>173</sup> Qual a solução para o Brasil? *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVIII. N° 1218. Junho de 1988, p. 14.

<sup>174</sup> A carta magna do cristão. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVIII. N° 1221. Setembro de 1988, p. 03.

do jornal fosse alterado ao se diminuir o espaço destinado a matérias estritamente teológicas. Disso pode-se afirmar que a política editorial do MP pautou-se nos anos oitenta na tríade *informação, política e fé*, isto é, um jornal cuja missão era, nessa ordem de prioridade: 1) manter os seus leitores informados sobre as transformações que estavam ocorrendo no país, 2) alertá-los de forma clara e objetiva sobre os desafios da Igreja no conturbado contexto político dos anos oitenta e 3) subsidiar os ensinamentos teológico-doutrinários que eram adquiridos nos templos. Com essa fórmula, a AD mantinha os fiéis a par do debate político sem a necessidade de tratar desse tipo de assunto nos templos.

Manter a política distante dos templos não significava, entretanto, silenciar-se completamente sobre esse tema. Havia também a necessidade de reforçar dentro dos templos os pontos de vista da Igreja acerca dos acontecimentos no cenário político do país nos anos oitenta. Mas esse ensino não deveria ocorrer deliberadamente, muito menos nos cultos noturnos. Existia um espaço de ensino e um impresso que poderiam comportar esse tipo de ensinamento com todo o cuidado que ele exigia: a escola dominical e a revista LB. O seguinte capítulo tratará exatamente das *estratégias* da CPAD para adequar a revista LB e a escola dominical à década de 1980, atualizando e adaptando os seus módulos de ensino da Igreja aos temas que nos anos oitenta não poderiam mais ser negligenciados pela AD.

## II – ENSINO, FÉ E POLÍTICA: A REPRESENTAÇÃO DO LEITOR NA REVISTA *LIÇÕES BÍBLICAS* NA DÉCADA DE 1980

Na virada da década de setenta para a década de oitenta, a AD, concomitantemente às implementações ocorridas no MP, também se preocupou em reformular a revista LB, impresso que servia de subsídio às aulas da escola dominical. Como já foi demonstrado no capítulo anterior, nesse momento, a AD vivia num clima de instabilidade em face das mudanças que se anunciavam nos planos político e social do país. A Igreja mostrava-se verdadeiramente preocupada com a nova atmosfera democrática que paulatinamente ia se espalhando pelo Brasil, temerosa com a possibilidade de “libertinagem” e perda de espaço no novo modelo governamental da nação.

Nessa conjuntura, a escola dominical e a revista LB tinham um papel estratégico na reafirmação dos princípios e na manutenção da aparente unidade teológico-doutrinária da Igreja. Neste capítulo, analisarei as *estratégias* editoriais dos coordenadores do Departamento de escola dominical da CPAD durante a consecução do projeto de reformulação da revista LB e da escola dominical.

O primeiro item deste capítulo foi dedicado às propostas editoriais incutidas no plano de reestruturação da escola dominical cujo objetivo principal era atualizar a revista LB e a grade curricular utilizada na área de ensino pelas igrejas. Além das principais reformulações na revista LB e da criação da revista do professor, mostrarei quais foram as *estratégias* utilizadas pelos editores da LB para tratar de assuntos que eram considerados polêmicos, a exemplo dos temas políticos, mas que não poderiam ser deixado de lado nas escolas dominicais, mormente no contexto político e social pelo qual passava o Brasil nos anos 80. No segundo item, a partir do livro *Manual da escola dominical* e de matérias publicadas na coluna *Escola Dominical* do jornal MP, analisarei as ações implantadas pelo *Departamento de Escola Dominical* com o objetivo de normatizar a leitura e exercer um controle máximo sobre o sentido atribuído às mensagens da LB pelos professores.

## 2.1) A reestruturação da revista *Lições Bíblicas* na década de 1980

A escola dominical era estrategicamente importante no direcionamento do olhar dos membros aos principais acontecimentos, na discussão das bases doutrinárias da Igreja e na manutenção da identidade assembleiana. Antônio Gilberto, importante nome do *Departamento de Escola Dominical*<sup>175</sup>, reportou-se ao valor dado a esses encontros dominicais pela Igreja nos seguintes termos:

A Escola Dominical é a escola do ensino bíblico (...) ela não é parte da Igreja, é a própria Igreja ministrando ensino bíblico metódico. A Escola Dominical é um ministério para alcançar crianças, jovens, adultos, a família e a comunidade inteira (...) ela é a única escola de educação religiosa popular de que a Igreja dispõe. A Escola Dominical, funcionando devidamente, é o povo do Senhor, no dia do Senhor, estudando a Palavra do Senhor na casa do Senhor.<sup>176</sup>

A socióloga Beatriz Muniz de Souza, pioneira no estudo do pentecostalismo no Brasil, foi uma das primeiras pesquisadoras a descrever o funcionamento das Escolas Dominicais na AD. A partir de seu trabalho de observação em diversas congregações assembleianas e de entrevistas com líderes e membros destas, Souza traçou o perfil das escolas dominicais praticadas na AD durante a década de 1960. A importância dessas reuniões dominicais para essa instituição pentecostal foi descrita por Muniz de Souza nas seguintes palavras:

A Escola Dominical é parte inerente à organização das Assembleias de Deus. O cuidado desse ramo pentecostal em continuar a obra de evangelização distribuindo ensinamentos religiosos que alcançam todos os níveis de idade, faz que, no entender dos líderes, os encontros dominicais se revistam de grande importância.<sup>177</sup>

Para a autora, a finalidade primordial das escolas dominicais era consolidar a formação de uma comunidade estável de modo que todos os membros (adultos e crianças), pelos ensinamentos recebidos, pudessem moldar seus comportamentos tanto na esfera religiosa como na vida cotidiana. Quando realizou suas observações, a autora viu muito do

<sup>175</sup> O teólogo, pedagogo e mestre em educação, Antônio Gilberto da Silva, nascido em 07 de junho de 1929, na cidade de Várzeas no estado do Rio Grande do Norte foi criado no seio de uma família fortemente católica. Aos 14 anos converteu-se ao pentecostalismo numa pequena congregação da Assembleia de Deus de Jundiá – RN. Já convertido, ingressou na Marinha de Guerra em 1948, sendo nesse mesmo ano transferido para a Capital Federal, onde passou a congregar na Assembleia de Deus da Penha. Em 1952, foi separado ao presbitério e passou, por incumbência de seu pastor, a se dedicar à reestruturação da Escola Dominical. Por ser um homem de sólida base educacional, não demoraram aparecer nos periódicos da igreja artigos de sua autoria sobre o tema o qual, anos depois, ele seria considerado o maior especialista das Assembleias de Deus: a Escola Dominical. Antônio Gilberto da Silva (Verbete). ARAUJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*, p. 789-790.

<sup>176</sup> SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola bíblica dominical*, p. 108.

<sup>177</sup> SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*, p. 114.

protestantismo no modelo de escola dominical praticado pela Assembleia de Deus. Havia separação das classes de acordo com grupos de idade e a reunião se dividia em diversas partes que compreendia, além das aulas, um introito e um final que eram reservados para ouvir a leitura bíblica, cantar hinos e também apresentar relatórios sobre o movimento do dia com o total de presenças, ausências, visitas, aniversariantes da semana, total de ofertas.

A socióloga apontou também que as aulas, com duração de 30 minutos, tinham como material subsidiário uma publicação trimestral que era editada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), chamada *Lições Bíblicas*. O impresso, de acordo com essa estudiosa, estava longe de ser adequado às crianças e aos adultos dada a “influência norte-americana, em textos traduzidos, por vezes, sem qualquer tentativa de adaptação ao ambiente brasileiro”<sup>178</sup>.

Na década de 1980, o também sociólogo Francisco Cartaxo Rolim, em busca de motivos que explicassem o rápido crescimento do movimento pentecostal, reportou-se à escola dominical como uma espécie de “condicionamento religioso de reprodução de crenças”<sup>179</sup>. Cartaxo Rolim também destacou a forma hierarquizada de transmissão das mensagens nas escolas dominicais. De acordo com Rolim, antes do início das aulas, o pastor reunia-se com alunos para repassar o conteúdo determinado no material que continha os textos bíblicos e os comentários destinados aos ensinamentos. A tarefa do professor era seguir o que já vinha escrito “sem fazer comentários diferentes ou criticar os que foram feitos”<sup>180</sup>. Na visão de Rolim, os impressos utilizados deixavam transparecer uma grande preocupação da liderança da Igreja com o público que iria lê-los, mormente, no controle da liberdade de interpretação das mensagens. No dizer do sociólogo:

A escolha dos textos e seus comentários é da incumbência de um grupo de pastores, designados pela Convenção. Deste modo, o poder maior (a Convenção) escolhe os que vão selecionar e comentar os textos. Vem em seguida, o grupo que seleciona e pensa os comentários. Finalmente, os que fazem chegar até os simples crentes (os assistentes) o que foi escolhido, o que foi por outros pensado e escrito. O ensino atravessa, assim, um canal hierarquizado de poder, sofrendo um direcionamento, uma direção que vem de cima para a base. Corta-se a liberdade de crítica e discordância.<sup>181</sup>

De fato, a partir de 1980, a AD intensificou o desenvolvimento do projeto de reformulação da revista LB que visava adequá-la às necessidades da área de ensino da Igreja.

<sup>178</sup> SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. p. 114.

<sup>179</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo?*, p. 44.

<sup>180</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo?*, p. 44.

<sup>181</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo?*, p. 45.

Naquele conturbado cenário vivido no Brasil na aurora dos anos oitenta, as reformulações tinham como principal objetivo melhorar a qualidade do ensino nas escolas dominicais. Melhorar o ensino significava tentar uniformizar o que estava sendo ensinado aos domingos em milhares de salas de aula. Homogeneizar o ensino significava, por sua vez, evitar a possibilidade de “distorção” das mensagens por parte dos professores e alunos. Nesse item, serão analisadas as principais intervenções composicionais e linguístico-textuais que visavam frear a livre interpretação dos textos que compunham a LB.

É importante ressaltar, entretanto, que o projeto de reorganização da LB não brotou de uma simples resolução emitida pelo Conselho Administrativo da CPAD na década de 1980. As mudanças já estavam em estudo pelos técnicos da editora oficial da AD desde a segunda metade da década de 1970. É o que demonstra uma nota-resposta publicada no MP em 1977 na qual os editores da LB afirmavam:

(...) a CPAD está empenhada em melhorar o nível de ensino em nossas escolas dominicais, sendo uma das iniciativas a criação do CAPEP, que tem trazido resultados positivos ao setor. Planejamos ainda editar revistas para mais duas faixas etárias e dar aos professores uma publicação que analise o texto de forma mais profunda e ao mesmo tempo oriente quanto à forma correta de se apresentar a lição à classe<sup>182</sup>.

Os trabalhos se intensificaram a partir de junho de 1977, ainda assim, a execução do plano de reformulação foi lento, pois não eram poucas as dificuldades que freavam o ímpeto do *Departamento de Escola Dominical* em reestruturar a LB. Era preciso adequar os textos à nova organização da revista, organizar todo o suporte técnico para sua impressão, conscientizar as igrejas sobre a importância das mudanças que estavam sendo implementadas e, principalmente, instruir alunos e professores sobre o uso do novo material. Trabalho vagaroso, mas do qual não havia como prescindir.

Os primeiros passos foram dados no curso do ano de 1977, com a aprovação de duas resoluções pelo Conselho da CPAD. A primeira, preparava uma comissão de doutrina para acompanhar as atividades de reformulação da LB que iria acontecer nos primeiros meses de 1980:

Resolução nº 8/77: dispõe sobre a constituição da comissão de doutrina. O Conselho Administrativo da Casa Publicadora das Assembléias de Deus no uso de suas atribuições resolve: constituir a comissão de doutrina, com competência para opinar

---

<sup>182</sup> Resposta da redação à leitora Elzira Santos. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 47. Nº 08, julho de 1977, p. 04.



e/ou decidir sobre questões relacionadas com o conteúdo doutrinário das lições bíblicas editadas pela CPAD. Sala de sessões, em 13 de julho de 1977<sup>183</sup>.

A segunda resolução, proposta pelo conselheiro José Pimentel de Carvalho em 13 de julho de 1977, tratava da criação de uma comissão que se encarregaria de preparar um novo currículo para as escolas dominicais que atendessem às “novas demandas” de uma sociedade que se transformava rapidamente e, ao que indicava os últimos acontecimentos na esfera política, ainda passaria por profundas mudanças na nova década que se aproximava.<sup>184</sup>

O novo currículo organizado pelos pastores José Pimentel de Carvalho, Alcebiades Vasconcelos, Estevam Ângelo de Souza, José Wellington Bezerra da Costa, Isaac Martins Rodrigues, Rodrigo Santana e José Reis, continha vinte e oito temas que seriam distribuídos em trimestres, de modo que todas as revistas publicadas a partir de então deveriam estar enquadradas aos temas que compunham a grade curricular. O novo currículo foi publicado em 1980 na 5ª edição do *Manual da escola dominical* como segue:

1) doutrinas básicas da fé cristã 2) vida cristã, 3) verdades pentecostais 4) a bíblia, 5) a igreja 6) o povo de Israel 7) a família/o lar 8) o tabernáculo e suas instituições 9) doutrinas falsas/falsos profetas 10) eventos futuros 11) o ministério local e geral 12) o crente e o Estado/ a nação 13) Criação de todas as coisas 14) o homem e Deus 15) as missões e as obras sociais 16) o crente e o mundo 17) biografias bíblicas 18) a vida de Cristo 19) o Espírito Santo 20) a mocidade cristã 21) reis e profetas 22) a bíblia e a ciência 23) ética cristã 24) as parábolas dos evangelhos 25) os milagres de Jesus 26) a igreja local 27) a mordomia cristã 28) os apóstolos e suas epístolas<sup>185</sup>.

A intenção do novo currículo era atualizar os ensinamentos da escola dominical visando ao desenvolvimento de “uma vida cristã ideal” e de uma personalidade cristã para cada crente que honrasse a Cristo “perante a Igreja e o mundo”. Para alcançar tais objetivos, o currículo deveria especializar o ensino a cada faixa etária e também sistematizá-lo: “um simples conjunto de lições bíblicas sem seqüência continuada, sem relacionamento entre si e sem levar em conta um agrupamento de idade, não pode ser chamado de currículo”<sup>186</sup>.

Os três primeiros itens do currículo reforçavam as principais doutrinas da Igreja, iniciando-se pelas doutrinas genéricas do cristianismo até alcançar os mandamentos fundamentais do pentecostalismo. O quarto item dedicava-se ao estudo da Bíblia e sua

<sup>183</sup> Conselho administrativo da CPAD. Atos do CONCAP resoluções. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 47. Nº 10, agosto de 1977, p. 08.

<sup>184</sup> Conselho administrativo da CPAD. Atos do CONCAP resoluções. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 47. Nº 10, agosto de 1977, p. 08.

<sup>185</sup> SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 179-180.

<sup>186</sup> SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 179-180.

importância na sociedade contemporânea em tempos em que se alastravam publicações seculares de contestação aos fundamentos bíblicos e que regimes políticos comunistas buscavam cercear a livre circulação dos textos bíblicos em diversos países. O quinto item tratava da situação da Igreja no contexto social de então e de sua importância na defesa dos princípios éticos que a cada dia eram corroídos por movimentos sociais e políticos que agiam em nome da emancipação e da liberdade do homem. O sexto item foi reservado ao povo de Israel, estudo necessário por ser essa a “nação escolhida de Deus” e o sétimo à família e ao lar devido às transformações sociais ocorridas ao fim da década de sessenta e a organização de grupos “contrários” à tradição da família como os gays.

O oitavo item tratava do tabernáculo, que significa a presença de Deus na terra e suas instituições proféticas, antecipava os estudos do nono item sobre as falsas profecias e os falsos profetas e do décimo item que versava sobre os eventos futuros. Nesses tópicos, encontravam-se estudos de contestação às mais diferentes tradições religiosas e suas visões proféticas, além do ataque aos movimentos políticos cuja intenção era alterar o curso natural da história em busca de uma sociedade mais justa, sem levar em conta que os rumos da história eram determinados por Deus. As lições do item 11 sobre os ministérios locais e gerais da Igreja preparavam os alunos para as aulas nas quais temas extremamente importantes para a conjuntura social em que vivia a Igreja seriam tratados: os itens 12, sobre a relação do crente com o Estado e/ou a nação; 13, sobre a criação do mundo pelas mãos de Deus; 14, tratando dos verdadeiros valores dos homens de Deus; 15, sobre o caráter missionário da Igreja e suas responsabilidades como as obras sociais e, por último, a relação do crente com o mundo no item 16. Esses itens abrigavam assuntos muito caros à AD, às portas da década de 1980, pois vários setores da sociedade, nesse momento, manifestavam o desejo de ver retornar ao país a democracia e, com ela, a alteração do modelo autoritário vivido nos anos de chumbo no Brasil. Queria-se, desse modo, instruir os fiéis a terem cautela mediante o clima de protestos, de ondas reivindicatórias e de contestação ao governo e lembrar aos alunos que somente Deus, como criador de todas as coisas, tinha a solução para os problemas do mundo.

Reforçavam-se os verdadeiros valores do homem de Deus (obediência, submissão, humildade, lealdade) naquela atmosfera social em que a liberdade tornou-se palavra de ordem na luta em favor da redemocratização do país. Também havia uma resposta contundente à Teologia da Libertação em relação às atividades sociais da Igreja; a intenção era reafirmar aos fiéis que os infortúnios sociais que assolavam o Brasil não eram problema da Igreja já que sua missão maior era levar a salvação a todos por meio da obra missionária.

O décimo sétimo item apresentava uma série de biografias bíblicas que serviam de exemplo para a conduta dos fiéis; o décimo oitavo fechava-se na análise da vida de Cristo enquanto que o décimo nono item dedicava-se especialmente ao estudo sobre o Espírito Santo. No vigésimo item aparecia outra grande prioridade da AD: a mocidade, uma vez que era considerada uma população muito vulnerável aos “achques morais” que se viam tomar corpo no Brasil no fim da década de 1970 e ao perigo que representava os movimentos políticos de esquerda que propunham mudanças radicais para a sociedade. O vigésimo primeiro item ressaltava a vida de importantes reis e profetas da Bíblia que eram exemplo de retidão na vida religiosa e na vida pública como líderes tementes a Deus; ao passo que o vigésimo segundo item contrapunha as teses bíblicas às descobertas científicas demonstrando a superioridade daquela sobre esta.

Encerrando o ciclo de estudos, os seis últimos itens debruçavam-se no reforço da conduta ética do verdadeiro cristão a partir dos ensinamentos de Jesus e de seus grandes feitos na terra. A centralidade da Igreja na formação de seus membros e no desenvolvimento da igreja local eram apresentados a partir do exemplo da vida dos apóstolos e sua epístolas.

Antes de adequar a LB ao novo currículo, os editores cuidadosamente prepararam uma série de reportagens sobre as novas revistas que estavam sendo planejadas pelo *Departamento de escola dominical* e as direcionaram aos dois principais periódicos da igreja: *A Seara* e o jornal MP. A primeira menção às novas revistas foi feita em janeiro de 1980, quando da publicação do relatório de atividades da CPAD do biênio 1979/1980 no jornal MP, em que além das mudanças na revista LB, confirmava-se também a criação de uma revista específica para os professores:

(...) A atual diretoria da CPAD, no seu propósito de servir bem às igrejas (...) vem desenvolvendo um projeto que visa o lançamento de três novas revistas e a reformulação total das demais já em circulação. Para cada uma dessas revistas haverá uma do professor (...) tudo dentro das mais atualizadas normas pedagógicas. Uma grande conquista da CPAD, no ano do septuagésimo aniversário das Assembléias de Deus no Brasil<sup>187</sup>.

Nas páginas de *A Seara*, a notícia sobre o plano de lançamento de novas revistas para a escola dominical foi publicada em agosto de 1980. O texto, assinado pelo diretor do Conselho Administrativo da CAPD, Custódio Rangel Pires, comunicava que a editora estava empenhada nos trabalhos de reformulação para que o projeto fosse concretizado até o ano de 1981. Usando a autoridade e o prestígio que seu cargo lhe conferia, Pires aproveitou a

<sup>187</sup> Conheça melhor a sua CPAD. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LI. N° 1125, janeiro de 1980, p. 10.

oportunidade para tranquilizar os pastores que estavam preocupados com o teor das mudanças: “Fiquem os Srs. Pastores seguros de que as novas revistas manterão a linha tradicional conservadora de doutrinas e princípios observados pela nossa denominação”<sup>188</sup>.

Em março de 1981, alguns meses antes do lançamento das novas revistas, uma longa matéria foi publicada no MP com o fito de apresentar detalhadamente quais eram os objetivos do plano de reformulação do impresso utilizado na escola dominical. O texto traz um relato valiosíssimo que revela as intenções dos editores e as preocupações que os levaram a implantar as mudanças na revista LB.

Ao que indicou a matéria, o plano original de reestruturação das revistas da escola dominical foi apresentado pelo *Departamento de Escola Dominical* à CPAD em 1974. Depois de “um longo tempo de maturação” o projeto foi reformulado de acordo com as novas demandas que surgiram na década de oitenta, pois, constatou-se a existência de uma grande lacuna na área de ensino que precisava ser preenchida para reforçar os verdadeiros valores da igreja em um período em que a sociedade se afastava cada vez mais dos valores morais e vivia um clima de instabilidade política. Nesse contexto, o ensino não deveria ser meramente repassado pelos professores da escola aos seus alunos. Era necessário criar mecanismos capazes de fixar os ensinamentos e doutrinas pentecostais nas mentes dos discentes. Por isso, o plano de reestruturação das revistas objetivava “incutir no âmago de cada jovem, adolescente e criança um profundo interesse pelos sagrados princípios bíblicos criando assim ‘anticorpos’ contra a influência maléfica”<sup>189</sup>.

A matéria ressaltava que as igrejas deveriam estar preparadas para receber os novos materiais, conhecer minimamente os objetivos e a maneira correta de utilizá-los. Para os editores não bastava apenas publicar novas revistas, era preciso também falar sobre a maneira correta de usá-las. Com a concretização do plano, a revista LB passou a ser destinada exclusivamente aos jovens e adultos, já que seria acompanhada da *Minha revistinha* destinada a alunos entre 4 e 5 anos; *Amigos de Jesus* para crianças de 6 a 8 anos; *Estudando a Bíblia* para crianças de 09 a 11 anos; *Mensageiro da Fé e Vencedores* para adolescentes de 12 a 14 e de 15 a 17, respectivamente. Com tal medida, a LB especializava-se para atender seu público alvo – os jovens e adultos.

A grande novidade das novas revistas era a combinação dos tradicionais temas bíblicos com assuntos da atualidade conforme indicava a matéria: “a nossa tradicional revista.

---

<sup>188</sup> PIRES, Custódio Rangel. *A Seara*. Rio de Janeiro. N° 185, agosto de 1980, p. 08.

<sup>189</sup> O novo plano de revistas da Escola Dominical. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LI. N° 1227, março de 1981, p. 04.

Trimestral, com currículo para acima de 18 anos. Além de conteúdo rico em temas bíblicos, prima também por variados comentários, envolvendo conhecimentos e enfoques atualizantes”.<sup>190</sup> Sobre a revista do professor, a grande novidade do novo plano, a reportagem esclareceu:

(...) semestral, currículo para acima de 18 anos. Uma revista preparada para atender uma gama variadíssima de alunos. Seu conteúdo, não obstante fixar-se no nível médio, deverá possibilitar ao professor alcançar os objetivos da revista.<sup>191</sup>

Com essas mudanças a revista do aluno passaria a ter um maior número de comentários, isto é, maior direcionamento do sentido a ser atribuído a cada mensagem e ao seu lado, estaria a revista do professor com uma série de novos dispositivos especialmente pensados para fixar o ensino nos objetivos de cada lição.

A revista do professor era de importância capital por conter em suas páginas os ditames que deveriam guiar o ensino em classe. Por isso, os editores da revista LB concentraram seus esforços na instrução dos docentes, preparando-os para o uso dos novos recursos desenvolvidos para homogeneizar o ensino e livrar os professores das muitas dúvidas que lhes acometiam no preparo da aula ou mesmo na explanação do ensino. Sobre essa questão, o MP em novembro de 1981 foi taxativo:

O uso da revista do professor é indispensável, porque é nela que estão as orientações necessárias para o desenvolvimento do trabalho de professor, isto é, a montagem e condução da aula bíblica dominical e demais atividades docentes e discentes ligadas a cada lição. As revistas do professor e do aluno completam-se para o pleno êxito do trabalho a que se destinam: o ensino da Palavra de Deus<sup>192</sup>.

Durante todo ano de 1980, as capas e contracapas da LB também foram utilizadas para diversos esclarecimentos acerca das novas revistas. Na revista LB do segundo trimestre de 1980, uma nota de esclarecimento indicava que um projeto de lançamento de novas revistas estava em andamento, com previsão de efetivação no término do ano<sup>193</sup>. Na revista do quarto

<sup>190</sup> O novo plano de revistas da Escola Dominical. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LI. N° 1227, março de 1981, p. 04.

<sup>191</sup> O novo plano de revistas da Escola Dominical. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LI. N° 1227, março de 1981, p. 04.

<sup>192</sup> As novas revistas da Escola Dominical. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LI. N° 1135, novembro de 1981, p. 18.

<sup>193</sup> *Lições Bíblicas*. 3° trim. de 1980. Rio de Janeiro: CPAD, 1980, p. 58.

trimestre desse mesmo ano, um anúncio na contracapa aludia: “as novas revistas da escola dominical estão chegando”<sup>194</sup>.

Após ampla divulgação, em julho de 1981, as igrejas finalmente puderam conhecer as novas LB. Embora estruturalmente a revista não tivesse sofrido grandes mudanças, muitos detalhes mostravam a preocupação do *Departamento de Escola Dominical* em criar mecanismos de controle sobre a leitura por meio de recursos composicionais e linguístico-textuais – retomando a tradução de Barzoto<sup>195</sup> para as noções de *mise en texte* e *mise en page* desenvolvidas por Roger Chartier.

Para demonstrar tais intervenções editoriais, realizei um estudo comparativo entre a revista LB do segundo semestre de 1981, impressa nos moldes tradicionais, e a revista do terceiro trimestre, editada a partir do novo plano da CPAD. Entre os “elementos composicionais” a primeira mudança ocorreu no tamanho do impresso que passou de 18 cm x 13 cm para 20 cm x 13 cm. Páginas maiores, além de comportarem o aumento da fonte de impressão, permitiam aos editores maiores intervenções composicionais no texto. A ilustração da capa também foi alterada, com a substituição das fotos de pontos turísticos e da flora brasileira por motivos bíblicos.

Imagens de lugares considerados históricos pela tradição cristã e, até mesmo, desenho de personagens bíblicas que, de alguma maneira, estavam ligados aos temas estudados na revista, davam um aspecto mais sacro ao impresso. Mas se colocadas sem legendas como era antes feito, abriria margem para diferentes interpretações. Para resolver esse problema, a nova revista trouxe na contracapa uma legenda que explicava ao que se referia a imagem e sua importância para o estudo das lições.

Sobre a função das imagens na primeira capa dos impressos, Roger Chartier lembra:

Quando a imagem é única, ela se encontra mais frequentemente ou nas primeiras páginas do livro ou na última. Instaura-se assim uma relação entre a ilustração e o texto em seu todo, e não entre a imagem e esta ou aquela passagem particular. Colocada no começo, a ilustração induz a leitura, fornecendo uma chave que diz através de que figura o texto deve ser entendido, seja porque a imagem leva a compreender o todo do texto pela ilustração de uma de suas partes, seja porque propõe uma analogia que guiará a decifração<sup>196</sup>.

<sup>194</sup> *Lições Bíblicas*. 4º trim. de 1980. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. (contracapa).

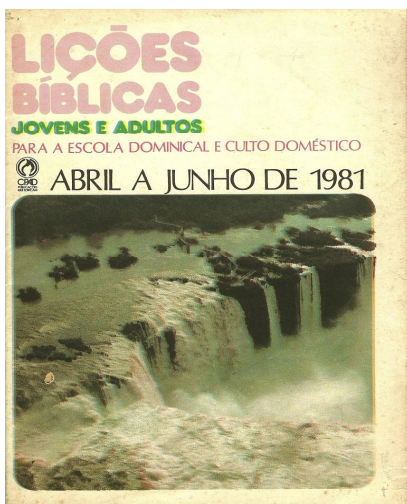
<sup>195</sup> BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso*. Estudo sobre a revista Realidade (1966-1976).

<sup>196</sup> CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*, p. 276-277.

Junto com as ilustrações mudaram também as letras que compunham o nome da revista. Se antes apareciam dispostas ao lado esquerdo da capa, em cor lilás, na nova revista, a inscrição foi centralizada e a cor dos caracteres passou a ser a mesma utilizada no desenho. Isso também ocorreu com a indicação *Jovens e adultos* que foi para o centro da página e recebeu destaque na cor do desenho (figura 3 e 4).

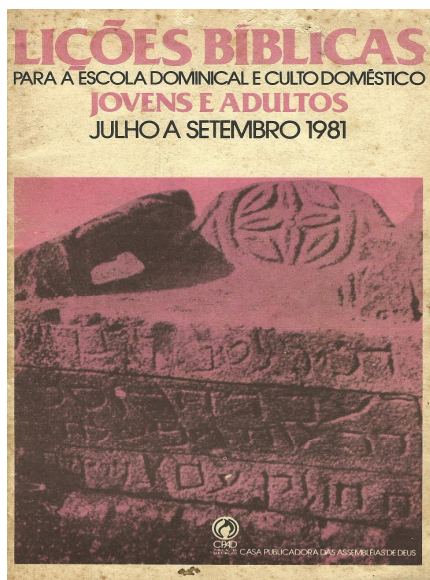
Destacar o título da revista e a faixa etária que ela atenderia era muito importante na nova fase em que a LB circulava ao lado de outras cinco revistas destinadas às crianças e aos adolescentes. Pode-se notar que, na capa da edição do segundo trimestre, com a profusão de cores, sobretudo pelo colorido da ilustração, não havia um ponto específico que se destacava aos olhos do leitor – nem mesmo o título da revista que, embora realçado pelo tamanho das letras, tinha sua capacidade de atração comprometida pela cor em que fora impresso. Já a capa do terceiro trimestre com a película que cobria a ilustração, impedindo a superabundância de cores, possuía dois pontos claros de destaques: o nome da revista e a indicação do grupo etário (figuras 3 e 4).

**Figura 3** – Capa da *Lições Bíblicas* do segundo trimestre de 1981



Fonte: *Lições Bíblicas*. 2º trim. de 1981. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. Acervo particular de Julio Silveira.

**Figura 4** – Capa da *Lições Bíblicas* do segundo trimestre de 1981



Fonte: *Lições Bíblicas*. 2º trim. de 1981. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. Acervo particular de Julio Silveira.

A folha de rosto e a contracapa também sofreram alterações. Aquela foi suprimida na nova revista e os dados catalográficos e a apresentação foram transferidos para a contracapa. Com a fonte em negrito, realçou-se a apresentação da revista que era assinada pelo autor dos textos da *Lições Bíblicas*, um importante “protocolo de leitura”<sup>197</sup> por explicar o objetivo das lições que seriam estudadas no trimestre.

Afirmo que na estrutura das novas LB não houve grande mudança pelo fato de ter sido mantido pelos editores tópicos tradicionais como: *verdade prática*, *texto áureo*, *leitura diária*, *leitura em classe*, *comentário* e *questionários*. O tópico *verdade prática* apresentava a síntese de cada lição a ser estudada em uma única frase, o *texto áureo* trazia um versículo bíblico que era central para a lição de cada domingo. O tópico *leitura diária* apresentava uma sugestão de trechos bíblicos de fixação do aprendizado para que os alunos lessem durante a semana posterior ao estudo da lição enquanto o *leitura em classe* continha versículos bíblicos a serem lidos em sala antes da explanação da lição. A seção *Comentário* trazia a apreciação do assunto em pauta por um comentarista do *Departamento de Escola Dominical* e os *questionários*

<sup>197</sup> Segundo Roger Chartier “o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça o seu leitor ideal. Deste último, autores e editores têm sempre uma clara representação: são as competências que supõem nele que guiam seu trabalho de escrita e de edição; são os pensamentos e as condutas que desejam nele que fundam seus esforços e efeitos de persuasão”. CHARTIER, Roger. Introdução In: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*, p. 20.



fechavam a lição com pequenas questões a serem respondidas pelos alunos após o término dos estudos em sala.

Se da antiga revista preservou-se a divisão dos tópicos, no que se refere à editoração, ocorreram significativas mudanças como a utilização de recursos gráficos que destacavam os tópicos considerados importantes na formação do sentido de cada mensagem. A primeira modificação ocorreu no título da lição, que além de ter sido centralizado e impresso em caixa alta, foi também totalmente envolto por uma ilustração que lhe dava destaque (figuras 5 e 6 – p. 82-83).

O item *Verdade prática* que nas revistas anteriores ocupava uma coluna ao lado do *texto áureo*, foi deslocado para o centro da página. Ao liberar-se do modelo de coluna que punha lado a lado *texto áureo* e *verdade prática*, potencializavam-se graficamente dois itens considerados essenciais no controle do sentido dado às lições. A nova formatação deu maior visibilidade aos itens e permitiu horizontalizar as frases antes espremidas no padrão vertical de impressão (figuras 5 e 6, p. 82-83).

O maior destaque da página foi dado ao *texto áureo* que na antiga revista recebia o mesmo tratamento gráfico do item *verdade prática*. O modelo e a dimensão das letras que foram utilizados e as flores que as ladeavam, deram ao *texto áureo* um lugar privilegiado frente aos olhos do leitor. Mas qual seria o motivo de tamanha preocupação com o *texto áureo*?

Antônio Gouvêa Mendonça apontou como uma das características do pentecostalismo brasileiro a “crença na eficácia simbólica das palavras quando ditas e repetidas em certa ordem”<sup>198</sup>. Apesar de se referir ao “pentecostalismo”, termo que ante a multiplicidade de igrejas consideradas pentecostais tornou-se demasiado abrangente, as palavras de Mendonça se aplicam muito bem à AD. Memorizar versículos e frases era considerado um exercício essencial à formação dos assembleianos e o lugar de fazê-lo era na escola dominical. Daí o porquê dos reforços gráficos sobre os itens que sintetizavam a mensagem da lição e seriam repetidos em voz alta pelos alunos da escola dominical.<sup>199</sup>

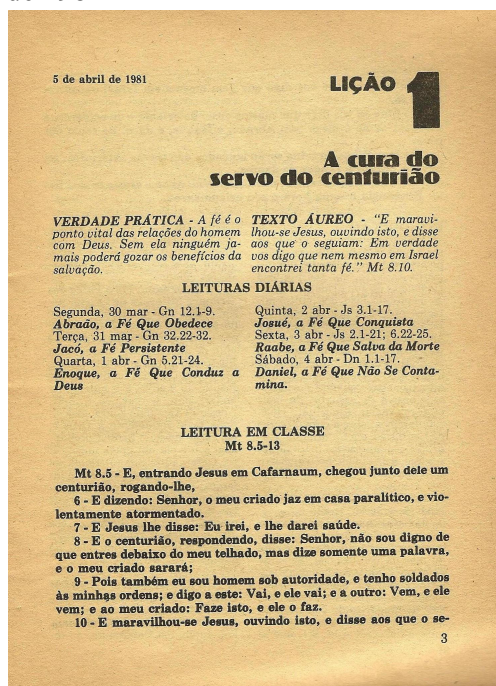
---

<sup>198</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos*, p. 73.

<sup>199</sup> Dois artigos publicados na coluna *Escola Dominical* do jornal *Mensageiro da Paz*, com a assinatura de Arézia Lessa Cabral, poucos meses depois da publicação das novas revistas *LB*, reforçavam a centralidade do ato de memorização nas escolas dominicais. No primeiro texto, publicado em fevereiro de 1982, a autora, dirigindo-se aos professores da Escola Dominical, afirmou: “A cada domingo, o professor deve certificar-se de que seus alunos tenham memorizado pelo menos um versículo”. CABRAL, Arézia Lessa. “Memorização de versículo Bíblico”. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LII. N° 1138, fevereiro de 1982, p. 20. Já o artigo do mês de março trouxe recomendações sobre técnicas de memorização a serem aplicadas pelos professores na Escola Dominical. Aos jovens e adultos sugestionava-se o uso do *quadro de giz* da seguinte maneira: “Escreva o versículo no quadro com letras grandes e legíveis. Varie a leitura, lendo-o você mesmo primeiro, depois um ou

Entre tantas alterações na LB somente os itens *Leitura diária* e *Leitura em classe* mantiveram-se no modelo tradicional: ambos centralizados, este disposto em duas colunas, aquele em negrito e impresso na horizontal (figura 5 e 6).

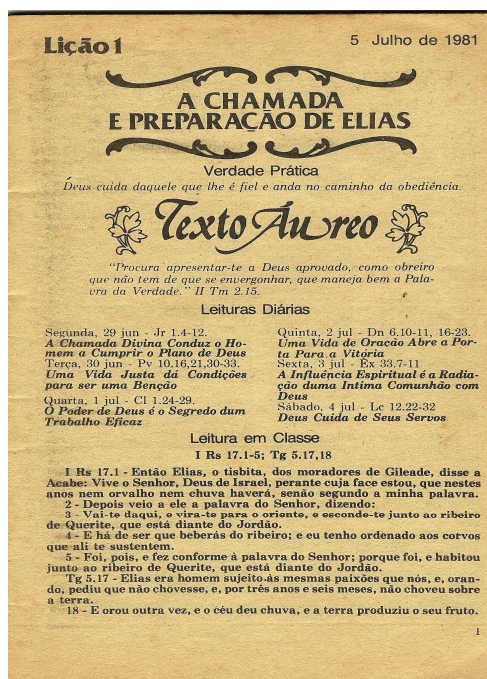
**Figura 5** – Lição 1 do segundo trimestre de 1981



Fonte: *Lições Bíblicas*. 2º trim. de 1981. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. Acervo particular de Julio Silveira.

outro aluno e por fim toda a classe (em coro) etc. Vá apagando uma palavra aqui outra ali até que reste apenas a referência. A cada palavra apagada, repita a leitura. Você verá que no final os alunos terão memorizado o versículo sem nenhum esforço (...) não esqueça a referência, não deixe que seus alunos saiam da sala sem levar algo que os faça lembrar a lição aprendida. CABRAL, Arézia Lessa. "Memorização de versículo Bíblico". *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LII. N° 1139, março de 1982, p. 20.

**Figura 6** – Lição 1 do terceiro trimestre de 1981



Fonte: *Lições Bíblicas*. 2º trim. de 1981. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. Acervo particular de Julio Silveira.

Entre as mudanças nos elementos textuais da revista destaca-se a de inclusão de temas referentes ao contexto sóciopolítico brasileiro em meio aos ensinamentos bíblicos da LB. A criação de um novo currículo para a revista LB e suas reformulações visavam atualizar os estudos da escola dominical ao novo contexto social vivido no Brasil nos anos oitenta. Mas isso não significa que os editores da LB, a exemplo do que aconteceu no jornal MP, tivessem incluído nas páginas da revista comentários que escancaradamente tratavam dos descontentamentos da Igreja mediante os rumos políticos do país nos anos 80. Ao contrário, manteve-se a tradição da LB como uma revista direcionada ao estudo de temas bíblicos preservando-a de indicações diretas à política ao mesmo tempo em que uma série de medidas de controle sobre a leitura e interpretação das mensagens foram implementadas, como se verá no próximo item.

## 2.2) Ensino, fé e política: a revista *Lições Bíblicas* na década de 1980

Alcançar os temas de interesse da Igreja sem fomentar a entrada dos debates políticos nos templos, ainda que de forma velada, era a grande missão do plano de reformulação da revista LB; para tanto, utilizou-se a seguinte estratégia: inserção de comentários indiretos sobre o contexto social vivido pelo país ao longo das lições sem qualquer referência a nomes de figuras políticas e de partidos políticos nem mesmo sobre os principais acontecimentos daquele período. Ou seja, embora houvesse grande preocupação por parte dos editores da LB em reforçar os posicionamentos da Igreja, tudo era feito com muita cautela para evitar a entrada do debate político no espaço “sagrado” dos templos. A seguir, apresento alguns exemplos que ajudam a compreender como certos assuntos referentes à situação social e política do Brasil eram indiretamente mencionados nos textos da LB.

Na LB do segundo trimestre de 1983, que atendia ao segundo item do plano curricular (a vida cristã), foi feita uma referência às dificuldades enfrentadas pela população; buscava-se conscientizar o fiel de que a solução para os problemas não seria encontrada no plano terreno por meio de ações governamentais ou movimentos revolucionários, mas sim pela oração e santificação: “O mundo em que vivemos está cheio de perturbações, insegurança e ruína em todos os sentidos. Somente a obra de Cristo garante plena vitória, porque é uma obra espiritual, em cumprimento de um plano eterno”.<sup>200</sup>

A insatisfação da AD com a crescente atuação de diversos movimentos sociais e de grupos que representavam minorias étnicas e sexuais nos anos oitenta foi expressa na LB do terceiro trimestre de 1983 que trazia conteúdo sobre a vida exemplar de reis e profetas bíblicos de acordo com o item 21 do currículo da escola dominical. O momento em que vivia o país foi descrito como um período em que os bons costumes agonizavam enquanto cresciam os movimentos que pregavam o fim dos preconceitos e dos tabus em nome de uma pretensa liberdade do homem: “A imoralidade caracteriza os dias de hoje. Todos os meios de comunicação estão influenciados pelos novos conceitos de vida moral: revistas, TV, rádio, etc. (...) aquilo que há 20 ou 25 anos era desonra para a família, é hoje tão comum que nem merece ser mencionado”.<sup>201</sup>

Outros trechos revelam a preocupação da AD com os movimentos reivindicatórios que tomavam corpo no Brasil em meio ao clima de mudanças no cenário político do país. Sem

---

<sup>200</sup> *Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD. Abril/junho de 1983, p. 42.

<sup>201</sup> *Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD. Julho /setembro de 1983, p. 07.

menção a nenhum movimento específico, o texto da revista deixava claro que a Igreja reprovava a participação dos fiéis em qualquer tipo de insurreição contra o governo:

Assim como todo o pecado significa rebelião e insubordinação diante de Deus e sua majestade, assim também a salvação denota humilhação (...) o crente deve andar humildemente (...) o que é humilde dá glória a Deus por tudo, ele sabe que tudo o que possui foi recebido de Deus (...) e tudo o que fazemos é pela graça de Deus.<sup>202</sup>

Iniquidade é injustiça; é rebeldia e descumprimento, primeiro da lei divina e também das leis humanas. Os meios maciços de comunicação dão conta das incessantes rebeliões da juventude, das classes sociais, das crises raciais, das crises domésticas, das greves, das demonstrações do crime organizado etc. Aqui estão também as incessantes lutas trabalhistas entre empregados e patrões e vice-versa.<sup>203</sup>

Outro elemento essencial na conduta cristã é a disposição para servir a Cristo e isto sem ser contaminado pela cobiça das coisas materiais. Essa corrida louca atrás de dinheiro (...) não serve para o cristão. Não há motivos para sentirmos medo ou receio. Podemos perfeitamente sentir o maior contentamento com o que possuímos em vez de estar sempre cobiçando mais. Não somos órfãos. Jesus prometeu nunca nos abandonar. Podemos afirmar, com plena confiança e coragem, fundamentados na própria promessa divina, que o Senhor é quem nos ajuda.<sup>204</sup>

Ao se observar os trechos acima citados fica evidente que existia uma forma diferenciada de se abordar as questões relacionadas ao contexto político e social do Brasil na revista LB e no jornal MP. Como demonstrei no primeiro capítulo deste trabalho, no MP a linguagem era direta, as opiniões eram expressas sem rodeios e as críticas eram muito contundentes. Já na revista LB primou-se por uma abordagem indireta dos temas que diziam respeito à situação econômica, social e política do país. O motivo desse cuidado em relação à revista LB, por parte dos editores do *Departamento de Escola Dominical*, explica-se pelas especificidades desse impresso ante as demais publicações da CPAD.

Recorde-se que a LB era utilizada dentro dos templos nas escolas dominicais e seu conteúdo era totalmente mediado por um professor. Fomentar debates políticos nesse ambiente tão propício a interpretações errôneas das mensagens da revista não era nada seguro em um período em que a AD buscava homogeneização do ensino teológico-doutrinário da Igreja. Sabia-se que, aos domingos, professores, muitas vezes distantes do modelo idealizado nos escritórios da CPAD, poderiam, ao “distorcerem” os sentidos que deveriam ser dados aos textos, anular todo o esforço empreendido pelos editores da LB para homogeneizar os ensinamentos da Igreja.

<sup>202</sup> *Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD. Julho /setembro de 1983, p. 18.

<sup>203</sup> *Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD. 3º Agosto/outubro de 1985, p. 44.

<sup>204</sup> *Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD. Janeiro/março de 1984, p. 43.

Daí a função da revista do professor que, ao lado da nova revista do aluno, era um instrumento muito importante para evitar qualquer possibilidade de livre interpretação e distorções dos textos da LB. Textos carregados com vocábulos e terminologias pouco usuais, suscitavam reclamações por parte dos professores, como indica carta enviada no ano de 1977 à redação do MP, na qual um fiel dizia-se contente por ter sido informado da intenção da CPAD em lançar uma revista específica para os professores que contribuiria com a interpretação das lições: “Também me alegrou saber que está sendo preparada a Revista do Professor, a qual muito contribuirá para esclarecer as lições da escola dominical, por vezes de difícil interpretação. Aguardo-a com ansiedade para o mais breve possível”.<sup>205</sup>

Eufórico por tomar conhecimento da nova revista, o leitor teve de aguardar por cinco anos a concretização do projeto e, somente no ano de 1982, foi anunciado o lançamento da revista do professor por meio de uma matéria publicada no jornal MP que, em tom de comemoração, asseverava:

Há muito tempo reclamada, será lançada no próximo mês a Revista do Professor de Jovens e Adultos da Escola Bíblica Dominical. Trata-se de mais um passo da CPAD no seu propósito de dotar as Assembléias de Deus de adequado material para o estudo de forma seguida, lógica e dosada da Palavra, proporcionando ao nosso povo um crescimento espiritual equilibrado e calcado na renovação espiritual.<sup>206</sup>

Além de celebrar a conquista, a matéria adiantava aos leitores quais eram as novidades da *Revista do Mestre* que auxiliariam os professores na condução das aulas: “a revista conterà as seguintes seções: informações introdutórias e básicas sobre a lição, recursos educacionais, objetivos, glossário de termos e expressões difíceis da lição, ensinamentos práticos e questionários”<sup>207</sup>.

Com tais recursos, os editores acreditavam reprimir a tão temida autonomia do professor. Tudo estava em seu devido lugar, cabendo ao docente apenas reproduzir exatamente o que era proposto na revista do mestre.

Para exemplificar como essa “maquinaria [de imposição] de uma justa compreensão”<sup>208</sup> foi organizada pelo *Departamento de Escola Dominical* da CPAD, foi selecionada a LB *do Professor* do terceiro trimestre de 1983, por se tratar de um número

<sup>205</sup> ROSA, Valdir. Seção Carta do Leitor. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 47. Nº 13, outubro de 1977, p. 04.

<sup>206</sup> Revista do Professor de Jovens e Adultos. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LII. Nº 1136, dezembro de 1981, p. 06.

<sup>207</sup> Revista do Professor de Jovens e Adultos. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LII. Nº 1136, dezembro de 1981, p. 06.

<sup>208</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, p. 123.

destinado à vida do profeta Daniel, de acordo com o item 17 do currículo da escola dominical, que previa o ensino de *biografias bíblicas*. Por tratar especificamente da vida de um herói bíblico, a revista escolhida permite que se conheça as *estratégias* dos editores para controlar o sentido das mensagens nos trimestres em que o tema central era bem mais passível a interpretações variadas, como é o caso da proposta de estudo das grandes biografias da bíblia que, por se fechar em relatos epopeicos, não tinha uma proposta delimitada de estudo como os itens curriculares *doutrinas básicas da fé cristã, verdades pentecostais, a família/o lar, o crente e o Estado/a nação, o crente e o mundo, a bíblia e a ciência e a ética cristã*, por exemplo.

O tema, cujo objetivo aparentemente era levar aos alunos conhecimentos históricos sobre a trajetória de grandes nomes da Bíblia, quando chegava às páginas da revista ia muito além da mera descrição. Do relato sobre a vida de Daniel, vários exemplos foram transportados para a conjuntura histórica vivida pelos cristãos assembleianos na década de 1980 e, nesse ponto, a revista do professor exercia função central ao indicar o que deveria ser dito nas aulas para que efetivamente o conhecimento sobre aquele profeta tivesse “utilidade prática” na vida dos alunos.

Devido ao espaço que uma análise das treze lições da revista ocuparia, centrei-me na segunda lição intitulada *Longe da contaminação* estudada em 10 de julho de 1983. A lição baseava-se em dezessete versículos do primeiro capítulo do livro de Daniel, que narra a história da prisão desse profeta na Babilônia. Inicialmente, no tópico *Vocabulário*, o professor encontrava o significado de algumas palavras pouco usuais que faziam parte da lição, como *aspenaz* e *eunuco*. A forma de explicação diferia do modelo tradicional dos dicionários, optando-se por comentários diretos que contribuíam na condução da mensagem da lição como se pode ver a seguir:

*Aspenaz*: este nome é de origem certa. Mas o texto é claro ao falar de suas funções de chefe dos eunucos, um cargo de elevada confiança do rei. *Eunuco*, significa “castrado”. Certamente não era o caso de Daniel e seus três companheiros, jovens sem nenhum defeito<sup>209</sup>.

Na coluna *Recursos educacionais* o professor era instruído a organizar um esquema explicativo que demonstrasse os benefícios que Daniel e seus companheiros tiveram ao não se curvarem diante dos deuses babilônicos, mesmo sob forte perseguição do reinado de Nabucodonosor que reprimia os costumes e a religião do povo judeu.

<sup>209</sup> *Lições Bíblicas*. Revista do professor. Rio de Janeiro: CPAD. Julho/setembro de 1983, p. 10-11.

1. Usando um quadro de giz ou cartaz previamente elaborado faça três colunas. Na primeira da esquerda escreva “o que os judeus perderam com a ida para a Babilônia”; na coluna do centro, escreva: “o que os babilônios ofereceram aos judeus, em lugar do que eles perderam”; na coluna direita, escreva: “o que Daniel e seus companheiros preferiram.” 2. Na coluna: “o que os judeus perderam”, relacione: a) sua pátria; b) sua cidade santa; c) o templo de Deus; d) sua liberdade e soberania; e) a alegria. Na coluna: “o que os babilônios ofereceram”, escreva: a) uma terra estranha; b) uma cidade pagã. c) a idolatria mais vil do que existia na época; d) a escravidão; e) tristeza e desolação. Na coluna: “o que Daniel e seus companheiros preferiram”, coloque: a) legumes e água em lugar de finas iguarias e vinho contaminado; b) fofalha de fogo ardente em lugar de adorar a estátua de ouro; c) cova dos leões em lugar de negligenciar a oração; d) bênçãos de Deus em lugar dos favores do rei. 3. Conclua demonstrando as conseqüências abençoadas por terem sido eles fiéis em extremo, não amando as suas próprias vidas<sup>210</sup>.

Num outro quadro, o professor deveria dar sentido prático à lição por meio de um comparativo que levasse o aluno a perceber que as perseguições sofridas por Daniel na Babilônia no ano 606 a. C. eram muito semelhantes aos desafios enfrentados pelos cristãos pentecostais na penúltima década do século XX.

Outra maneira de desenvolver o aprendizado prático entre os alunos é preparar um quadro comparativo da situação vigente em Babilônia nos dias do cativo e nos dias atuais entre nós. Comparar a idolatria, a vaidade, as intrigas, as religiões pagãs com sua mística, as influências da astrologia, as perseguições aos crentes no Deus vivo, tudo semelhante aos nossos dias. Conclusão: assim como Daniel e seus companheiros foram fiéis e venceram naquele meio, nós também podemos ser fiéis e vencer<sup>211</sup>.

Não poderia haver dúvida a respeito do objetivo da lição, principalmente, em se tratando de um tema tão aberto como a história do Profeta Daniel. Daí a importância dos *Objetivos da lição*, recurso que explicava ao professor qual era a tônica da lição estudada. Os três objetivos apresentados reforçavam a preocupação dos editores com o modelo de ensino teológico, a necessidade de ensinamentos que incidissem diretamente no dia a dia dos fiéis assembleianos e insistia na importância de se comparar as perseguições do Estado babilônico ao profeta Daniel à conjuntura política vivida no Brasil dos anos oitenta:

1. Conscientizar os alunos sobre o valor e a importância dos mais nobres valores espirituais para o exercício da influência cristã sobre o meio pagão e materialista em que vivemos. 2. Mostrar que o meio em que vivemos não difere substancialmente daquele em que viveram os jovens judeus, Daniel e seus companheiros. E que se fizermos o mesmo que eles fizeram, venceremos, assim como eles venceram. 3. Transmitir aos alunos maior conhecimento bíblico e motivá-los a viverem de modo agradável a Deus, dando dele testemunho no trabalho, escola, no lar, e em qualquer outro lugar<sup>212</sup>.

<sup>210</sup> *Lições Bíblicas*. Revista do professor. Rio de Janeiro: CPAD. Julho/setembro de 1983, p. 11-12.

<sup>211</sup> *Lições Bíblicas*. Revista do professor. Rio de Janeiro: CPAD. Julho/setembro de 1983, p. 12.

<sup>212</sup> *Lições Bíblicas*. Revista do professor. Rio de Janeiro: CPAD. Julho/setembro de 1983, p. 12.



Guiar o ensino do professor na introdução da lição não era o bastante para os editores da LB, pois viria o texto e, ao explaná-lo, o docente poderia fugir do que fora proposto no início da lição. Por isso, até mesmo os comentários e exemplos a serem utilizados na classe apareciam em negrito entre um parágrafo e outro do texto da lição. Abaixo destacam-se algumas intervenções que deveriam ser feitas pelo professor durante a explanação da saga do profeta Daniel nas terras do rei Nabucodonosor para incentivar os fiéis a manterem-se firmes em suas convicções mesmo em tempo de adversidades:

A tendência do ser humano, quando se acha em situação desfavorável e incômoda, é anular o seu testemunho, lamentando as circunstâncias que o impedem de exercer influência cristã. Muitas vezes, pessoas em tais circunstâncias suspiram por uma liberação, para que, em condições favoráveis possam cultivar uma vida de bênçãos.<sup>213</sup>

Com essas características, a Revista do Professor consubstanciava todos os objetivos do *Departamento de Educação Cristã*. Os esforços, em prol de um maior controle sobre a leitura da revista LB em busca da homogeneização do ensino na década de 1980, foram coroados com o lançamento da revista destinada aos docentes, considerada uma importante arma no controle da leitura e da metodologia de ensino no mais importante espaço de aprendizado da igreja.<sup>214</sup>

Até aqui foram tratadas as mudanças pelas quais passaram a LB a partir do segundo semestre de 1981. As transformações editoriais demonstram que houve mudança na representação dos editores sobre o público leitor. Ao alterarem imagens, refinarem os “protocolos de leitura”, reordenarem as divisões dos textos, os editores da LB buscavam aumentar o controle sobre a leitura dos fiéis em tempos em que a Igreja sentia-se ameaçada

<sup>213</sup> *Lições Bíblicas*. Revista do professor. Rio de Janeiro: CPAD. Julho/setembro de 1983, p. 10-11.

<sup>214</sup> Depois de tantas inovações, a partir do ano de 1983, poucas mudanças ocorreram na revista da escola dominical. Houve apenas a troca do nome LB para *Maturidade Cristã* – mudança que foi, segundo Antônio Gilberto, motivada pela publicação de seis outras revistas de faixas-etárias diferentes<sup>214</sup> – e a inserção de numeração nas capas das revistas em consonância aos itens do currículo de sete anos. Pequenas mudanças que muito pouco alteravam o conteúdo e a estrutura da revista, mas que, como de costume, foram amplamente divulgadas nos periódicos da Igreja até mesmo com a proposição de um jogral a ser encenado pelos alunos a fim de relatar a importância da Escola Dominical e da existência de um currículo, como podemos ver em alguns excertos do jogral: “MÚSICA, enquanto entra a adolescente tendo uma faixa a tiracolo escrita: **NOVO CURRÍCULO**, com uma revista nova e fica ao lado da atual após falar permanece no lugar. **MÚSICA PÁRA. ADOLESCENTE FALA**: setenta anos passados e a escola dominical chega ao seu renascimento. Um desenvolvimento harmonioso permitiu ao seus líderes decisões conscientes e um novo ajustamento dos seus objetivos chegou aos mais eficientes métodos de sua atuação. É um novo currículo que surge para as revistas de jovens e adultos, com um tema para cada trimestre, estudando-se, assim, toda a bíblia em sete anos. Objetivando o conhecimento pleno das Escrituras Sagradas, a salvação, o crescimento espiritual e o preparo para o serviço do mestre”. A escola do cristão. *A Seara*. Rio de Janeiro: CPAD. Ano XXVII. Nº 232, julho de 1984, p. 15.

pelos rumos políticos do país. Sobre a função das interferências tipográficas nos textos, Roger Chartier afirmou:

podemos definir como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor. Visam a definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido. Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo a boa leitura. Existe aí um primeiro conjunto de dispositivos resultantes da escrita, puramente textuais, desejados pelo autor, que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja. Mas essas primeiras instruções são cruzadas com outras, trazidas pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto<sup>215</sup>.

Podemos entender, assim, o porquê de Roger Chartier considerar tão importante as alterações gráficas para a história da leitura:

Os dispositivos tipográficos têm (...) tanta importância, ou até mais, do que os “sinais” textuais, pois são eles que dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto. Permitem um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mutações de horizonte de expectativa do público e propondo novas significações além daquelas que o autor pretendia impor a seus primeiros leitores<sup>216</sup>.

Chartier confirmou o poder dos dispositivos gráficos na atualização dos textos a partir de seus estudos sobre os livros de cordel, cujas intervenções editoriais tinham por objetivo adequá-los às capacidades de leitura dos compradores. O trabalho de adaptação dos impressores de Troyes era orientado pela representação que esses editores tinham das competências e das expectativas culturais dos leitores, que não possuíam familiaridade com o livro. Chartier apresentou as principais transformações e demonstrou qual era a lógica que guiava essas mudanças:

Encurtam os textos, suprimem os capítulos, episódios ou divagações considerados supérfluos, simplificam os enunciados aliviando as frases das orações relativas e intercalares. Dividem os textos criando novos capítulos, multiplicando os parágrafos, acrescentando títulos e resumos. Censuram as alusões tidas por blasfematórias ou sacrílegas, as descrições consideradas licenciosas, os termos escatológicos ou inconvenientes. A lógica deste trabalho de adaptação é dupla: tem

<sup>215</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de Leitura*, p. 96.

<sup>216</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de Leitura*, p. 99-100.

por fim controlar os textos, submetendo-os às exigências da religião e da moral da Contra-Reforma, e pretende torná-los mais facilmente decifráveis por parte de leitores inábeis<sup>217</sup>.

O *Departamento de Escola Dominical* queria defender os membros da Igreja das más influências de um contexto social em que vicejavam as lutas em prol da liberdade de expressão e que florescia os movimentos sociais propondo profundas reformas para a sociedade. O termo “liberdade” soava muito mal aos ouvidos da AD, pois ela sempre buscou pautar a conduta de seus fiéis num modelo de submissão aos governos constituídos – alegando que eles eram aprovados por Deus – e de obediência irrestrita às leis de Deus e de seus representantes na terra, que eram os pastores e demais ministros. Nessa conjuntura, aumentava-se a possibilidade de questionamento e os prejuízos decorrentes da fuga ou distorção das mensagens veiculadas na LB.

Por isso, uma preocupação central do *Departamento de Escola Dominical* era instruir sobre o uso correto das novas lições por parte do professores. Para tanto, três medidas foram aprofundadas no decurso da década de 1980: 1) intensificar a realização do Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical (CAPED); 2) reeditar o livro *Manual da escola dominical*; 3) reativar no jornal MP a coluna “Escola Dominical”.

Ao que informa a matéria divulgada no MP o Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical (CAPED) nasceu a partir da constatação de que havia uma urgente necessidade de dar melhor preparo aos professores das escolas dominicais. Quanto aos objetivos do Curso, a matéria deixava transparecer que longe do mero ensino teológico, o curso visava preparar aqueles que estavam diretamente ligados à organização da escola dominical, ou seja, sua intenção era reestruturar o seu modo de funcionamento:

a finalidade do CAPEP e prover de conhecimentos professores e iniciantes e a atualização de professores veteranos, bem como a orientação e diretrizes gerais para todos os que trabalham na Escola Dominical, ou seja, na sua administração, direção de classe, ou trabalhos atinentes à secretaria.<sup>218</sup>

Esse padrão de curso que vinha sendo aperfeiçoado desde 1974 pelo pastor Antônio Gilberto acentuou-se fortemente a partir de 1980 com a republicação da edição definitiva, revisada e aumentada do *Manual da escola dominical* com uma tiragem recorde de 10.000 exemplares. Conforme indicam as notícias publicadas no MP, na década de oitenta, houve um

<sup>217</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, p. 129-130.

<sup>218</sup> Curso de aperfeiçoamento de professores da Escola Dominical. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIII. N° 10, outubro de 1974, p. 16.

grande esforço por parte da CPAD em disseminar o curso em várias regiões do país, chegando ao total de 27 grandes encontros entre 1980 e 1985.<sup>219</sup> Aos professores que não podiam participar do CAPED propunha-se, por meio de notas espalhadas no MP e nas contracapas da revista LB, que adquirissem o *Manual* para o devido conhecimento das proposições nele contido.

O conteúdo do *Manual* é uma fonte privilegiada para compreender as tentativas de controle sobre a leitura da LB. Embora o uso desse tipo de fonte ainda seja bastante restrito nos trabalhos históricos, seu valor tem sido comprovado por alguns estudos como é o caso das pesquisas de Márcia Abreu<sup>220</sup> e Cláudio Denipoti<sup>221</sup>. Abreu estudou as maneiras corretas de ler no Brasil Colonial a partir de tratados setecentistas que buscavam instruir os leitores sobre o modo apropriado de se ler as Belas Letras. Cláudio Denipoti pesquisou regimentos e estatutos elaborados por bibliotecas do Paraná e do Rio de Janeiro entre a segunda metade do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, com o intuito de desvendar os universos representativos em torno do livro e das bibliotecas e também as representações civilizatórias e moralizantes dos que detinham o controle desses espaços de leitura. Outro autor que reconhece a importância dos manuais de leitura como fonte histórica é Robert Darnton<sup>222</sup> que, ao citar o exemplo dos “manuais dos jesuítas” e dos “tratados de hermenêutica protestantes”, afirma serem as fontes dessa natureza extremamente importantes para a história da leitura.

Mas qual a importância em se conhecer o espaço de leitura de um impresso e as normas de leitura que lhe eram imputadas? Duas instigantes indagações de Pierre Bourdieu mostram a desconfiança desse sociólogo frente a pesquisas que não se atêm ao lugar onde os textos são lidos: “Será que se pode ler um texto sem se interrogar sobre o que significa ler? Sem se perguntar sobre as condições sociais de possibilidade de leitura?”<sup>223</sup>. Robert Darnton não se afasta dessa perspectiva, considerando o espaço em que se efetua a leitura como um elemento primaz no estudo dos impressos: “o onde da leitura é mais importante do que se

<sup>219</sup> CAPED prepara 500 professores em Bangu. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. Nº 1174. Fevereiro de 1985, p. 05.

<sup>220</sup> ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil Colonial In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*, p. 213-233.

<sup>221</sup> DENIPOTI, Cláudio. Decência imperial, silêncio republicano normas e gestualidades da leitura em regimentos e estatutos de bibliotecas (1821-1918).

<sup>222</sup> DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, p. 219.

<sup>223</sup> BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*, p. 134.

possa pensar, porque a contextualização do leitor em seu espaço pode fornecer indícios sobre a natureza de sua experiência”<sup>224</sup>.

As palavras desses pesquisadores nos remetem à escola dominical, o “lugar social” onde a revista LB deveria ser manuseada sob um rígido receituário de leitura, de prática de memorização, mediada pela voz do professor que, sem titubear, tinha por principal função transmitir com exatidão os ensinamentos constantes em sua revista específica de mestre.

Nesse sentido, o *Manual da escola dominical* mostra-se uma fonte capital para entendermos as tentativas de controle sobre a leitura dos textos da revista LB, uma vez que em suas páginas encontramos detalhadamente as normas que visavam organizar esse espaço de leitura e, com isso, controlar o fugidivo ato de leitura. A importância desse modelo de estudo para a história da leitura é descrito por Chartier nos seguintes termos:

Observar assim, as redes de práticas e as regras de leituras próprias as diversas comunidades de leitores (espirituais, intelectuais, profissionais, etc.) é uma primeira tarefa para se chegar a uma história da leitura preocupada em compreender nas suas diferenças a figura paradigmática desse leitor que é furtivo caçador<sup>225</sup>.

O *Manual da escola dominical* foi dividido em cinco unidades que foram subdivididas em capítulos: 1) Bibliologia; 2) Teologia Sistemática; 3) Escola Dominical; 4) Pedagogia; e 5) Psicologia Educacional, sendo todas as unidades seguidas por um conjunto de questionários. A primeira unidade tinha por função apresentar aos participantes do CAPED uma série de informações sobre a Bíblia, como sua história, sua estruturação, maneiras de estudá-la. Na segunda unidade discorria-se sobre as principais doutrinas da Igreja à luz da Bíblia, com ênfase nas formas de doutrinas, diferenciação entre *costume* e *doutrina* e os perigos das *doutrinas falsas*, enquanto as unidades ulteriores destinavam-se, especificamente, ao ensino e à organização da escola dominical. Em benefício dos objetivos deste estudo, darei ênfase no terceiro e quarto tópicos, nos quais se encontram todas as informações pertinentes à normatização do espaço de leitura da revista LB.

Antes, porém, não podemos deixar de mencionar o conteúdo de um pequeno texto impresso na última capa do *Manual* – local onde tradicionalmente os livros trazem pequenos resumos com o fito de informar e atrair o leitor. Longe de um resumo atrativo, o pequeno texto se reporta aos objetivos do CAPED em tom de advertência:

---

<sup>224</sup>DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*, p. 156.

<sup>225</sup>CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*, p. 14.

Não vamos sequer admitir a hipótese de alguém que esteja na liderança da Escola Dominical não seja idôneo para isso (...) pretende-se, portanto, que os obreiros sejam capazes. Se todavia, um obreiro foi chamado tendo capacidade incompleta, será de bom alvitre que procure aprimorar-se nos conhecimentos e na forma de expor o seu ensino aos demais e de bem conduzir os trabalhos da Escola Dominical<sup>226</sup>.

Depois de apresentar, no primeiro capítulo da unidade, algumas notas históricas sobre a escola dominical, partindo do Velho Testamento até o mundo contemporâneo, o texto apresentou os objetivos da escola dominical que, de acordo com o *Manual*, eram três: “1) ganhar almas para Jesus; 2) desenvolver a espiritualidade dos alunos e o caráter de cristão; e 3) treinar o cristão para o serviço do Mestre”. Implicitamente, nesses objetivos continha-se um leque de atuação que alcançava todos os membros da Igreja, desde os novos convertidos (iniciando-os nas práticas e costumes da Igreja) até os fiéis mais experientes (preparando-os para os serviços de evangelização e reforçando os usos e costumes assembleianos). Daí o porquê do lema da escola dominical apresentado pelo CAPED:

Cada aluno um crente salvo, cada salvo bem treinado, cada aluno treinado um obreiro ativo, diligente, dinâmico [assim] o tríplice objetivo da escola poderia ser resumido em três frases: aceitar Jesus, crescer em Jesus, servir a Jesus<sup>227</sup>.

Para que tais objetivos fossem de fato concretizados, dois elementos eram centrais: ambiente de estudo propício ao ensino e professores devidamente preparados. A organização da escola dominical deveria ter forma tríplice: *pessoal, material e funcional*. A primeira envolveria os oficiais da Escola (a diretoria), os professores e os alunos. A segunda dizia respeito ao prédio, ao mobiliário e ao material didático. Por fim, a terceira se referia à organização funcional, onde tinha grande centralidade a figura do pastor, sempre atento ao que era ensinado, à eficiência do ensino e ao planejamento das atividades. Sobre o prédio, o *Manual* destacava: “a escola dominical deve funcionar em instalações apropriadas (...) tendo salas independentes [e mobiliário] apropriados aos fins, e, de conformidade com a idade dos alunos”<sup>228</sup>.

A escola dominical deveria ter também uma diretoria composta pelos seguintes agentes: superintendente, vice-superintendente (cargos geralmente destinados a pastores e presbíteros); 1º e 2º secretários, cuja responsabilidade era controlar as matrículas, o número de alunos, transferências de sala; um tesoureiro, responsável pelas ofertas alçadas, um

<sup>226</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical* (capa).

<sup>227</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 121

<sup>228</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 126

bibliotecário, dirigente musical, porteiros e introdutores, estes dois últimos destinados a controlar a ordem e recepcionar os visitantes. À diretoria recomendava-se que realizasse no mínimo uma reunião por mês para tratar de assuntos inerentes ao andamento dos trabalhos. O *Manual* sugeria ainda que os alunos fossem divididos em salas, tendo por base a faixa etária, de modo que os mais diferentes assuntos fossem tratados sem constrangimentos e que os métodos de ensino inerentes às diferentes idades pudessem ser aplicados. Propunha-se a seguinte organização:

Até 3 anos de idade.....	Berçário
4-5 anos de idade.....	Jardim de infância
6-8 anos de idade.....	Primários
9-11 anos de idade.....	Juniores
12-14 anos de idade .....	Intermediários
15-17 anos de idade .....	Secundários
18-24 anos de idade.....	Jovens
25 ..... anos de idade .....	Adultos <sup>229</sup> .

Além de todos esses ditames, o *Manual* preocupava-se também em descrever detalhadamente a programação e os rituais que julgava ideal às Escolas Dominicais. Para a história da leitura, esse tipo de descrição é muito valioso porque permite que conheçamos as regras que buscavam normatizar a leitura da LB.

A princípio é importante destacar que, no espaço de leitura da revista LB, a pontualidade tinha de ser um elemento de primeira ordem. O *Manual* era categórico ao cobrar dos professores o firme cumprimento dos horários: “As reuniões (...) devem começar e terminar na hora prevista, senão toda a escola sofrerá (...) os estudos da lição devem ter sempre 50 minutos de duração, pelo normal de uma aula qualquer”<sup>230</sup>.

Na visão do professor Antônio Gilberto, o ideal era que as escolas dominicais fossem realizadas, prioritariamente, no período matutino. Com início dos trabalhos às 09h30min, dois hinos, previamente escolhidos, seriam entoados, ocupando o limite máximo de dez minutos. Às 09h40min, dar-se-ia início à leitura dos versículos bíblicos descritos na LB dos jovens e adultos que, por ser uma parte devocional introdutória da reunião, tinha de ser acompanhada por todos os presentes.

Mas essa leitura não poderia ser aleatória. Uma regra tinha de ser observada para que todos participassem do importante ato de ler: o dirigente da escola dominical iniciaria a leitura do primeiro versículo, sendo precedido pela leitura coletiva do segundo e, seguindo essa

<sup>229</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 130

<sup>230</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 136

ordem, todos os versículos seriam contemplados. Com isso, alternadamente, todos liam e escutavam as passagens bíblicas inerentes à lição que seria estudada naquele domingo e mesmo os que não possuíam o domínio da leitura, tinham a oportunidade de declamar e também ouvir os excertos bíblicos transcritos na revista.

Após a leitura da Lição, às 09h50min, os alunos iriam para suas respectivas salas onde o tema do dia seria apresentado pelo professor. Às 10h35min era dado o primeiro sinal para o encerramento do estudo da Lição, seguido por um segundo sinal às 10h45m. Encerradas as aulas, imediatamente todas as classes seriam conduzidas ao templo onde às 10h50m, ocorreria a fase final de encerramento da reunião. Esse era um momento muito importante, pois tudo o que havia sido ensinado em sala haveria de ser recapitulado por meio da leitura em voz alta do tema da lição e também de um item específico da revista LB denominado *texto áureo*. Nesse ponto, o *Manual* era enfático em afirmar a importância da “recitação do assunto da Lição e texto áureo, por classes ou departamentos”<sup>231</sup>.

Às 11h00min, um relatório seria lido pelo secretário da escola, informando aos alunos, com base no cadastro de matrícula, o total de presentes e ausentes e também o valor arrecadado pelas ofertas, bem como o número de bíblias e revistas LB. Essa leitura não poderia ocupar mais do que cinco minutos, uma vez que às 11h05min, seriam destinados novamente alguns minutos para a execução de um cântico. Para arrematar as atividades, o pastor, investido de sua autoridade perante a Igreja, ou em casos extremos, o superintendente, ou mesmo um irmão convidado por um dos dois, ocuparia os mais de vinte minutos restantes para realizar “um resumo da Lição”<sup>232</sup>.

Essas informações revelam um espaço bastante singular de leitura, uma vez que dentro desse metódico cronograma da escola dominical, cada lição da revista LB não era apenas lida pelos alunos. Eles também a escutavam pela voz do professor que, de posse de uma revista especialmente preparada para tal fim, não apenas lia a lição do dia como também explicava detalhadamente aos discentes qual era a mensagem central daquele texto. Logo, reunidos no templo, com a intenção de fixar o que fora estudado, em uníssono os alunos repetiam em voz alta pequenos textos contidos na LB cujo teor sintetizava a mensagem central da lição.

Mas como se todos os recursos mnemônicos ainda não fossem suficientes, ao final da reunião, a afiançada voz do pastor, ou representante devidamente autorizado, reforçava o teor

---

<sup>231</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 137.

<sup>232</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 137.



da mensagem em um folgado espaço de tempo que correspondia a mais de um terço dos cinquenta minutos que os alunos ficavam em sala.

Roger Chartier considera extremamente importante distinguir nos estudos históricos os textos produzidos para atingir um leitor solitário – que os leria em silêncio – daqueles destinados à leitura em grupo e em voz alta, com clara intenção de produzir efeitos específicos no leitor. Tal distinção se faz necessária porque diferentemente dos textos produzidos para serem lidos de maneira silenciosa e sem a participação de outras pessoas, os escritos dedicados a grupos específicos carregam também leis específicas de leituras:

(...) compostos para serem declamados ou para serem lidos em voz alta e compartilhados por um público ouvinte, investidos com uma função ritual, tidos como máquinas designadas a produzir certos efeitos, eles obedecem às leis próprias, à transmissão oral e comunitária<sup>233</sup>.

Seguindo as afirmações de Chartier, pode-se afirmar que a LB no conjunto de impressos da AD era muito importante, pois somente por meio dela a liderança da Igreja poderia exercer um controle sobre a leitura dos fiéis e corrigir todas as possíveis distorções e dúvidas produzidas pelo contato com qualquer tipo de informação que depusesse contra os preceitos assembleianos. Historicamente obcecados pela manutenção da unidade e identidade da Igreja<sup>234</sup> e, em tempos de pressões sociais como na década de 1980, qual não era a sensação de sossego dos líderes nacionais ao saberem que nas manhãs de domingo milhares de fiéis estavam ouvindo, lendo e repetindo em voz alta as “verdadeiras” mensagens e doutrinas pentecostais.

Todavia, a efetividade de todas as medidas de domínio sobre o leitor estava em parte condicionada à interpretação que o professor daria às mensagens da revista. Na sala de aula, a voz do professor equivalia à voz do pastor. Em suas mãos estava a revista do mestre que lhe investia de uma grande autoridade, por isso, qualquer “desvio” da mensagem poria abaixo a articulada pirâmide de controle do saber.

Côncio desse perigo, Antônio Gilberto reservou várias páginas de seu *Manual* aos professores da escola dominical, onde se encontravam recomendações para escolha dos professores, os compromissos inerentes ao cargo e um minucioso esquema contendo normas que deveriam guiar o professor quando este fosse preparar a lição e apresentá-la aos alunos. Os dados são riquíssimos, indo desde a maneira correta de o docente ler a revista do mestre e

---

<sup>233</sup>CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*, p. 21.

<sup>234</sup>ENCARNAÇÃO, Maria. Amélia Dantas. *Imprensa pentecostal: a produção de uma identidade religiosa*.

preparar os tópicos para a apresentação de sua aula até um detalhado cronograma onde se determinava, inclusive, quanto tempo o professor gastaria em cada tópico da revista LB.

O *Manual* inicialmente recomendava ao professor que atentasse “solenemente” a quatro versículos bíblicos. O primeiro versículo, situado no quarto capítulo de Mateus, lembrava ao professor que ele tinha de esquecer suas convicções próprias e se colocar sob o comando da palavra de Cristo: “E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Mateus 4, v. 19”. A segunda indicação reforçava a importância do ensino, principalmente, para a preservação das doutrinas: “Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio; ensina o justo e ele aumentará em doutrina. Provérbios 9, v. 9.” O terceiro versículo advertia o professor sobre sua responsabilidade em entregar a “verdadeira” mensagem, sem hesitar, agradasse ela ou não aos ouvintes: “Porque melhor é que padeçais fazendo bem (se a vontade de Deus assim o quer), do que fazendo mal. 1 Pedro 3, v. 15”. Por último, indicava-se uma passagem bíblica que segundo o *Manual* deveria ser “o versículo predileto do professor da escola dominical: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. 2 Timóteo 2, v. 15”<sup>235</sup>.

Do pastor da Igreja cobrava-se muito critério na escolha dos professores, sem nunca esquecer que ele era “o obreiro de maior responsabilidade e privilégio na Escola Dominical”<sup>236</sup>. Considerando que seu cargo dava-lhe o poder de transmitir a palavra de Deus o *Manual* destacou seis pontos imprescindíveis para o ingresso de qualquer membro no corpo docente da escola dominical:

1. Ser crente salvo; 2) Ser membro da Igreja; 3) Ter bom testemunho; 4) Querer servir ao Senhor; 5) Ser aplicado ao estudo da Palavra de Deus, sua história, suas doutrinas e assuntos necessários ao bom desempenho de sua missão de professor da Escola Dominical; 6) É de toda importância que seja batizado com o Espírito Santo e cultive a vida de plenitude no Espírito.<sup>237</sup>

O pastor deveria também estar atento ao que estava sendo ensinado pelos professores a fim de assegurar ao aluno uma mensagem “livre de extremismo, modernismo, fanatismo, doutrinas falsas, etc.”, sendo, por isso, necessário que os professores fossem “idôneos,

<sup>235</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 128-129.

<sup>236</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 129.

<sup>237</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 129.

espirituais, treinados, cheios do Espírito Santo e zelo pela obra de Deus”. Mas havia um adendo: “não confundir idôneo com idoso”<sup>238</sup>.

Destacados os critérios de escolha, o *Manual* passava à instrução do professor. De antemão, destacava-se que o propósito do ensino na escola dominical era conquistar novos fiéis, desenvolver a espiritualidade dos alunos e treiná-los para os serviços da Igreja. Para tanto, o professor deveria ter preparo espiritual, intelectual (cultura geral), social (apresentação pessoal) e físico (estado saudável). Aliado a esses pontos tinham de estar a fidelidade, a paciência, o amor, a dedicação e a pontualidade. Esse último quesito era reforçado mediante duras palavras: “pontualidade é chegar na hora, começar na hora, terminar na hora. Jesus andava sempre na hora (...) quem não pode ser fiel nesta parte é melhor dar o lugar para outro que possa ser”<sup>239</sup>.

Quatro grandes responsabilidades foram apresentadas como essências aos professores: 1) responsabilidade para com Deus; 2) para com a Igreja (orientando cada aluno a ser um abnegado colaborador em tudo – tempo, talentos, finanças); 3) para com a escola dominical (conhecendo a organização e funcionamento da Escola); 4) para com a classe (visitar os alunos, orar pelos alunos individualmente, procurar a conversão e edificação espiritual de cada aluno).<sup>240</sup>

Mas nada era mais importante do que o dever que tinha o professor de preparar de modo satisfatório cada lição que compunha a revista LB e esse assunto era tratado de maneira pormenorizada pelo *Manual*, já que qualquer outra leitura na organização da aula, diferente da desejada pelos editores, poderia comprometer a preciosa unidade de ensino.

O preparo da lição compunha a pauta de atividades semanais do professor, por isso deveria ser afastada qualquer metodologia que desprezasse o estudo da revista durante a semana. Além da revista do mestre, recomendava-se para o preparo das aulas o uso da Bíblia e livros de consulta e referências. Evidentemente, uma indicação tão aberta como esta última não estaria desacompanhada de uma estrita indicação do que tinha de ser entendido por “livros de consulta e referência”. Para o *Manual*, esses livros eram dicionários bíblicos, livros de concordâncias e comentários bíblicos e mesmo escolhendo a bibliografia correta ainda

---

<sup>238</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 127. Uma inédita estatística da escolaridade dos professores que participaram do CAPED realizado em 11 de abril de 1976 na cidade de Brasília mostra que a escolaridade era também um ponto muito importante na escolha dos docentes. De um total de 576 participantes, 32 possuíam curso superior, 122 o 2º Grau, 418 o 1º grau e apenas 4 não haviam concluído o primário. Caped – DF: acontecimento histórico e cheio de bênçãos. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 46. N° 06 de 1976, p. 09.

<sup>239</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 143.

<sup>240</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 144.

havia uma advertência ao professor: “cuidado para não tornar-se um simples eco ou reflexo dos livros”<sup>241</sup>.

Antônio Gilberto acreditava que uma boa aula só seria possível se o docente ao ler sua revista e preparar sua aula tivesse em mente três questões: “1) Que desejo que meus alunos aprendam? 2) Que desejo que meus alunos sintam? 3) Que desejo que meus alunos façam?”<sup>242</sup>. A primeira questão envolvia todo “plano objetivo da lição”, por isso tinha de atingir a mente do aluno por meio do trabalho com dados históricos, geográficos, bíblicos. Já a segunda estava ligada à parte afetiva do aluno, chamada por Gilberto de “plano subjetivo da lição”, ou seja, todas as formas possíveis de se utilizar a emoção dos discentes para fazê-los absorver a mensagem da revista. A terceira questão seria guiada pela conexão entre o plano “objetivo” e o “subjetivo” da lição na qual o aluno seria instado a ligar o que acabara de aprender à sua prática cotidiana.

O *Manual* destacava também as etapas que eram essenciais na leitura e na preparação da lição. Tudo haveria de ser iniciado pelos estudos pessoais do professor por meio da revista LB. Secundariamente, poder-se-ia consultar outras fontes, mas alertava-se: “veja que fontes tem!!! Não se trata de ter muitos livros, mas tê-los bons”<sup>243</sup>. Com os materiais em mão, era hora de montar o esboço da lição que, na visão de Gilberto, não poderia deixar de apresentar unidade e coerência e ter no máximo quatro pontos ou subtópicos: “quanto mais bem detalhado e completo é chamado de Plano de Aula”<sup>244</sup>, advertiu o autor.

No plano também constaria o material de ensino a ser adotado pelo professor em sala. Seria imprescindível, entre esse material, um questionário com no mínimo cinco e no máximo dez perguntas, tarefas orais, ou escritas e atividades de pesquisa ou ainda exercícios que cobrassem dos alunos “mini-preleções” sobre algum ponto abordado pela revista ou mesmo de um versículo bíblico. O *Manual* insistia em reforçar ao professor a necessidade de estudo diário das lições: “Quanto tempo você gasta no preparo da lição? (...) o preparo da lição deve começar na segunda-feira e prosseguir diariamente a semana inteira. O preparo de uma aula de 50 minutos não pode ser coisa de fim de semana!”<sup>245</sup>.

Não só com a leitura e preparação da lição estavam preocupados os organizadores do CAPED. Era importante instruir o professor também em sua conduta em sala para que no

<sup>241</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 165.

<sup>242</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 166.

<sup>243</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 166.

<sup>244</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 166.

<sup>245</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 166.

processo de transmissão do saber não ocorresse nenhuma interpretação heterodoxa da mensagem central que havia sido preparada pelo *Departamento de Escola Dominical* da CPAD. Por isso, foi dedicado um tópico no *Manual da escola dominical* para tratar especificamente desse assunto. Como fonte histórica, o relato é muito generoso, revelando passo a passo como deveriam ser conduzidas as aulas de milhares de escolas dominicais espalhadas pelo Brasil e, por conseguinte, como deveriam ser apresentadas pelos professores as lições que compunham a revista LB.

Primeira recomendação ao professor: “chegue cedo! Pelo menos cinco minutos antes da hora de começar a reunião da Escola Dominical”<sup>246</sup>. Antes de iniciar a lição, o professor cederia espaço para o secretário arrumar a sala de aula, registrar o número de presentes, saudar os visitantes, cumprimentar os aniversariantes e matricular novos alunos. Feito isso, o docente daria início à aula, baseando-se num cronograma de cinquenta minutos.

O tópico “introdução” presente na revista LB não poderia ocupar mais do que três minutos entre a leitura e explanação e, nesse pequeno espaço de tempo, deveria ainda ser incluída uma oração inicial feita pelo professor ou por um aluno e a saudação de boas-vindas aos presentes. Sobre a importância desse preâmbulo, o *Manual* lembrava: “é o ponto de contato com a classe. O fato utilizado para introdução deve ser bem apropriado”<sup>247</sup>. Esse era o momento em que o docente tinha de “prender a atenção do aluno” e “introduzir o assunto da lição, e, seu relacionamento com as demais Lições da série em estudo”<sup>248</sup>.

Realizado esse conjunto de tarefas, passava-se à explanação do texto da lição. Em trinta minutos, o professor discorria, seguindo as diretrizes da revista do mestre e o plano de aula preparado durante a semana, sobre o assunto proposto, sempre tendo em mente o horário e o compromisso de não omitir nada do que fora proposto pela revista. Ao se esgotar o tempo de explanação, o professor passava à “verificação da Lição” com duração máxima de cinco minutos. Esse era um momento especial da aula, ao que informa o *Manual*, pois realizava-se a “recapitulação dos pontos e verdades básicas da lição, seguido de perguntas e respostas”<sup>249</sup>.

Tão importantes quanto os cinco minutos reservados à verificação da lição, eram os sete minutos destinados à “aplicação da lição”. Nesse pequeno espaço de tempo, o professor, seguindo os recursos dispostos na revista do mestre para esse fim, deveria contextualizar a mensagem à realidade do aluno, fazê-lo entender o sentido prático da lição que foi estudada,

<sup>246</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 166.

<sup>247</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 167.

<sup>248</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 167.

<sup>249</sup>SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 167.

isto é, como a mensagem tratada naquele domingo tinha de ser aplicada em seu dia a dia. Para Antônio Gilberto, esses minutos interferiam diretamente no resultado final da aula:

O conhecimento pessoal adquirido pelo aluno não terá valor nenhum em si, se não for aplicado. Seu valor vem de sua utilidade imediata ou remota, quando aplicada pela pessoa que o tem (...) a aplicação da Lição corresponde, digamos, ao apelo na pregação<sup>250</sup>.

Do cômputo geral restariam cinco minutos que deveriam ser usados para sanar as dúvidas finais e entregar avisos, tarefas e atividades diversas. Percebe-se pelo que foi descrito que, ao tentar exercer um controle sobre o tempo, o *Departamento de Escola Dominical* visava evitar que os professores tratassem de temas que não estavam previstos na revista LB. Ao seguir o modelo indicado pelo *Manual*, o professor não disporia de tempo para alongar debates suscitados pelos alunos e nem ele mesmo poderia perder-se em exemplos ou assuntos não previstos pela LB.

No entanto, mesmo dispendo de um curso com tamanho sucesso como o CAPED e de um livro com vendagem recorde como o *Manual da escola dominical*, os editores da LB não se achavam suficientemente satisfeitos. Era preciso reforçar esses ensinamentos continuamente e alcançar àqueles que ainda não haviam se rendido às contumazes propagandas e campanhas da Igreja em prol do CAPED e nesse mister o MP, por ser um periódico de grande circulação, foi central. Reativou-se, assim, a coluna “Escola Dominical” no MP conforme noticiou a revista LB do segundo semestre de 1984:

Em cada número de “O Mensageiro da Paz” é publicado um artigo sobre a educação religiosa através da Escola Dominical. Insistimos que todos os que freqüentam e trabalham na Escola Dominical, que leiam essa matéria, com subsídios valiosos para professores e alunos.<sup>251</sup>

Na coluna foram publicadas matérias dedicadas às práticas pedagógicas como a que defendia um modelo de ensino que respeitasse as especificidades de seus alunos<sup>252</sup>. Em outra matéria, propunha-se que os docentes utilizassem o maior número de recursos educacionais possíveis para despertar em seus alunos a vontade de conhecer o assunto da lição: “o

<sup>250</sup> SILVA, Antônio Gilberto. *Manual da escola dominical*, p. 167.

<sup>251</sup> *Lições Bíblicas*. 2º trim. de 1984. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

<sup>252</sup> O aluno da Escola Dominical: suas necessidades e características. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIII. Nº 1156, agosto de 1984, p. 18.

professor eficiente é aquele que lança mão do material disponível e utiliza as atividades possíveis de modo a alcançar os objetivos a que se propõe”<sup>253</sup>.

Outro método aconselhado foi o de perguntas e respostas, eficaz, segundo outra matéria, por permitir que pontos importantes da lição fossem ressaltados por meio de questionamentos<sup>254</sup>. A participação do aluno nas aulas também foi apresentada como um interessante método de ensino, já que ao participar, o aluno fixava o aprendizado e fugia da condição de ouvinte. Outro artigo lembrava, no entanto, que as perguntas e debates deveriam ser dosados e sem delongas<sup>255</sup> para não atrapalhar a execução do “método de preleção”, que permitia a exposição de um grande volume de conteúdos em poucos minutos.<sup>256</sup> No texto *Como ensinar com êxito* foram destacados os três principais elementos que redundariam em um bom ensino: “saiba o que ensinar, ensine objetivamente, busque resultados”<sup>257</sup>.

No jornal MP também foram publicados estudos que reforçavam as responsabilidades dos professores da escola dominical. No artigo *Professor, seja um obreiro aprovado* uma série de cobranças foram feitas aos docentes, exigências que iam desde o conhecimento das Sagradas Escrituras até um maior cuidado na aplicação das regras da língua portuguesa:

o fato do professor não possuir um bom nível de escolaridade, não deve se constituir em desculpa para abandonar ao descuido (...) ele deve de alguma forma compensar o tempo perdido, lendo bons livros, jornais e revistas, pois em geral o hábito de leitura gera maior habilidade e segurança no falar<sup>258</sup>.

Com o mesmo tom de cobrança, a matéria *As responsabilidades do professor*<sup>259</sup> reforçava o dever dos docentes em ensinar as mensagens bíblicas aos alunos sem acrescentar conteúdos além daqueles propostos, enquanto que em *Sendo um professor melhor*<sup>260</sup> destacava-se que o professor deveria ter uma conduta exemplar e estar atento às “fraquezas” dos alunos como “conselheiro e amigo”. Outras matérias retomavam uma antiga preocupação

<sup>253</sup> Métodos e técnicas de ensino. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIV. Nº 1161, janeiro de 1984, p. 18.

<sup>254</sup> O uso do método de perguntas e respostas. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIV. Nº 1164, abril de 1984, p. 22.

<sup>255</sup> Fases da discussão bem orientada. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIV. Nº 1166, julho de 1984, p. 18.

<sup>256</sup> Métodos de preleção. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIV. Nº 1168, agosto de 1984, p. 18.

<sup>257</sup> Como ensinar com êxito. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVII. Nº 1198, fevereiro de 1987, p. 22

<sup>258</sup> Professor, seja um obreiro aprovado. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVI. Nº 1194, outubro de 1986, p. 22

<sup>259</sup> As responsabilidades do professor. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVIII. Nº 1224, dezembro de 1988, p. 22.

<sup>260</sup> Sendo um professor melhor. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVIII. Nº 1218, julho de 1988, p. 22.

dos editores da LB: a omissão por parte dos professores do conteúdo proposto pela revista. Esse era, de fato, o mais temível de todos os desvios, por isso, ao tratar desse assunto, mesmo em um impresso que não era destinado exclusivamente aos professores da escola dominical, os colunistas do jornal MP eram contundentes nas críticas. O texto *Professor, atenha-se à lição*, afirmava que os professores muitas vezes fugiam do tema recomendado pela revista por falta de preparo e lembrava que os docentes tinham de preparar suas aulas com foco exclusivo na revista durante toda a semana. E ia além:

Talvez pergunta o professor da Escola Dominical: “por que ater-me à revista quando tenho outras fontes da qual posso extrair ensinamentos para minha classe?”. Você deverá ater-se à sua revista da Escola Dominical por várias razões, dentre as quais destacam-se as seguintes: 1ª). Uma vez que a revista aborda um assunto ao longo do trimestre, assunto dividido em temas, no caso os títulos das lições dominicais, deixar de lado um desses temas poderá prejudicar o aproveitamento dos seus alunos ao longo do trimestre. 2ª). O estudo seqüenciado dum assunto uniformisa o que julgamos interessante aos nossos alunos. Interromper esse assunto, substituindo-o por outro assunto de preferência do professor, dará lugar a que os alunos questionem o comportamento do professor. 3ª). As experiências pessoais não nos foram dadas viver e pregar como se elas fossem doutrina e mandamentos (...) quando contamos nossa experiência à nossa classe da Escola Dominical, o que parece é que estamos estabelecendo padrões de conduta de Deus, ou nossa para serem seguidos pelos ouvintes. Isto significa afastar o povo de seguir a Deus, levando-o a seguir-nos naquilo que julgamos correto. 4ª). Seguir a orientação didática oferecida na revista da Escola Dominical, propiciará meios de seus alunos lhe ajudarem na condução da aula, baseado numa lição que eles também estudaram durante a semana que findou<sup>261</sup>.

Com a realização dos CAPEDs e as constantes matérias publicadas no MP, os editores da LB buscavam exercer um completo controle sobre a leitura da revista utilizada nas Escolas Dominicais numa constante formulação de normas que fossem capazes de cercear qualquer forma de interpretação que se distanciasse da oficial.

Na tentativa de governar os sentidos que seriam atribuídos aos textos, os editores da revista LB lançaram mão de inúmeros recursos gráficos e editoriais no curso da década de 1980. Além da publicação do *Manual da Escola Dominical*, as intervenções gráficas tais como notas, sínteses, objetivos centrais de cada mensagem, glossários, questionários, cor e o tamanho das letras, organização dos tópicos, disposição dos textos, ilustrações das capas, mensagens nas contracapas, dimensões da revista, entre outros, foram instrumentos desenvolvidos para refinar os “protocolos de leitura”<sup>262</sup> da LB na década de 1980, momento em que a AD necessitava demarcar seu posicionamento em face das grandes transformações que se processavam na sociedade brasileira.

<sup>261</sup>Professor, atenha-se à lição. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVI. Nº 1168, abril de 1986, p. 04.

<sup>262</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas de Leitura*, p. 78.



Conforme foi demonstrado até aqui, o jornal MP e a revista LB fizeram parte das *estratégias* da CPAD para disseminação das mensagens da AD em defesa dos interesses da Igreja no conturbado contexto dos anos 80. Ambas as publicações estavam imbuídas da mesma tarefa, mas com linhas editoriais distintas porque distintos eram os espaços de leitura e até mesmo o público leitor a que se destinavam esses impressos. O MP era direcionado a um público amplo, fiéis assembleianos e de outras denominações, além dos leitores com ou sem filiação religiosa que tinham o mensário da AD à mão nas bancas de jornal. No âmbito institucional da AD, o MP destinava-se a leitores interessados em informação, em entretenimento e ensinamentos religiosos que complementavam o aprendizado obtido nos cultos semanais e nas escolas dominicais, por isso, sua estrutura pressupunha uma leitura extra-templo, baseando-se na tríade *informação, política e fé*.

Já a revista LB cumpria a função de subsidiar uma das principais reuniões que eram realizadas nas igrejas, tendo como alvo um público leitor específico (jovens e adultos membros da AD) e um espaço coletivo de leitura (as escolas dominicais), sobre o qual se tentava estabelecer um amplo controle sobre as práticas de leitura. Apesar de a linha editorial da LB ter sido movida pelas mesmas preocupações dos editores do MP, em meio aos debates políticos dos anos oitenta, nesse impresso, a tríade de prioridade era: *ensino, fé e política*. Ou seja, dava-se primazia ao *ensino* que deveria ser regido por minuciosas normas de leitura e controle do tempo na sala de aula, enquanto que tematicamente a tônica da revista eram as mensagens teológico-doutrinárias que reforçavam as bases da *fé* pentecostal e por último vinham os assuntos que abarcavam as preocupações da igreja com os rumos da *política* do Brasil, sempre tratados de forma indireta, muitas vezes nas entrelinhas das mensagens e sob um rígido receituário de leitura.

Baseando-se em diferentes horizontes de recepção e distintas representações dos leitores, o MP foi reformulado para tratar de temas que não poderiam ser debatidos abertamente dentro dos templos, a exemplo dos assuntos sobre a situação política do Brasil, enquanto que as reformulações da LB tinham por objetivo atualizar tematicamente a revista, exercer maior domínio sobre a leitura e inserir de forma indireta e moderada comentários alusivos à instabilidade social e política pela qual passava o país.

Nas páginas que foram reservadas a este capítulo e também ao primeiro, meu esforço ficou concentrado em apresentar os principais acontecimentos que marcaram a década de 1980 e quais foram os reflexos desse contexto na organização institucional da AD e, conseqüentemente, baseando-se na noção de *estratégia* de Michel de Certeau, como a imprensa assembleiana também passou por importantes transformações. Uma ênfase

especial foi dada às mudanças que se processaram nas representações dos editores do MP e da LB sobre os leitores ou em outras palavras, no horizonte de recepção desses impressos cuja materialidade resultante dos processos de edição demonstrava qual era o público alvo e também quais eram os espaços, a maneira e o local em que tais materiais supostamente seriam lidos e interpretados.

Mas uma coisa é o “leitor imaginado” pelos líderes da alta cúpula da Igreja e pelos editores da CPAD; outra bem diferente é o “leitor real” com suas peculiaridades, suas subjetividades, imerso em um momento histórico extremamente conturbado como o da década de 1980.

A análise das *estratégias* dos editores por meio dos impressos permite o conhecimento de um aspecto muito importante: a idealização, por parte dos editores, do público leitor e dos usos que estes fariam dos impressos. Resta, no entanto, desvendar um lado bem mais nebuloso e repleto de instigantes indagações: como se comportava o leitor comum ao ter em suas mãos dois impressos que eram editados sob perspectivas de recepção tão distintas como o MP e a LB? E mais, o MP obteve sucesso em seu intento de fomentar o debate sobre o contexto político em que vivia o país sem “macular” o espaço “sagrado” do templo com tais assuntos? E a LB, que possuía uma infinidade de mecanismos tipográficos e materiais de apoio (a exemplo do *Manual da escola dominical*) responsáveis por “controlar” a leitura e os sentidos atribuídos às mensagens, conseguiu moderar os ensinamentos de modo que temas relevantes sobre a situação social e política do Brasil fossem abordados de forma indireta para não promover debates de cunho político no interior dos templos?

Acessar o mundo dos leitores comuns e percorrer os sinuosos caminhos de suas leituras é sem dúvida uma tarefa extremamente desafiadora. Desafiadora, porém, necessária, pois nas últimas décadas, a historiografia tem demonstrado a importância da inserção nos estudos históricos do cotidiano das pessoas comuns interseccionando-o a conjunturas e a acontecimentos relevantes do ponto de vista histórico. É o que defende Peter Burke ao afirmar:

Igualmente difícil de descrever ou analisar é a relação entre as estruturas do cotidiano e a mudança. Visto de seu interior o cotidiano parece eterno. O desafio para o historiador social é mostrar como ele de fato faz parte da história, relacionar a vida cotidiana aos grandes acontecimentos, como a Reforma ou a Revolução Francesa, ou a tendências de longo prazo, como a ocidentalização ou ascensão do capitalismo.<sup>263</sup>

<sup>263</sup>BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, p. 24.

Peter Burke ressalta que esse novo olhar historiográfico permite superar modelos deterministas de explicação social já que as análises não ficam restritas apenas às regras impostas pela religião, pelo Estado, ou quaisquer outras normatizações sociais, mas buscam evidenciar as liberdades, os desvios, as táticas das pessoas comuns que ora transigem, ora burlam as normas que lhe são impostas de cima para baixo aproveitando-se das inconsistências e incoerências dos sistemas sociais.<sup>264</sup>

Michel de Certeau estabeleceu na sua célebre obra *A invenção do cotidiano* duas importantes noções para o estudo das práticas de consumo: as *estratégias* e as *táticas*, ambas já mencionadas na introdução deste trabalho. Ao dar novo sentido a um texto cuja materialidade e a mensagem foram pensadas a partir de uma *estratégia* editorial, o leitor estabelece a operação denominada por Certeau de *tática*, pois está manipulando, alterando o que foi estrategicamente pensado para lhe impor limites.

Como mostrou Michel de Certeau, a leitura é um exercício de errâncias e inventividades que jogam com as expectativas, as astúcias e as normatividades das obras lidas<sup>265</sup>. O leitor, ao se deparar com instrumentos de controle impostos pelos editores, encontra formas de driblá-los, pois ele, longe de ser um sujeito neutro, constrói os sentidos do que lê a partir de suas referências socioculturais e históricas<sup>266</sup>.

Como indica Roger Chartier, nos estudos históricos, essa perspectiva leva a “repensar totalmente a relação entre um público designado como popular e os produtos historicamente diversos (livros e imagens, sermões e discursos, canções, romances-fotográficos ou programas de televisão) propostos para seu consumo”<sup>267</sup>. Para Chartier, as análises devem contrapor os dispositivos, discursivos ou institucionais, que buscam disciplinar os corpos, as práticas e modelar, por meio da ordenação regrada dos espaços, as condutas e os pensamentos, às táticas de consumo desenvolvidas pelos indivíduos sobre os quais recaem todas as “tecnologias da vigilância e da inculcação”. O cruzamento dos dispositivos de controle com as *táticas* de consumo revela que: “longe de terem a absoluta eficácia aculturante que lhes é atribuída com demasiada frequência, esses dispositivos [de controle] (...) deixam necessariamente um lugar, no momento em que são recebidos, à variação, ao desvio, à reinterpretção”<sup>268</sup>.

<sup>264</sup> BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, p. 24.

<sup>265</sup> CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer, p. 265.

<sup>266</sup> BRITTO, Luiz Percival Leme. *Contra o consenso*.

<sup>267</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*, p. 53.

<sup>268</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*, p. 53.

Confrontar os dispositivos de controle e as liberdades individuais tem sido o grande desafio da história da leitura nas últimas décadas dada a dificuldade de fontes que permitem captar as apropriações inventivas de leitores de revistas jornais, manuais, em diferentes momentos históricos.

Contra a passividade que tradicionalmente foi atribuída à figura do leitor, Chartier lembra que a leitura é uma atividade que permite a reapropriação, o desvio, a desconfiança, a resistência. Sendo um espaço aberto a leituras múltiplas, os textos, na visão de Chartier, não podem “ser apreendidos nem como objetos, cuja distribuição bastaria determinar, nem como entidades, cuja significação seria universal. Devem ser relacionados à rede contraditória das utilizações que os constituíram historicamente”<sup>269</sup>.

Com base nessas considerações sobre a história da leitura, no próximo capítulo, reduzirei a escala de análise do polo de produção dos impressos para o polo de recepção e apropriação, indo das *estratégias* de controle para as *táticas* de consumo a partir de uma série de anotações de leitura realizadas por um membro e professor da escola dominical da AD de uma pequena cidade do interior do Estado de Mato Grosso do Sul. Um leitor comum, cujos hábitos de leitura e sua excepcional conduta de colecionador fizeram com que fosse preservado por muitos anos um importante acervo de jornais, revistas, livros, apostilas, folhetos, além das notas de leitura, cópias de cartas, esboços de pregações, planos e relatórios de aulas ministradas nas escolas dominicais, entre outros materiais valiosíssimos para o estudo da recepção e da apropriação dos periódicos produzidos pela AD na década de 1980.

---

<sup>269</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*, p. 53.

## FONTES E REFERÊNCIAS

### Fontes:

“A nova fase da revista Lições Bíblicas”. *A Seara*. Rio de Janeiro. N° 237. Ano XXIX. novembro/dezembro de 1984, p. 26.

“Dados sobre a situação da empresa”. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano 47. N° 10. Agosto de 1977, p. 07-08.

“Goss – Renovação oportuna”. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano 42. N° 06. Março de 1972, p. 07-08.

“Um milhão de exemplares”. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano XLIX. N° 1111. Novembro de 1979, p. 11.

15 de novembro: dia nacional de jejum e oração. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LI. N° 1135. novembro de 1981, p. 02.

A Bíblia explica a crise econômica. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1159. Novembro de 1983.

A carta magna do cristão. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVIII. N° 1221. Setembro de 1988, p. 03.

A escola do cristão. *A Seara*. Rio de Janeiro: CPAD. Ano XXVII. N° 232, julho de 1984, p. 15.

A Igreja, a política e a teologia. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LII. N° 1142. Junho de 1982, p. 18.

A moralidade na Nova República. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1176. Abril de 1985, p. 02.

A morte de Tancredo Neves. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1178. Junho de 1985, p. 10.

Acima de tudo a consciência cristã (Editorial). *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVII. N° 1204. Agosto de 1987, p. 02.

Antônio Gilberto da Silva (verbete). ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD. 2007, p. 789-790.

As novas revistas da Escola Dominical. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LI. N° 1135, novembro de 1981, p. 18.

As responsabilidades do professor. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVIII. N° 1224, dezembro de 1988, p. 22.

Assembléia de Deus elege 13 deputados federais. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVII. N° 1197. Janeiro de 1987, p. 11.

CABRAL, Arézia Lessa. “Memorização de versículo Bíblico”. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LII. N° 1138, fevereiro de 1982, p. 20.

Caped – DF: acontecimento histórico e cheio de bênçãos. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 46. N° 06 de 1976, p. 09.

CAPED prepara 500 professores em Bangu. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1174. Fevereiro de 1985, p. 05.

- Como ensinar com êxito. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVII. N° 1198, fevereiro de 1987, p. 22
- Conheça melhor a sua CPAD. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LI. N° 1125, janeiro de 1980, p. 10.
- Conselho administrativo da CPAD. Atos do CONCAP resoluções. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 47. N° 10, agosto de 1977, p. 08.
- Conserve o MP nas Bancas. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano XLIX. N° 1111. Novembro de 1979, p. 02.
- Constituintes evangélicos: somos contra o aborto. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVII. N° 1200. Abril de 1987, p. 13.
- Cronologia histórica das Assembléias de Deus. ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD. 2007, p. 79-103.
- Curso de aperfeiçoamento de professores da Escola Dominical. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIII. N° 10, outubro de 1974, p. 16.
- Custódio Rangel Pires (verbete). ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD. 2007, p. 700-702.
- Democracia e Comunismo (Editorial) *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1181. Setembro de 1985, p. 02
- Fases da discussão bem orientada. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIV. N° 1166, julho de 1984, p. 18.
- Firmino da Anunciação Gouveia (verbete). ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD. 2007, p. 337-338.
- Igreja e política (Editorial). *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano L. N° 1119. Julho de 1980, p. 02.
- Lições Bíblicas*. 2° trim. de 1984. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.
- Lições Bíblicas*. 3° trim. de 1980. Rio de Janeiro: CPAD, 1980.
- Lições Bíblicas*. 3° trim. de 1984. Rio de Janeiro: CPAD, 1984.
- Lições Bíblicas*. 4° trim. de 1980. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. (contracapa).
- Lições Bíblicas*. 4° trim. de 1985. Rio de Janeiro: CPAD, 1985.
- Lições Bíblicas*. 4° trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.
- Lições Bíblicas*. Revista do professor. Rio de Janeiro: CPAD. Julho/setembro de 1983, p. 10-11.
- Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD. Abril/junho de 1983.
- Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD. Janeiro/março de 1984.
- Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD. Agosto/outubro de 1985.
- Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVI. N° 1182, outubro de 1985.
- Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano XLVIII. n° 1083. Janeiro de 1978.
- Métodos de preleção. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIV. N° 1168, agosto de 1984, p. 18.

- Métodos e técnicas de ensino. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIV. N° 1161, janeiro de 1984, p. 18.
- O aluno da Escola Dominical: suas necessidades e características. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIII. N° 1156, agosto de 1984, p. 18.
- O cruzado vai dar certo. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVII. N° 1197. Janeiro de 1987, p. 19
- O novo plano de revistas da Escola Dominical. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LI. N° 1227, março de 1981, p. 04.
- O uso do método de perguntas e respostas. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LIV. N° 1164, abril de 1984, p. 22.
- Os evangélicos e a sucessão presidencial (Editorial). *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1172. Dezembro de 1984, p. 03.
- Os nossos candidatos à constituinte (Editorial). *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. N° 1191. Julho de 1986, p. 02.
- Os nossos representantes na constituinte. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. N° 1177. Maio de 1985, p. 02.
- Os rumos da constituinte. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. N° 1193. Setembro de 1986, p. 15.
- Os rumos da constituinte. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. N° 1193. Setembro de 1986, p. 15.
- PIRES, Custódio Rangel. *A Seara*. Rio de Janeiro. N° 185, agosto de 1980, p. 08.
- Pode o crente ser político. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LIV. N° 1181. Setembro de 1985, p. 06.
- Por que eleger nossos constituintes. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LIV. N° 1179. Julho de 1985, p. 12.
- Professor, atenha-se à lição. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVI. N° 1168, abril de 1986, p. 04.
- Professor, seja um obreiro aprovado. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVI. N° 1194, outubro de 1986. p, 22.
- Qual a solução para o Brasil? *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVIII. N° 1218. Junho de 1988, p. 14.
- Quem tem medo dos crentes. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, ano LVI. N° 1162. Fevereiro de 1984, p. 08.
- Resposta da redação à leitora Elzira Santos. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 47. N° 08, julho de 1977, p. 04.
- Revista do Professor de Jovens e Adultos. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LII. N° 1136, dezembro de 1981, p. 06.
- ROSA, Valdir. Seção Carta do Leitor. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 47. N° 13, outubro de 1977, p. 04.
- Sendo um professor melhor. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVIII. N° 1218, julho de 1988, p. 22.

SILVA, Antonio Gilberto. *Manual da escola bíblica dominical*. Um curso de treinamento para professores iniciantes e atualização de professores veteranos da Escola Dominical. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.

*Suplemento do Professor*. Plano de aula 07. 4º trim. de 1986. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

Tancredo Neves e as Assembléias de Deus (Editorial). *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano LV. Nº 1174. Fevereiro de 1985, p. 02.

Teologia da Libertação: a ponta-de-lança do Anticristo. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, ano L. Nº 1121. Setembro de 1980, p. 06.

Um evangélico na comissão da Constituinte (Editorial). *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano LVI. Nº 1182, outubro de 1985, p. 02

### Referências:

ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa, (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil Colonial. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. p. 213-233.

AGGIO, Alberto. Regime militar e transição democrática: um balanço do caso brasileiro. *Estudos de sociologia* (UNESP). v. 01. nº. 01, p. 56-74.. 1996.

ALBANEZ, Jocimar Lomba. *Sobre o processo de ocupação e as relações de trabalho na agropecuária: o Extremo Sul de Mato Grosso (1940-1970)*. 2003. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Caminhos Cruzados - Imprensa e Estado Autoritário no Brasil (1964-1980)*, Tese (Doutorado em História Social). 1994. FFLCH/USP.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968 – 1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência*. O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.

AVERBUG, Marcello. Plano Cruzado: crônica de uma experiência. *Revista do BNDES*, v. 12, n. 24, p. 211-240. dez. 2005.

AZEVÊDO, Fernando Antônio. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. (org.) *Fontes Históricas*. 2. ed.- São Paulo: Contexto, 2006. 23-79.

BAPTISTA, S. T. *Fora do Mundo – Dentro da Política: identidade e “missão parlamentar” da Assembléia de Deus em Belém*. Belém. 2002. Dissertação (mestrado em Sociologia) UFPA.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Coord.) *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Tradução Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

BARBOSA, Osmar. *Como escrever qualquer carta*. Correspondência familiar, social, amorosa, comercial, oficial e forense. Requerimentos, ofícios, telegramas e dedicatórias. Editora Ediouro, 1987.

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História*. Petrópolis: Vozes, 2004.



- BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso*. Estudo sobre a revista Realidade (1966-1976). 1998. Tese (Doutorado em Linguística). IEL/UNICAMP, Campinas.
- BOTELHO, Denilson. A República na biblioteca de Lima Barreto: livros, leituras e idéias (ISSN 1980-0339). *Cadernos de história* (UFOP. Mariana), v. 2, p. 33-44, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, p. 183-191, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Leitura, leitores, letrados, literatura* In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRUNNER, F. S. C. *Pedagogia Pentecostal: Quando a Igreja age em espaços que o poder público ignora - O caso da escola dominical das Assembléias de Deus Ministério Belém na zona urbana de Presidente Prudente*. Presidente Prudente, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) UNESP/ P. Prudente.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. 2ª. ed. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CAMARGO, Mario. *Gráfica, arte e indústria no Brasil. 180 anos de História*. 2º edição. São Paulo: Bandeirantes Gráfica – EDUSC, 2003.
- CAMPOS J.R, Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. Editora Ática: São Paulo, 1995.
- CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 4ª ed., tradução de Epharain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Forense Universitária, 1994.
- CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 173-201.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Mari Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A ordem do livro*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 4º Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 77-104.

- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. p. 19-31.
- CHARTIER, Roger. Introdução In: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 4º Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. O Protestantismo e a Palavra Impressa: Ensaio Introdutório. *Ciências da religião* (Mackenzie. Online), v. 06, p. 123-145, 2008. Disponível em: [www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr/issue/view/44](http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr/issue/view/44). Acesso: 18/05/2009.
- CRUZ, Heloisa Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890/1915*. 1. ed. São Paulo: Educ/Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 2000.
- CRUZ, Heloisa Faria. CUNHA, Peixoto Maria. Na oficina do historiador. Conversa sobre história e imprensa. *Projeto história*. São Paulo. Nº 35, p. 253-270, 2007.
- D'EPINAY, Christian Lalive. *O refúgio das massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1970.
- DARNTON, Robert. “Os Leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica”. In: DARNTON, Robert. In: *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da História Cultural Francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1986, 2ª. ed., 3ª. reimpressão, p. 277-328.
- DARNTON, Robert. “A leitura rousseauista e um leitor ‘comum’ do século XVIII”. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 143-176.
- DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da UNESP, 1992, 2ª. ed., p.199-236.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Tradução de Denise Botmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- DENIPOTI, Cláudio. Decência imperial, silêncio republicano normas e gestualidades da leitura em regimentos e estatutos de bibliotecas (1821-1918). *Varia história*. vol. 23, nº 38: p. 597-614, Jul/Dez, 2007.
- ENCARNAÇÃO, Maria. Amélia Dantas. *Imprensa Pentecostal a produção de uma identidade religiosa*. Rio de Janeiro, 1999. Dissertação (Mestrado em História) UERJ.
- FERREIRA, Luzmara Curcino. *Prática de leitura: os limites e as possibilidades instauradas pela materialidade do suporte de textos revista*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP, Araraquara.
- FONSECA, André Dioneu. *A “Década da Colheita”*: uma reflexão sobre as ações doutrinárias na igreja Assembléia de Deus na década de 1990, 2008. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em História). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
- FONSECA, André Dioneu. São Cristóvão e Santo André: os debates sobre a normatização dos usos e costumes nas Convenções Gerais das Assembléias de Deus no Brasil (1930-1980). *Sacrilegens* (UFJF), v. 6, p. 41-59, 2009. Disponível em: [www.ufjf.br/sacrilegens/atuall/artigo6-5/](http://www.ufjf.br/sacrilegens/atuall/artigo6-5/)
- FRESTON, Paul Charles. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. 1993. Campinas: Tese (doutorado em Sociologia). IFCH, UNICAMP, Campinas.

- FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, 1994. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes. 1994. p. 67-159.
- FRIEIRO, Eduardo. *O Diabo na livraria do cônego*. 2 ed.. São Paulo: EDUSP: Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.44.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-179.
- GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GUIMARÃES, Robson Franco. Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos. *Revista de Estudos da Religião*, PUC, São Paulo, v. 1, p. 31-53. 2005.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 4º Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 35-73.
- HÉBRARD, Jean. Pode-se fazer uma história das práticas populares de leitura na Época Moderna? Os “novos leitores” revisitado. *Anais I Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial: FCRB - UFF/PPGCOM – UFF/LIHED*. Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/Herbrad4.pdf>. acesso em 12/02/2011.
- JARDILINO, José Rubens Lima. *A chegada do espírito: Uma visão histórica teológica das Religiões do espírito em São Paulo, na década de 1930*. São Paulo, 1993. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) Instituto Metodista de Ensino Superior.
- JENSEN, Tina Gudrun. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização. *Revista de Estudos da Religião*. nº 1 / 2001/ pp. 1-21. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/> . Acesso em 10/09/2010.
- KINZO, Maria D'alva Gil. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 3-12, 2001.
- KINZO, Maria D'alva Gil. *Oposição e autoritarismo: Gênese e trajetória do MDB, 1966-79*. São Paulo, Idesp/Vértice, 1988.
- KUCINSKI, Bernardo. *O Fim da Ditadura Militar*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- LAMOUNIER, Bolívar e MENEGUELLO, Rachel. *Partidos políticos e consolidação democrática – o caso brasileiro*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- LAMOUNIER, Bolívar, *Voto de desconfiança – eleições e mudança política no Brasil: 1970-1979*. Petrópolis: Vozes. 1980.

- LAMOUNIER, Bolívar (org.). *De Geisel a Collor: o balanço da transição*, São Paulo, IDESP/Ed. Sumaré, 1990.
- LAMOUNIER, Bolívar. O Brasil autoritário revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura. In: STEPAN, Alfred. (Org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LEITE, Antonio Dias. *A transição para a Nova República (agosto de 84 a abril de 85)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LÉONARD, Émile-Guillaume. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. Tradução de Prócoro Velasques Filho e Lóide Barbosa Velasques. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988.
- STRECK, Danilo R. *Correntes pedagógicas: Aproximações com a Teologia*. Petrópolis/Curitiba. Vozes/Celadec. 1994.
- LEONZO, Nanci. *Cultura e Política: o Mundo elegante de Eduardo Prado*, 1989. Tese (Livre-Docência) FFLCH/USP, São Paulo.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. - 8ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *Uma história do Brasil-República*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. 1ª. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.
- MACARINI, José Pedro. A política econômica do Governo Sarney: os Planos Cruzado (1986) e Bresser (1987). *Texto para Discussão*. IE/UNICAMP, Campinas, n. 157, mar. 2009. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/textosdiscussao/texto157pdf>. Acesso em 22/09/2010.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero em grupos pentecostais. *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.
- MACIEL, David. *Argamassa da Ordem: da ditadura militar à Nova República (1974 – 1985)*. São Paulo: Xamã, 2004.
- MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo.
- MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terras que só Deus conhecia: o acontecer e "desacontecer" da romanização na fronteira do Paraguai e Bolívia*. 1. ed. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2009.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp/Fapesp, 2001.
- MATHIAS, Suzeley Kalil. *Distensão no Brasil: o projeto militar (1973-1979)*. Campinas: Papirus, 1995.
- MELO, Marcus André. A formação de políticas públicas e a transição democrática. O caso da política social. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 33, nº 3, p. 443-470, 1990.

- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos*. 2º ed. São Bernardo do Campo: Editora da Universidade Metodista de São Paulo, 2008.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MICHILES, Carlos. *Cidadão constituinte: a saga das emendas populares*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MINA, Andréia Mendes de Souza. *Nós e o mundo. A construção do outro. Alteridade e pertencimento no material de divulgação brasileiro da Igreja Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus na década de 1990*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MOLLIER, Jean-Yves. *A história do livro e da edição. Um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII e XIX*. *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 25, nº 42. p. 521-537, 2009.
- MONTEIRO, C. R Tenório. *As representações da pobreza e as práticas de assistência entre pentecostais: o caso da Assembléia de Deus*. Rio de Janeiro, 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) PUC/RJ.
- OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. *De Geisel a Collor. Forças Armadas, transição e democracia*. Campinas: Papirus, 1994.
- PASSOS, João Décio. *Teogonias urbanas: o nascimento dos velhos deuses*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) PUC/São Paulo.
- PERBONI, Fabio. *A água, o fogo e o sangue: a trindade da salvação. Igreja Assembléia de Deus em Ribeirão Preto (1987-1997)*. Franca, 2004. Dissertação (mestrado em História). UNESP/Franca.
- PERBONI, Fábio. O pentecostalismo “clássico”: A igreja Assembléia de Deus em Ribeirão Preto. *Estudos de História*, Franca - SP, v. 7, n. 1, p. 161-172, 2000.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PIO, Carlos. A Estabilização Heterodoxa no Brasil: idéias e redes políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 16. n. 46. junho, p. 29-57, 2001.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na constituinte. In: PIERUCCI, Antônio Flávio. In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo (Org.). *A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 163-191.
- REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RIVERA, Dario Paulo Barrera. A Reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro: a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus. *Revista USP*, São Paulo, v. 67, p. 78-99, 2005.
- RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já: o grito preso na garganta*. São Paulo Editora: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *O Que é Pentecostalismo?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1994.

- SALGADO, Luciana Salazar. *Ritos genéticos editoriais: autoria e práticas de textualização*, 2007. Tese (Doutorado em Lingüística). IEL/UNICAMP, Campinas,
- SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira” In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes. 1994. p. 34-63.
- SANTOS, Lyndon de Araújo dos. O púlpito, a praça e o palanque: os evangélicos e o regime militar In: FREIXO, Adriano de; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. (Org.). *A ditadura em debate: estado e sociedade nos anos do autoritarismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- SANTOS, Manoel da Conceição. *Essa terra é nossa*. Entrevista e edição de Ana Maria Galano. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SHARP, Jim. A História vista de baixo In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, Tradução de Magda Lopes. 2ª. ed. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Brasil, em direção ao século XXI. In: LINHARES, Maria Yeda (Org.). *História Geral do Brasil*. 9º ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990. p. 385-445.
- SILVA, Sandra Batista de Araujo. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Práticas religiosas pentecostais e processos de inserção na cultura escrita (Pernambuco, 1950-1970). In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. et al. (Org.). *História da Cultura Escrita: estudos nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 395-436.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- SKIDMORE, Thomas. “A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985”. In: STEPAN, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, pp. 27-81.
- SOBRINHO, Almiro Pinto. *Amambai – memórias e histórias de nossa gente*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.
- SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1969.
- SOUZA, Silvia Cristina Martins de. Do tablado às livrarias: edição e transmissão de textos teatrais no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 42, p. 1-23, 2009.
- SYLVESTRE, Josué, *Irmão Vota em Irmão*, Brasília: Pergaminho, 1986.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- VELASCO E CRUZ, Sebastião Carlos; MARTINS, Carlos Estavam. De Castelo a Figueiredo: uma incursão na pré-história da Abertura. In: SORJ, Bernardo & ALMEIDA, Maria Hermínia. (Orgs.). *Sociedade e política no Brasil pós-64*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- VELOSO, Monica Pimenta. Percepções do moderno: as revistas do Rio de Janeiro. In: Lúcia Maria Bastos Neves; Marcos Morel; Tania Maria Bessone. (Org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj/DPA, 2006. p. 312-331.
- VIANA, Luiz Werneck. O Problema da Cidadania na hora da Transição Democrática. *Dados, Revista de Ciências Sociais*, 26, p, 243-264. 1983.

VIEIRA, Evaldo. Brasil: do golpe militar à redemocratização. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). A grande transação*. 2ª edição. São Paulo: SENAC, 2000. p. 87-217.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo Ilustrado, censura e prática de leitura: usos do livro na América Portuguesa*, 1999. Tese (Doutorado em História Social). FFLCH/USP, São Pau